



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A Porta da Malagueira: Proposta de um Centro Interpretativo

Alan Damir Tavares Moreira Krassavtsev

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:
Doutora Soraya de Fátima Mira Godinho Monteiro Genin,
Professora Auxiliar, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador:
Doutor Pedro da Luz Pinto, Professor Auxiliar, Iscte, Instituto
Universitário de Lisboa

Novembro, 2023



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

A Porta da Malagueira: Proposta de um Centro Interpretativo

Alan Damir Tavares Moreira Krassavtsev

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Soraya de Fátima Mira Godinho Monteiro Genin,
Professora Auxiliar, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador:

Doutor Pedro da Luz Pinto, Professor Auxiliar, Iscte, Instituto
Universitário de Lisboa

Novembro, 2023

Agradecimentos

A elaboração Projeto Final de Arquitetura é o fruto da dedicação e esforço de muitos indivíduos notáveis, traduziu-se em apoio, incentivo e persistência que ajudaram a minimizar os momentos de desânimo, ultrapassar obstáculos e a produzir este documento.

Neste sentido, expresso o meu profundo reconhecimento e gratidão:

Aos meus familiares que diariamente contribuíram com toda a paciência e a compreensão, aos meus pais José e Elena.

Agradeço à minha Orientadora, Professora Doutora Soraya Genin, pela orientação excecional e paciência incansável. O seu incentivo constante e apoio inabalável foram fundamentais para este trabalho.

Ao coorientador, Professor Doutor Pedro da Luz Pinto, pelo apoio dedicado e orientação, as suas sugestões valiosas aprimoraram significativamente este trabalho.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão à Bénédicte Gandinie e à Fondation Le Corbusier. A Câmara Municipal de Évora, pela sua colaboração exemplar. Os seus arquivos foram fundamentais para este trabalho.

Ao Arquiteto João António Galhardo dos Santos pela palestra e pelas informações valiosas compartilhadas.

A Drawing Matter pela informação que nos foi disponibilizada provou crucial para a realização desta dissertação.

Aos meus colegas, pela caminhada ao longo do curso.

Aos palestrantes pelas apresentações valiosas, as suas ideias foram essenciais para a pesquisa.

Aos autores citados neste documento e tantos outros pesquisadores apesar de não serem citados, contribuíram para este trabalho.

Finalmente, gostava de agradecer aos Professores do Curso de Arquitetura do Instituto Universitário de Lisboa por todos os conhecimentos transmitidos.

Resumo

Álvaro Siza é uma figura destacada na arquitetura, tanto em Portugal como internacionalmente, com uma carreira que inclui mais de 500 projetos e obras reconhecidas mundialmente. O trabalho dele é celebrado com mais de 100 prêmios e distinções, e recebeu 19 doutoramentos honoris causa por suas contribuições excepcionais para a arquitetura contemporânea. O legado de Siza é amplamente documentado em inúmeras publicações dedicadas à arquitetura inovadora, e sua visão continua a inspirar arquitetos e entusiastas em todo o mundo, solidificando o lugar dele como uma figura icônica no campo da arquitetura.

A obra central de estudo desta tese é o Bairro da Malagueira, um projeto de grande relevância na vasta obra de Álvaro Siza. Construído no período de 1977 a 2005, este projeto é notável pela singularidade do seu desenho urbano e das ligações que estabelece com a cidade histórica de Évora. Diversos pesquisadores destacaram a importância desta obra, não apenas para o contexto urbano de Évora, mas também para o reconhecimento internacional do arquiteto.

A tese inclui um projeto prático que consiste na proposta de um Centro Interpretativo no Bairro da Malagueira. O principal objetivo deste projeto é oferecer uma experiência imersiva e educativa que permita aos visitantes explorar o valioso patrimônio arquitetónico concebido por Álvaro Siza neste bairro. Pretende-se que a proposta de um Centro Interpretativo promova o desenvolvimento de atividades económicas, culturais, sociais, lazer e turismo, com o intuito de exploração e preservação do património do século XX.

Palavras-chave: Álvaro Siza; Bairro da Malagueira; Reabilitação Sustentável; Interpretação Patrimonial.

Abstract

Álvaro Siza is a prominent figure in architecture, both in Portugal and internationally, with a career that includes over 500 projects and works recognized worldwide. His work is celebrated with more than 100 awards and distinctions, and he has received 19 honorary doctorates for his exceptional contributions to contemporary architecture. Siza's legacy is extensively documented in numerous publications dedicated to innovative architecture, and his vision continues to inspire architects and enthusiasts worldwide, solidifying his place as an iconic figure in the field of architecture.

The central focus of this thesis is the Malagueira Neighbourhood, a project of significant relevance in Álvaro Siza's extensive body of work. Built from 1977 to 2005, this project is remarkable for the uniqueness of its urban design and the connections it establishes with the historic city of Évora. Several researchers have emphasized the importance of this work, not only for Évora's urban context but also for the architect's international recognition.

The thesis includes a practical project, which consists of proposing an Interpretative Center in the Malagueira Neighborhood. The primary objective of this project is to offer an immersive and educational experience that allows visitors to explore the valuable architectural heritage designed by Álvaro Siza in this neighbourhood. The proposal for an Interpretative Center aims to promote the development of economic, cultural, social, leisure, and tourism activities, with the goal of exploring 20th-century heritage.

Keywords: Álvaro Siza; Malagueira Neighbourhood; Sustainable Rehabilitation; Heritage Interpretation

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract	vi
Índice de figuras.....	ix
Índice de Tabelas.....	xv
Índice de Gráficos	xvii
Introdução.....	1
Capítulo 1: Álvaro Siza	7
1.1. Contexto histórico e formação profissional.....	7
1.2. Início da carreira e experiência no processo de SAAL	12
Capítulo 2: Bairro da Malagueira.....	17
2.1. Contexto Histórico e Social.....	17
2.2. Estratégias do projeto	22
2.2.1. Eixos estruturantes	37
2.2.2. Equipamentos/Sede da Cooperativa Boa Vontade.....	46
2.3. Caracterização demográfica e enquadramento turístico	63
2.4. Interpretação Patrimonial	67
2.5. Centro Interpretativo/Diretrizes para equipamento cultural da Malagueira.....	68
2.6. Porta Urbana	70
Capítulo 3: Património Mundial e Património Moderno	75
3.1. Conceitos e desenvolvimento histórico	75
3.1.1. Património Mundial.....	76
3.1.2. Património Moderno	78
3.1.3. Património e Desenvolvimento Sustentável.....	79
3.1.4. Reabilitação sustentável	81
3.2. Planos de gestão do património de Le Corbusier	82
3.3. Classificação do Bairro da Malagueira.....	86
Capítulo 4: Proposta	89
4.1. Proposta do Centro Interpretativo da Malagueira/Área de implantação/Programa/Design/Materialidade	89
4.1.1. Programa do Centro Interpretativo da Malagueira.....	90

4.1.2.	Intenções projetuais para proposta do Centro Interpretativo	92
4.1.3.	Materialidade.....	98
4.1.4.	Descrição geral.....	103
4.1.5.	Iluminação natural.....	109
Conclusões		119
Referências Bibliográficas		123

Índice de figuras

Figura 1: Fernando Luís Cardoso de Menezes de Tavares e Távora. Fonte: Publico, 2019	9
Figura 2: Villa Savoye, 1928-1929, de Le Corbusier. Fonte: Architectural Digest, 2018	10
Figura 3: Casa sobre o Mar, 1952, de Fernando Távora. Maquete. Fonte: Revisitar Fernando Távora, 2016.....	10
Figura 4: Quatro Casas em Matosinhos, 1954, de Álvaro Siza. Fonte: Archiweb (s.d.).....	11
Figura 5: Capela de Ronchamp, 1953-1955, de Le Corbusier. Fonte: ArchDaily, 2012	11
Figura 6: Casa Experimental Muuratsalo (1952 – 1953), de Alvar Aalto. Vista para paredes do pátio, que contam com mais de 50 tipos de diferentes tijolos dispostos em vários padrões. Fonte: Archdaily, 2012.....	13
Figura 7: Casa Experimental Muuratsalo (1952 – 1953), de Alvar Aalto. Fonte: Archdaily, 2012.....	13
Figura 8: Parque Municipal da Quinta da Conceição (1975 – 1976), de Fernando Távora. Vista para os vestígios do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Ordem de São Francisco. Portal, ao estilo manuelino. Fonte: Fonte: Leça da Palmeira, 2019	14
Figura 9: Piscina da Quinta da Conceição, 1956-1960, de Álvaro Siza. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023	15
Figura 10: Restaurante de Chá da Boa Nova, 1958-1963, de Álvaro Siza. Fonte: Espaço de Arquitetura, 2013	15
Figura 11: Vista para o Bairro da Cruz da Picada e Centro Histórico a partir do Bairro da Malagueira. Fonte: Autor, 2022	19
Figura 12: Ortofotomapa da zona oeste da cidade de Évora com sinalização do Bairro da Cruz da Picada. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023	20
Figura 13: Plano da DGSU (Direção Geral dos Serviços de Urbanização), elaborado pelo arquiteto Campos Matos. Fonte: Documento cedido pelo Arq. João Galhardo dos Santos, 2023	21
Figura 14: Habitação social em São Vitor (1974), de Álvaro Siza. Fonte: Archdaily, 2018	22
Figura 15: Habitação social em Bouça (1976), de Álvaro Siza. Fonte: Espaço de Arquitetura, 2020..	22
Figura 16: Arco Romano de Dona Isabel, adiante da Praça do Sertório, onde Siza começou o percurso pedonal junto com representantes da Câmara Municipal da Évora. Fonte: Autor, 2023	23
Figura 17: Siza fotografado numa visita ao local em 1977. Fonte: The Architectural Review, 2015...	24
Figura 18: Vista aérea sobre a área de expansão oeste da cidade da Évora, com Bairro da Cruz da Picada e Bairro de Santa Maria na parte central da imagem. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. Publicado por Malagueira.pt, 2020	25
Figura 19: Vista aérea sobre a área de expansão oeste da cidade da Évora. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. Publicado por Malagueira.pt, 2020	26
Figura 20: Capa do 1º Caderno do arquivo de Álvaro Siza. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.00.....	27
Figura 21: Interior da capa e 1ª página do 1º Caderno com estratégia de agrupamentos habitacionais da casas-pátio. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.01	27
Figura 22: Primeiros esboços do Caderno 1 (Pág. 3) com estratégia de traçamento do eixo este-oeste. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.03.....	28
Figura 23: Primeiros esboços do Caderno 1 (Pág. 5) com estratégia de conduta. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.05	29
Figura 24: Vista panorâmica da paisagem com o Aqueduto da Água de Prata de Évora. Fonte: CM-Évora, 2023	30
Figura 25: Vista para os edifícios e ruas da cidade de Évora, que se alinham em relação a estrutura do Aqueduto da Água de Prata. Fonte: Autor, 2023	30

Figura 26: Vista panorâmica da paisagem urbana da Malagueira com a estrutura da conduta. Fonte: Autor, 2023.....	30
Figura 27: Conduta principal, colocada ao longo do eixo este-oeste, formando um pórtico para áreas comerciais e de serviço. Fonte: Autor, 2023	30
Figura 28: Primeiros esboços do Caderno 1 (Pág. 19) que refletem uma procura da compreensão global do território, com apresentação vistas panorâmicas das áreas extensas e notas de referência. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.19.....	31
Figura 29: Primeiros esboços e poema de Siza na página 27 do Caderno 1 (estratégia do Parque Urbano). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.27	33
Figura 30: Relação do Parque Urbano da Malagueira com áreas comerciais e de serviço junto à conduta central ladeada pelo eixo este-oeste. Fonte: Autor, 2022	34
Figura 31: Relação do Parque Urbano da Malagueira com áreas comerciais e de serviço junto à conduta ladeada pela Rua da Conduta. Fonte: Autor 2022	34
Figura 32: Ortofotomapa com representação do eixo este-oeste a partir da entrada do bairro com sinalização das áreas comerciais e de serviço junto da conduta principal e conduta ladeada pela Rua da Conduta. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023.....	35
Figura 33: Relação visual com o perfil do Centro Histórico de Évora, com a Sé de Évora destacando-se ao fundo da perspectiva. Fonte: Autor 2022	36
Figura 34: Vista para o Parque Urbano da Malagueira a partir da Rua Paula Vicente. Fonte: Autor, 2023.....	36
Figura 35: Vista para o Parque Urbano da Malagueira a partir da Rua da Malagueirinha Fonte: Autor, 2022.....	36
Figura 36: O esboço do Caderno 1 (Pág. 35) representa o novo bairro com nota de referência: “Nova Évora 20 março 77”. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.1937	
Figura 37: Detalhe de uma janela e a ideia de enquadramento de um pórtico (ou edifício com portão) demarcando a chegada do eixo este-oeste ao Centro Histórico. Caderno 1 (Pág. 10). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.10	38
Figura 38: Ajuste da ideia de demarcação da chegada do eixo este-oeste ao Centro Histórico. Caderno 1(Pág. 18). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.18	38
Figura 39: Proposta do projeto de Arranjo da Entrada de Alconchel (agosto 77). Largo de Alconchel. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 3617.05.....	39
Figura 40: Proposta do projeto de Arranjo da Entrada de Alconchel (agosto 77). Planta geral. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 3617.03.....	39
Figura 41: Eixo este-oeste (trecho entre Alconchel e a Rua do Liceu). Fonte: Autor 2023.....	40
Figura 42: A área verde do Largo de Alconchel e o pavimento diferenciado (combinação de pedras de granito e calçada tradicional miúda) tem a função de acompanhar o eixo este-oeste, contribuindo para a leitura do percurso pedonal. Fonte: Autor, 2023	41
Figura 43: Relação do Largo de Alconchel com envolvente construído: Porta de Alconchel, Escola de Música, Convento dos Remédios e Pórtico de entrada para o Cemitério. Fonte: Autor, 2023	41
Figura 44: Desenho do esquema da rede viária. Caderno 3 (Pág. 18). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2505.18	43
Figura 45: Ideia de arranjo de uma passagem do curso de água da Ribeira de Torregela e passagem de pessoas junto ao ponto de intercessão dos eixos estruturantes do bairro. Caderno 14 (Pág. 5). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1978. DCM 2515.5.....	43
Figura 46: Ponte da Malagueira. Fonte: Autor, 2023.....	44
Figura 47: Canal de acesso ao lago. Fonte: Autor, 2023.....	44
Figura 48: Pequena ponte na zona mais declivosa da linha de água. Fonte: Autor, 2023.....	44
Figura 49: Ribeira de Torregela junto das escadas da ponte. Fonte: Autor, 2023.....	44

Figura 50: Vista para o Lago da Malagueira a partir do dique. Fonte: Autor, 2023	45
Figura 51: Desenho dos anjos fragmentados. Caderno 27 (Pág. 71). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1978. DCM 2526.71	47
Figura 52: Ortofotomapa com sinalização do eixo este-oeste, primeiras construções realizadas em 1978-1979, exo este-oeste e Sede da Cooperativa Boa Vontade (Casa de Sobreira). Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023.....	49
Figura 53: Esboço da Sede (variante 1, a planta revela a forma de roseta uma fechadura com trinco solto). Caderno 13 (Pág. 35). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.35.....	50
Figura 54: Esboço da Sede (variante 2, onde um grupo de edifícios formam uma praça). Caderno 13 (Pág. 43). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.43	50
Figura 55: A esquerda - desenho do pátio da casa habitacional, e a direita o esboço da Sede (variante 1). Caderno 13 (Pág. 54). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.54.....	51
Figura 56: Esboço da Sede (variante 2, em processo de transformação, ou busca de uma nova solução). Caderno 13 (Pág. 55). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.55.....	52
Figura 57: Esboço da Sede da página 56 revela novas transformações da variante 2. Caderno 13 (Pág. 56). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.56.....	52
Figura 58: A esquerda - o Desenho do interior da casa habitacional. Esboço da Sede (a direita). Caderno 13 (Pág. 61). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.61.....	52
Figura 59: Esboço da Sede (Variante 2). Caderno 13 (Pág. 63). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.63.....	53
Figura 60: Esboço da Sede /Variante 2). Caderno 13 (Pág. 66). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.66.....	53
Figura 61: Esboço da Sede da Cooperativa Boa Vontade. Caderno 13 (Pág. 68). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.68	54
Figura 62: Proposta do projeto do Edifício Sede realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1979). Planta topográfica do Sede Cooperativa da Boa Vontade. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, abril 1979. DCM EM-SC-01	54
Figura 63: Definição de áreas para implantação dos equipamentos junto da Quinta da Malagueira. Caderno 11 (Pág. 36). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2512.36.....	55
Figura 64: Proposta do projeto Sede Social, Creche e Jardim Infantil. Realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (s.d.) Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-29.....	56
Figura 65: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Planta da Cobertura. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-11	57
Figura 66: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Planta Piso Inferior. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-04...	57
Figura 67: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Planta Piso Superior. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-05 .	58
Figura 68: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Planta Piso de Serviços. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-06	58
Figura 69: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Cortes 4, 5 e 6. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-08.....	59

Figura 70: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Alçados norte, sul e Corte 7. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-09.....	59
Figura 71: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Cortes 1, 2 e 3. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-07.....	60
Figura 72: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Alçados nascente, poente e Corte 8. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-10	60
Figura 73: Proposta do projeto da Sede Cooperativa Boa Vontade, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (2005). Planta de Implantação. Fonte: Documento cedido pelo Arq. João Galhardo dos Santos, 2023.....	61
Figura 74: Estudo tridimensional do projeto da Sede Cooperativa Boa Vontade realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (2005). Vista dos alçados sul e este. Fonte: Autor, 2023	62
Figura 75: Estudo tridimensional do projeto da Sede Cooperativa Boa Vontade realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (2005). Vista dos alçados norte e oeste. Fonte: Autor, 2023.....	62
Figura 76: Estudo tridimensional do projeto da Sede Cooperativa Boa Vontade realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (2005). Vista do alçado oeste. Fonte: Autor, 2023.....	62
Figura 77: Mapa com zoneamento de número de indivíduos na cidade de Évora, com demarcação do Bairro da Malagueira. Fonte: Adaptado de GeoCensos (2021).....	65
Figura 78: Porta de Alconchel, Évora. Fonte: Autor, 2023.....	70
Figura 79: Ville Radieuse, 1924, de Le Corbusier. Maquete. Fonte: Archdaily, 2016	71
Figura 80: Broadacre City, 1932, de Frank Lloyd Wright. Maquete. Fonte: Hasta, 2018	72
Figura 81: “Porta Este” do Bairro da Malagueira demarcada pela Conduta aérea, realçando o espaço publico e estabelecendo o contacto visual com o Centro Histórico. Um arco monumental demarca aqui o acesso para o percurso pedonal do pórtico percorrível. Fonte: Autor, 2023	73
Figura 82: “Pórtico monumental” formado pela conduta aérea no cruzamento da via distribuidora do conjunto habitacional e área pública central. Fonte: Autor, 2023	74
Figura 83: Sucessão de pórticos, formadas pela conduta aérea, que demarcam a Rua do Túnel. Fonte: Autor, 2023.....	74
Figura 84: Quartiers Modernes Frugès – limite do Bem Imóvel com demarcação Frugès Municipal Show House – Le Corbusier. Fonte: Adaptado de UNESCO: World Heritage, 2014. Cité Frugès: Plan de Gestion.....	84
Figura 85: Maisons de la Weissenhof-Siedlung – delimitação do elemento constituinte do Bem Imóvel com demarcação do Museu Weissenhof. Fonte: Adaptado de UNESCO: World Heritage, 2014. Maisons de la Weissenhof: Plan de Gestion.....	85
Figura 86: Villa Savoye e a Loge du Jardinier com demarcação da Villa Savoye e demarcação da Proposta do Centro Cultural. Fonte: Adaptado de UNESCO: World Heritage, 2014. La Villa Savoye et la Loge du Jardinier: Plan de Gestion	86
Figura 87: Ortofotomapa do Bairro da Malagueira com indicação das principais vias de acesso e área de implantação da proposta do Centro Interpretativo. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023.....	90
Figura 88: Vista sobre a área de intervenção da proposta do Centro Interpretativo. Fonte: Autor, 2023	90
Figura 89: Vista sobre o Bairro da Malagueira e área circundante - Maquete de estudo (Escala 1/1.500) realizada pela turma 4 PFA, 2022-2023, com exposição do volume da proposta (trabalho individual) do Centro Interpretativo. Fonte: Autor, 2023	93
Figura 90: Maquete (Escala 1/100) do Centro Interpretativo. Fonte: Autor, 2023	94
Figura 91: Maquete (Escala 1/100) do Centro Interpretativo. Fonte: Autor, 2023	95

Figura 92: Relação visual do Centro Interpretativo com área central do Bairro da Malagueira – Maquete de estudo (Escala 1/1.500) realizada pela turma 4 PFA 1, 2022-2023, com exposição do volume da proposta (trabalho individual). Fonte: Autor, 2023	95
Figura 93: Maquete (Escala 1/100) do Centro Interpretativo. Fonte: Autor, 2023	96
Figura 94: Carvalho de cor castanho-claro com laivos dourados. Fonte: Ecoplac, (s.d.)	100
Figura 95: Mármore de Estremoz (extraído da região do Alentejo). Fonte: Critério Favorito, 2023..	100
Figura 96: Calçada de cubos granito 11x11 em fiadas regulares. Fonte: CM-Évora, 2015	101
Figura 97: Calçada tradicional miúda de granito. Fonte: CM-Évora, 2015	101
Figura 98: Pedra de granito de origem do Alentejo. Fonte: Imgranit, (s.d.)	101
Figura 99: Cynodon dactylon, também conhecido como grama. Fonte: Husqvarna, (s.d.)	101
Figura 100: Crataegus laevigata (Midland hawthorn), (Foto tirado no Parque da Malagueira). Fonte: Autor, 2023.....	102
Figura 101: Sycamore ou Planetree (Platanus), (Foto tirado no Parque da Malagueira). Autor, 2023	102
Figura 102: Centro Interpretativo. Balcão de receção e escada pública. Fonte: Autor, 2023	104
Figura 103: Centro Interpretativo, alçado Principal/Sul e planta do rés-do-chão. Fonte: Autor, 2023	106
Figura 104: Centro Interpretativo, planta da cave (pisso -1). Fonte: Autor, 2023	107
Figura 105: Centro Interpretativo, planta do 1º andar. Fonte: Autor, 2023.....	109
Figura 106: Panteão, Roma. Fonte: Wikipédia da História da Arte, (s.d.).....	110
Figura 107: Cúpula do Panteão, com oculo zenital. Fonte: Wikipédia da História da Arte, (s.d.).....	110
Figura 108: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Átrio da entrada principal. Fonte: Autor, 2022	111
Figura 109: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Claraboia e abertura redonda da galeria do 1º andar junto a entrada principal. Fonte: Autor, 2022	111
Figura 110: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Bloco da área desportiva. Fonte: Autor, 2022.....	111
Figura 111: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Interior da área desportiva. Fonte: Autor, 2022.....	111
Figura 112: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Auditório. Fonte: Autor, 2022.....	112
Figura 113: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Biblioteca. Fonte: Autor, 2022.....	112
Figura 114: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Aberturas das salas de aula orientadas para pátio interior e sombreadas pela varanda do 1º andar. Fonte: Autor, 2022	112
Figura 115: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Alçado com pala de sombreamento sobre as aberturas do rés-do-chão. Fonte: Autor, 2022	112
Figura 116: Biblioteca Viipuri (1935), de Alvar Aalto. Fonte: Archdaily, 2015	113
Figura 117: Biblioteca Viipuri (1935), de Alvar Aalto. Vista sobre a cobertura com claraboias. Fonte: Archdaily, 2015	113
Figura 118: Biblioteca Viipuri (1935), de Alvar Aalto. Vista do interior. Fonte: Archdaily, 2015	113
Figura 119: Biblioteca Viipuri (1935), de Alvar Aalto. Corte. Fonte: Archdaily, 2015	113
Figura 120: Biblioteca da Universidade de Aveiro (1988 – 1995), de Álvaro Siza. Fonte: Arquitectura Viva, 2023	114
Figura 121: Biblioteca da Universidade de Aveiro (1988 – 1993), de Álvaro Siza. Vista sobre cobertura. Fonte: RTP Arquivos, 1995	114
Figura 122: Edifício Dimensione Fuoco San Doná di Piave, Itália (1993), de Álvaro Siza. Fonte: Archinform, 2023	115

Figura 123: Edifício Dimensione Fuoco San Doná di Piave, Itália (1993), de Álvaro Siza. Vista do interior. Fonte: Entre ESC, (s.d.).....	115
Figura 124: Biblioteca de recém-ampliado Edifício de Arte e Arquitetura da Universidade de Yale (2008), realizado por Gwathmey Siegel Kaufman Architects. Vista do interior. Fonte: Archdaily, 2011	116
Figura 125: Biblioteca de recém-ampliado Edifício de Arte e Arquitetura da Universidade de Yale (2008), realizado por Gwathmey Siegel Kaufman Architects. Vista da cobertura. Fonte: Archdaily, 2011	116
Figura 126: Centro Interpretativo. Corte A. Fonte: Autor, 2023.....	117
Figura 127: Centro Interpretativo. Alçado oeste. Fonte: Autor, 2023.....	117
Figura 128: Vista para o Centro Interpretativo do parque da Malagueira. Fonte: Autor, 2023	117

Índice de Tabelas

Tabela 1: Nº de Capacidade de Alojamentos e Nº de Dormidas Fonte: Elaboração própria com base em INE (2023).....	64
Tabela 2: Estimativa da população residente na Malagueira com base em dados de Évora. Fonte: Elaboração própria com base em Pordata (2023).....	66

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Faixa etária dos habitantes do bairro da Malagueira. Fonte: Elaboração própria com base em GeoCensos (2021)	66
Gráfico 2: Género da população do bairro da Malagueira. Fonte: Elaboração própria com base em GeoCensos (2021)	67

Introdução

O presente trabalho de projeto tem como propósito a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura. Este trabalho possui uma componente teórica em que se analisa o Bairro da Malagueira. O objetivo deste estudo é atender à necessidade de refletir sobre um território, a fim de desenvolver a proposta de intervenção de um projeto individual, cujo tema é “Reabilitação do Bairro da Malagueira”.

No decorrer do trabalho de investigação da primeira fase denominada “Aprender com Siza”, que serviu como apoio para parte teórico para o projeto, foi elaborado o Livro 1 intitulado “Siza Atlas: Casos de Estudo”¹ e o Livro 2 “O Bairro da Malagueira”, o que foi o resultado do trabalho de campo no Bairro da Malagueira, pesquisa bibliográfica e documental. A maior parte das informações foi obtida na Câmara Municipal de Évora, no Arquivo Documental e Fotográfico e nos Serviços Municipais: Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana e Divisão de Gestão Urbanística. Esta análise envolve os seguintes elementos: Sítio (Evolução Histórica e Planeamento do Território), Plano (Plano de Pormenor do Projeto), Espaço Público (Espaços Verdes e Mobiliário Urbano), Mobilidade (Via Pública Redes Viárias, Pavimentos e Transportes), Conduta (Percurso da Conduta, Percurso de Água no Território), Comércio (Comércio Existente e não Construído), Serviços (Serviços do Bairro e adjacentes), Projetos não construídos, Habitação, Estado de Conservação, Atores Envolvidos e Iniciativas de Projeto e Novos Projetos no Bairro. Além disso, para a avaliação tridimensional da área, foi elaborada em grupo uma maquete à escala 1:1500.

Ao longo da pesquisa realizada na primeira etapa, houve a oportunidade de assistir o Congresso Internacional sobre Património Arquitetónico e Paisagístico, organizado pelo projeto de investigação “Malagueira: Património de todos - Subsídios para a sua classificação/MALAGUEIRA.PT” decorrido na Biblioteca Jorge Araújo do Colégio dos Leões, em Évora, no dia 29 de setembro de 2022. Este congresso foi o primeiro contacto com a investigação em torno do bairro da Malagueira, onde diversos investigadores e profissionais de várias áreas de conhecimento, partilharam experiências e resultados de investigação sobre Património Arquitetónico e Paisagístico do século XX.

¹ e-book 1: “Siza Atlas: Estudo de casos”¹ dedicado a 5 obras de Álvaro Siza, realizados em diferentes contextos, da construção de raiz à reabilitação, com programa e escalas diferenciadas e com largo espaçamento temporal entre projetos: Escola Superior de Educação de Setúbal, 1977-1994; Reconstrução do Chiado, Lisboa, 1988-1993; Pavilhão de Portugal, Lisboa, 1995-1998 e Adega Mayor em Campo Maior, 2003-2006.

A fim de promover uma melhor compreensão da área em estudo, a Professora Dra. Soraya Genin promoveu um ciclo de palestras sobre Álvaro Siza. Cada uma das palestras abordou tópicos específicos relacionados com a obra e a filosofia de Siza, oferecendo uma visão aprofundada do seu trabalho e da importância do Bairro da Malagueira. A palestra “A Malagueira como Nunca o Foi” apresentada pelo Arquiteto João Galhardo dos Santos, ofereceu uma análise sobre história e evolução do Bairro da Malagueira, desde a sua conceção original e os desafios e oportunidades que se colocam atualmente. A palestra “A Conduta” apresentada pelo Arquiteto Rodrigo Lino Gaspar, abordou o papel das infraestruturas e das condutas no contexto urbano, a questão da conduta na obra de Álvaro Siza e como isso afetou a experiência dos habitantes. O Arquiteto Paisagista João Gomes da Silva compartilhou as suas experiências ao realizar o projeto de intervenção paisagística no bairro da Malagueira, sob a orientação de Álvaro Siza. Esta palestra destacou a importância da intervenção paisagística no contexto urbano e como a paisagem é parte integrante da qualidade de vida dos habitantes. A palestra “A Piscina de Marés” apresentada pela Dra. Teresa Cunha Ferreira, professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, ofereceu insights valiosos sobre uma das obras icónicas de Álvaro Siza, detalhando a sua relevância, e oferecendo uma visão sobre o Plano de Gestão da Conservação do Património do século XX.

Também foi realizada uma pesquisa sobre a temática definida, com o objetivo de organizar um quadro conceptual baseado em referências bibliográficas.

A partir deste estudo, foi possível identificar várias características que evidenciam o projeto do Bairro da Malagueira, como um exemplo importante na arquitetura contemporânea. A sua abordagem inovadora do planeamento urbano se destaca pela oferta de soluções criativas para questões relacionadas à integração com o entorno, à habitação, infraestrutura e utilização do espaço público.

Na vertente de elaboração da proposta foram realizadas investigações detalhadas dos desenhos a mão levantada e projetos produzidos pelo Siza, disponibilizados pelo arquivo online da “Drawing Matter”² e Arquivo da Câmara Municipal de Évora consoante dos trajetos de acesso ao bairro e do projeto da Sede Cooperativa Boa Vontade nas suas variantes, que revelam soluções singulares em diferentes períodos.

O intuito de pesquisa passa por se encontrar soluções que podem adequar a proposta com o contexto existente numa forma mais harmoniosa possível, mantendo a coesão visual com o

² Drawing Matter, é uma entidade que explora o papel do desenho no pensamento e na prática arquitetónica a sua maioria permitem hoje aproximar por meio de exposições, publicações, eventos públicos e workshops para estudantes e profissionais. Para mais informações: <https://drawingmatter.org/workshops/>

ambiente construído. Aliando todos os elementos que compõem a área de intervenção - vias de acesso, espaços vazios, incluindo componentes preexistentes (dois moinhos que ladeiam eixos norte-sul e este-oeste) percebe-se uma potencialidade deste local para constituir aqui um lugar com significado, um ponto de ancoradouro de memória, que se apresenta no conceito de Porta Urbana. O projeto a ser desenvolvido está situado na entrada este do Bairro da Malagueira, ligando-o ao Centro Histórico de Évora. O projeto propõe a criação de um Centro Interpretativo que atua como uma “Porta Urbana” para o Bairro da Malagueira. O principal objetivo deste trabalho é estabelecer um equipamento com percursos interpretativos que permitam a compreensão e apreciação do património arquitetónico.

O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro partes. Na primeira parte analisa-se o percurso de Álvaro Siza numa perspetiva histórica desde que começou os estudos na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Estudam-se textos de Álvaro Siza publicados em “Textos 01”, “Imaginar a Evidencia” e entrevistas do jornalista Valdemar Cruz durante mais de uma década, reunidos no livro “Álvaro Siza: Conversas com Valdemar Cruz”, e na obra de Philip Jodidio “Álvaro Siza”.

Analisa-se o início da carreira do arquiteto Siza incluindo o contexto histórico, influências e movimentos artísticos que marcaram a época e contribuíram para a sua formação profissional, para proporcionar uma visão mais ampla sobre os princípios arquitetónicos de Álvaro Siza. O objetivo do estudo na parte 1, tenciona enriquecer a compreensão e apreciação de sua obra arquitetónica, possibilitando uma análise crítica e uma interpretação mais completa dos espaços e volumes criados por ele.

Na segunda parte, analisa-se o objeto de estudo, o Bairro da Malagueira. O maior volume das informações foi obtido na Câmara Municipal de Évora, no Arquivo Documental e Fotográfico. O intuito de pesquisa passa por se encontrar as soluções que podem adequar a proposta com o contexto existente numa forma mais harmoniosa possível, para manter a coesão visual com o ambiente construído.

Expõe-se a caracterização demográfica e enquadramento turístico. A caracterização demográfica oferece uma visão da estrutura populacional, incluindo a distribuição etária, densidade demográfica, composição por género, entre outros. Isto ajuda a identificar o perfil da comunidade local e as suas necessidades. Por outro lado, o enquadramento turístico aborda a infraestrutura para turistas, os fluxos de visitantes, os principais segmentos do turismo (como turismo cultural, de natureza, entre outros) e as estratégias para promover o turismo local. A compreensão do enquadramento turístico é crucial para adaptar a proposta do Centro

Interpretativo às características e expectativas dos visitantes, contribuindo para uma experiência mais enriquecedora e atrativa.

Nesta parte, apresenta-se o conceito de “Interpretação Patrimonial”. A Interpretação Patrimonial é um processo essencial para transmitir o significado e o valor do património arquitetónico e cultural a um público mais amplo, que vai além de uma simples apresentação de factos históricos ou descrição física do património, envolvendo uma abordagem educacional e atrativa que busca criar uma conexão emocional e intelectual entre o património e as pessoas. Esta perceção permite concretizar o programa da proposta do Centro Interpretativo, envolvendo estratégias, que tornam este equipamento acessível e cativante para diferentes faixas etárias e níveis de interesse.

Seguidamente, explora-se o conceito de “Porta Urbana”, que indica uma abordagem estratégica para a localização do Centro Interpretativo e sua função como ponto de acesso distintivo.

Para uma compreensão aprofundada do valor patrimonial da Malagueira, bem como para as políticas adotadas, na terceira parte, apresenta-se uma contextualização teórica abordando os temas de “Património Mundial” e “Património Moderno”. Conduziu-se uma pesquisa documental e bibliográfica que inclui artigos académicos, livros, publicações governamentais e sites de organizações especializadas. Segue-se uma abordagem do conceito de “Desenvolvimento Sustentável” e contribuição do Património para a promoção do Turismo Cultural e do desenvolvimento local. Também é analisado o conceito de “Reabilitação Sustentável”. Desenvolveu-se um estudo com o objetivo de compreender os Planos de Gestão do Património Moderno, selecionando obras de Le Corbusier já incluídos na Lista do Património Mundial. Contactou-se a Fundação Le Corbusier que contribuiu para o trabalho. Apresenta-se os casos de estudo: Quartiers Modernes Frugès (1924 – 1926), Maisons de la Weissenhof-Siedlung (1927) e La Villa Savoye et la Loge du Jardinier (1929 – 1931). Esta análise permitiu perceber a forma de gestão, que garante a conservação do património, bem como promove o desenvolvimento sustentável local, atendendo às necessidades da comunidade e dos visitantes. Há uma forte semelhança entre estas obras e a Malagueira, o que oferece uma perspetiva sobre o impacto da classificação.

Na quarta parte será apresentada a proposta arquitetónica do Centro Interpretativo para o Bairro da Malagueira. Na descrição da proposta, são detalhadas as intenções projetuais que abrangem estratégias de integração sensível ao ambiente local, adaptação ao relevo e aplicação de técnicas de “camuflagem”. A identificação das características-chave e reinterpretação destas características no design da proposta, ajuda a garantir que a intervenção respeite a identidade e integridade da Malagueira e ao mesmo tempo cumpre a sua função prática de orientar e receber os visitantes. Como, por exemplo, a presença de um pórtico monumental no alçado principal do edifício, incorpora as camadas de significado, conectando uma história arquitetónica do passado com a proposta atual, e ao mesmo tempo tornando-o uma referência visual na área circundante.

Abordam-se os materiais a serem utilizados na proposta do Centro Interpretativo, destacando as suas características e relevância para o projeto.

Salienta-se a importância da iluminação natural no design arquitetónico, que proporciona um ambiente funcional, acolhedor e convidativo.

Esta proposta do Centro Interpretativo visa contribuir para divulgar e disseminar junto da população local, mas também junto de outros visitantes nacionais e internacionais, as memórias e o património arquitetónico do renomado arquiteto português Álvaro Siza, como parte da história de Évora dando-lhe visibilidade e reconhecendo a sua importância e valor.

Capítulo 1: Álvaro Siza

1.1. Contexto histórico e formação profissional

“O Autor constrói movido pela emoção e movido pela necessidade, seja erudito, ou seja, popular (...). Constrói igrejas, palácios, casas de favela. A emoção não compreende prioridades, ou hierarquias. (...) A Arquitetura que não corrói nasce da capacidade de emoção. E essa, sem dúvida, é uma capacidade universal” (Siza, 2009).

Álvaro Siza nasceu em Matosinhos, nos arredores da cidade do Porto, Portugal, em 1933. Desde criança Siza usa o desenho como forma de expressar e durante algum tempo esteve dividido entre estudar escultura ou arquitetura. Decidiu pelo curso de arquitetura da Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP), onde estudou entre 1949 e 1955.

Neste período, do final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o mundo passava por uma instabilidade social, política, econômica, arquitetônica e urbana. Surgem ideias inovadoras em que a criação artística, apresentada pelas vanguardas europeias, suporta um aumento das novas formas de expressão e experimentação artística. No campo da arquitetura, esta época testemunhou a introdução de novas possibilidades construtivas e materiais inovadores, muitos dos quais foram inicialmente desenvolvidos para fins militares durante a guerra. A utilização de novos materiais e técnicas de construção permitiu um avanço na conceção e na estética arquitetônica, influenciando o desenvolvimento de estilos como o modernismo e o brutalismo. O modernismo, por exemplo, promoveu a simplicidade e a funcionalidade, afastando-se de ornamentos excessivos e buscando linhas limpas e designs minimalistas. O brutalismo, por sua vez, destacou-se pela utilização de betão armado aparente e formas geométricas marcantes.

Álvaro Siza chegou à Escola num momento de renovação. Naquele período a FAUP (Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto), seguia a metodologia educacional das “Beaux-Arts”³, reformulado pela Reforma de 1957⁴ que era “(...) de matriz tecnológica e moderna implementada no Porto, explorando um ensino humanístico” (Moniz, 2011). O novo

³ “Beaux-Arts” - estilo arquitetónico ensinado nas Escola de Belas Artes de Paris, especialmente a partir da década de 1830 até o fim do século XIX. Para mais informações consultar: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Beaux-Arts>

⁴ A reforma do ensino da Arquitetura de 1957 reafirma a tradição das Belas-Artes e confere importância da autonomia disciplinar da Arquitetura, “por uma orientação pretensamente mais tecnológica”, no entanto, considera que a escola encontrou outras alternativas de carácter humanista e socializante, “com sucessivas experiências numa perspetiva mais globalizante, mais humanista virada para o compromisso social” (Tavares, 1985, citado por Moniz, 2011: 54).

diretor Carlos Ramos (1897-1969) visava grande mudança na gestão da Escola para dar às novas gerações a liberdade de reformar os métodos de ensino e convocou uma série de arquitetos jovens para renovar o corpo docente.

Entre esta nova geração de professores, encontrava-se Fernando Távora (1923-2005), que com apenas de 24 anos já fazia parte da Organização dos Arquitetos Modernos (ODAM) do Porto.

ODAM pretendia através de conferências, exposições e publicações contribuir para a valorização do indivíduo e da sociedade portuguesa estimulando os técnicos, engenheiros e os arquitetos “(...) no sentido de um eficiente e efetivo labor em prol do progresso do País. Obstar a que o amadorismo agressivo, perigoso e desonesto, alastre e lance a Arquitetura no Caos” (Barbosa, 1972, citado por Carmo, 2012: 47).

Na década de 1950 Portugal era amordaçado pela viciosa ditadura Salazarista (1933-1974), cada vez mais incompatível com o desenvolvimento político e cultural que surge na Europa. Contudo, apesar do contexto político, a possibilidade de acesso às obras e artigos publicados em revistas internacionais por arquitetos modernistas (Le Corbusier, Alvar Aalto, Frank Lloyd Wright, e muitos outros) contribui para o conhecimento sobre as vanguardas influentes, a inspiração e a sensibilidade projetual.

O governo salazarista para controlar os avanços do Modernismo europeu elevou uma estratégia política promovendo uma série de incentivos que objetivam uma retomada teórica, crítica e prática das ideais historicistas e culturais portugueses. Para este objetivo, foi promovida sob o ministério de Duarte Pacheco (1900-1943) a produção em massa de habitações populares. O plano era desenvolver um pensamento modernista português próprio, não abandonando as doutrinas tradicionalistas.

Fernando Távora ganha o seu reconhecimento pela publicação em 1945 no semanário ALÈO do artigo “O Problema da Casa Portuguesa”, no qual se levanta uma voz crítica sobre alguns dos modelos pretendidos pelo regime: “(...) habitação tradicional era caracterizada por um determinado número de motivos decorativos que começaram a aplicar-se, esquecendo o elementar princípio de que a Arquitetura não serve os motivos, mas estes pelo contrário, lhe estão submetidos” (Távora, 1945, citado por Carmo, 2012: 46). As habitações que nascem através daquele apriorismo errado “(...) não representam mais do que um catálogo de elementos decorativos tirados das velhas casas dos séculos XVII e XVIII, e outros até estranhos à nossa arquitetura civil” (*Idem*). Aqui Távora discorda com a ideia de procurar manter uma imagem nacional de “eterna aldeia”, neste caso, colocando a construção de habitações unifamiliares nas

periferias das cidades, completamente ignorando às evoluções e necessidades sociais contemporâneas.

O artigo “O Problema da Casa Portuguesa” encontrou resposta em 1947 através de iniciação do processo do “Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal” idealizado por Keil do Amaral (1910-1975) com apresentação esta ideia na revista “Arquitetura: Revista de Arte e Construção”. O inquérito realizou-se entre 1955 e 1960, com o objetivo de estabelecer um conhecimento sobre a arquitetura vernacular portuguesa e os diversos modos de viver no território continental do país, na qual Távora também esteve envolvido. O resultado era publicado em 1961, intitulado “Arquitetura Popular em Portugal”, inquérito que contribuiu para conhecer as tradições e modos de construir da cultura popular portuguesa.

Fernando Távora participou nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM)⁵ desde 1951 em Hoddesdon. O CIAM surgiu em 1928 através de um grupo de vinte e oito arquitetos europeus, organizados por Le Corbusier, Sigfried Giedion (o primeiro secretário-geral) e Hélène de Mandrot (proprietária do Chateau de la Sarraz, na Suíça). O objetivo do CIAM era promover à arquitetura um sentido real, económico e social. Foram realizados onze congressos (nos últimos o arquiteto Le Corbusier já não participou).

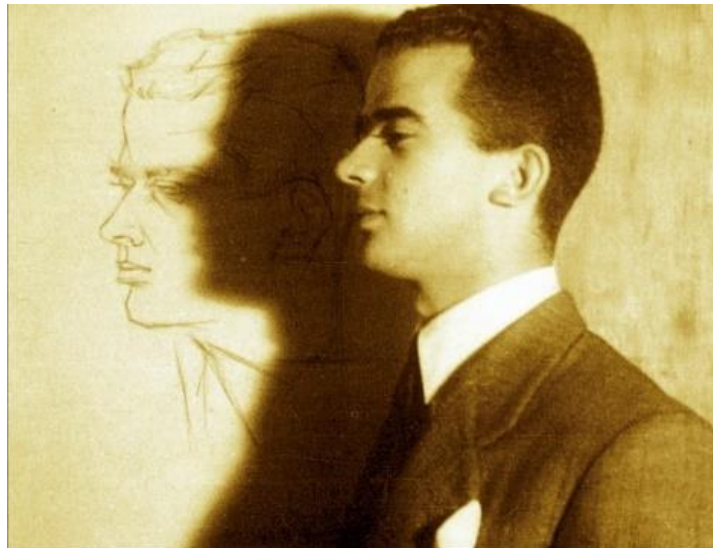


Figura 1: Fernando Luís Cardoso de Menezes de Tavares e Távora. Fonte: Publico, 2019

⁵ Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), uma organização fundada em 1928 e dissolvida em 1959, responsável por alguns eventos e congressos organizados na Europa pelos mais proeminentes arquitetos da época, com o objetivo de difundir os princípios de o Movimento Moderno, com foco nos principais domínios da arquitetura (paisagismo, urbanismo, exteriores, interiores, equipamentos, utensílios, entre outros). Mais informação: https://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso_Internacional_da_Arquitetura_Moderna

Assim sendo, o percurso educativo de Siza acompanharia de perto a corrente de pensamento que Távora desenvolvera, e que tinha, em primeiro lugar, uma forte reflexão acerca da modernidade concebida nas ideias de Le Corbusier (1887-1965), de quem ele admirava: “(...) Le Corbusier, de quem certamente nunca ouviste falar, mas que para mim, e de um modo geral, para gente nova é o Grande Homem, o Mestre, criador de grande parte das soluções modernas e sobretudo o orientador de todo o trabalho que na Europa se fizer nos próximos 100 anos. A minha admiração por Le Corbusier é tão grande que a maquete de Marselha constituiu para mim, juntamente com as obras originais de Picasso no Museu de Barcelona, a sensação e o prazer mais fortes que ainda tive nesta viagem. (...) de dia para dia o meu modernismo se vai enraizando mais fortemente”.

Fernando Távora concluiu os seus estudos de Arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto, em 1952, com a apresentação do CODA (Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto) intitulado como “Casa Sobre o Mar”, onde se revela utilização como um modelo marcante de Estilo Internacional (Movimento Moderno), a Villa Savoye, 1928-1929, de Le Corbusier.



Figura 2: Villa Savoye, 1928-1929, de Le Corbusier.
Fonte: Architectural Digest, 2018



Figura 3: Casa sobre o Mar, 1952, de Fernando Távora. Maquete. Fonte: Revisitar Fernando Távora, 2016

O projeto de Távora manifesta as principais características de Arquitetura Moderna: elevação do edifício do solo, uso de elementos estruturais a vista, emprego de formas geométricas simples e novos materiais construtivos, utilização de grandes vãos, permitindo assim uma integração maior com a paisagem envolvente. Contudo, se nota o interesse do autor pela tradição arquitetónica portuguesa no uso do azulejo branco e azul para revestimento das paredes exteriores.

Sem dúvida, Fernando Távora exerceu sobre Álvaro Siza uma influência, tal como Siza recorda em várias entrevistas ou nos seus textos: Távora “sempre trazia muitas novidades,

contava a visita à casa de Le Corbusier, fazia descrições fantásticas, e isso também acabava por me interessar e fazia-me deixar de pensar na arquitetura como um castigo. (...) ele foi a primeira pessoa na escola que reconheceu algum talento em mim, porque até eu ser seu aluno e tirar notas muito boas, eu só tinha tirado notas bem medíocres. Embora, foi natural porque não tive formação anterior, nem familiar, nem de contactos que me tivessem permitido uma relação anterior com a arquitetura. Pelo contrário, eu queria estudar escultura. (...) meus papéis devem ter sido muito fracos, mas com certeza estavam cheios de interesse e exploração. A primeira vez que alguém reconheceu esses valores, que se traduziram em melhores notas, foi quando eu era aluno do Távora” (Cruz, 2011).

A primeira obra de Siza intitulada como “Quatro Casas”, se localiza na sua terra natal em Matosinhos, produzida em 1954, enquanto ele ainda era estudante (um ano antes de formatura). Sob a influência de Fernando Távora, Siza concebeu um projeto moderno baseado nas tradições portuguesas. O pequeno conjunto é organizado em 4 casas habitacionais cobertos por telhados, projetado para membros de uma família. É interessante observar uma possível influência entre projeto Capela de Ronchamp (Figura 5), uma obra famosa de Le Corbusier que foi completada no mesmo ano em que Siza começou a trabalhar no seu projeto (Figura 4). As quatro casas serviram a Siza como “um laboratório”, onde ele tentou várias experiências com pedra, metal e madeira, onde o “olho experiente” pode reconhecer: a influência da arquitetura folclórica japonesa, a intimidade escandinava de Aalto, a funcionalidade alemã de Gropius ou a exuberância catalã de Gaudí” (Archiweb (s.d.)).



Figura 4: Quatro Casas em Matosinhos, 1954, de Álvaro Siza. Fonte: Archiweb (s.d.)



Figura 5: Capela de Ronchamp, 1953-1955, de Le Corbusier. Fonte: ArchDaily, 2012

1.2. Início da carreira e experiência no processo de SAAL

Em 1955 Siza começou a colaborar no atelier do Fernando Távora, que vê em seu aluno a capacidade intelectual e sobre qual ele depois escreve: “(...) é um dos arquitetos e que a pratica com excelência. (...) Álvaro Siza grande construtor de espaços e de imagens magníficas, com uma obra extremamente complexa, porque sempre igual a si própria e sempre diversa, mas profundamente simples e de criativo rigor”⁶.

Fernando Távora neste período estava envolvido no “Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal”, chefiando o grupo da zona 1, que abrangia o Minho. No ano seguinte, em 1956, durante o CIAM 10 (Décimo Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), o grupo⁷ do Porto apresentou um projeto para uma nova comunidade agrícola no nordeste transmontano. Este projeto foi baseado nos princípios funcionais da habitação vernacular, que foram derivados do “Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa”, iniciado no ano anterior. É fascinante perceber como a arquitetura moderna e os princípios funcionais da arquitetura vernacular foram combinados para criar um projeto que se adaptava ao ambiente rural e expressava as ideais do Movimento Moderno. Esta abordagem integrativa destaca a influência da cultura e das tradições locais na arquitetura, algo que é uma característica marcante do trabalho de Távora e Siza.

Carlos Machado no artigo “Álvaro Siza e a Cidade Fragmentada” reconhece “(...) a presença da ruína na obra de Álvaro Siza, como uma metodologia que permite incluir o passado da cidade e os seus vestígios quanto um importante ponto de partida para abarcar a realidade no seu sentido mais lato” (Machado, 2013). A preservação das ruínas descobertas no local ou reinterpretação criativa das diferentes formas arquitetónicas pretéritas, demonstram a sensibilidade de Álvaro Siza em relação à história, à memória e à integração do passado na sua arquitetura. A utilização de formas fragmentadas e linhas quebradas permitem representar a complexidade e a diversidade da realidade urbana, relacionando e integrando diferentes elementos arquitetónicos no projeto. Alvar Aalto e Fernando Távora, ambos importantes na formação de Siza, também abordaram este tema semelhante, que está relacionado à integração da nova construção no envolvente construído ou natural.

⁶ (Revisitar Fernando Távora, 2016)

⁷ A equipe do projeto era constituída por Fernando Távora, Viana de Lima, Octávia Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias.



Figura 6: Casa Experimental Muuratsalo (1952 – 1953), de Alvar Aalto. Vista para paredes do pátio, que contam com mais de 50 tipos de diferentes tijolos dispostos em vários padrões. Fonte: Archdaily, 2012



Figura 7: Casa Experimental Muuratsalo (1952 – 1953), de Alvar Aalto. Fonte: Archdaily, 2012

A abordagem do fragmento e linha quebrada na obra de Alvar Aalto é um elemento revelador de sua arquitetura. Na Casa Experimental Muuratsalo, que é considerada uma das suas obras mais emblemáticas, Aalto utilizou uma estratégia de fragmentação da casa em várias partes para criar uma estética poética, evocando uma sensação de edifício “em ruínas” ou uma estrutura antiga que se desfez ao longo do tempo. Esta estratégia de design permite promover uma maior integração a natureza ao redor, refletindo uma harmonia com a fragmentação da paisagem da floresta.

A obra do Parque Municipal da Quinta da Conceição foi realizada por Fernando Távora entre 1975 - 1976, é um exemplo notável da valorização dos vestígios históricos do antigo convento, que foram incorporados na nova organização do espaço. Ao utilizar o portal manuelino que Fernando Távora integrou num muro de betão, virado a poente, como ponto de partida para um passeio, atingisse uma narrativa arquitetónica que convida as pessoas a explorar o espaço de uma maneira pensada e intencional. A abordagem de Fernando Távora na Quinta da Conceição, consiste na integração da nova obra num processo coletivo de longa duração, confirmando a importância de trabalhar a partir do existente, demonstrando uma atitude de respeito pelo passado e pela continuidade histórica. Esta abordagem está alinhada com a ideia de que a arquitetura não deve ser vista apenas como um reflexo das características de uma época, mas como uma disciplina capaz de transcender o tempo e estabelecer conexões significativas com o passado e o futuro (Machado, 2013).

Em muitas obras, Álvaro Siza prossegue esta abordagem que valoriza a continuidade do tempo, confirmando que uma obra arquitetónica não é apenas uma intervenção isolada, mas faz parte de uma narrativa mais ampla que abrange o passado, o presente e o futuro.



Figura 8: Parque Municipal da Quinta da Conceição (1975 – 1976), de Fernando Távora. Vista para os vestígios do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Ordem de São Francisco. Portal, ao estilo manuelino. Fonte: Fonte: Leça da Palmeira, 2019

A oportunidade de Siza desenvolver uma obra pública sozinho surgiu quando Távora lhe delega o projeto da Piscina da Quinta da Conceição (1956-1960), e mais tarde, o projeto do Restaurante Casa de Chá da Boa Nova (1958-1963), onde afirma-se as influências da arquitetura moderna. “Na Itália, Espanha e Portugal dos anos 50, Aalto exerceu uma grande influência (...) tenho a certeza de que a minha obra foi influenciada pela de Aalto, mas também por centenas de outros arquitetos,” narra Siza numa entrevista publicada por Philip Jodidio na obra intitulada “Álvaro Siza” (Jodidio, 2013).

O Restaurante Casa de Chá da Boa Nova, é um exemplo notável de integração arquitetónica na paisagem e topografia. A construção deste restaurante envolve uma cuidadosa integração com a paisagem costeira, tirando partido da topografia acidentada e da proximidade ao mar. Os materiais utilizados e a disposição dos espaços são planeados de forma a harmonizar-se com a natureza circundante, criando uma sensação de continuidade entre o interior e o exterior. Além disso, a Casa de Chá da Boa Nova foi classificada como monumento nacional em 2011, reconhecendo a sua importância histórica e arquitetónica para a cultura e o património de Portugal.



Figura 9: Piscina da Quinta da Conceição, 1956-1960, de Álvaro Siza. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023



Figura 10: Restaurante de Chá da Boa Nova, 1958-1963, de Álvaro Siza. Fonte: Espaço de Arquitetura, 2013

No projeto da Piscina da Quinta da Conceição, o programa, lugar e implantação são a tríade fundamental que juntamente com os ensinamentos de Fernando Távora compõem as decisões do arquiteto. Trata-se de um estudo integrado numa obra de Távora sobre os terrenos da Quinta da Conceição para transformação da antiga propriedade privada num parque público. A proposta de implantação da piscina se caracteriza pela relevância exposta sobre os percursos que dão acesso à piscina. O desenho das plataformas de apoio à piscina permite interpretar e redesenhar a topografia, concedendo uma sequência de percursos com relações visuais diferentes, sendo a relação visual com a piscina apenas alcançada na última plataforma.

Observando estas primeiras obras, há uma clara percepção, que Álvaro Siza já no início da sua carreira, começa a se destacar pela genialidade de soluções e sensibilidade, desenvolvendo trabalhos em que o projeto e o lugar fundem-se em um mimetismo único (Conto; Romano; Souto, 2021).

A próxima etapa que trouxe um reconhecimento nacional e internacional da obra de Álvaro Siza surgiu no âmbito do processo SAAL (Bandeirinha, 2001). Neste período foram realizados projetos de habitação de interesse social no Porto: o Bairro de São Victor (1974 - 1977) e o Bairro da Bouça (1975-1977).

A habitação social projetada por Álvaro Siza também se encontra na Vila Cova, onde um conjunto habitacional foi construído no período entre 1970 – 1972. Os projetos de Siza de habitação social no exterior são: “Bonjour Tristesse” (1980-1984) em Berlim, Conjuntos em “Schilderswijk” (1983-1988), em Haia e “Doedjnstraat” (1989-1993), em Haia.

Um dos mais significativos projetos no âmbito da habitação social, é o Bairro da Malagueira iniciado em 1977 na sequência do Plano de Expansão Oeste de Évora, seguindo a experiência do processo SAAL.

José Bandeirinha, ressalta que a experiência do SAAL foi fundamental na carreira de Álvaro Siza, resultando numa abordagem arquitetónica centrada na projeção das interações da experiência direta no território urbano e nas memórias sociais. Isso se traduziu em utilizar instrumentos de projeto para capturar significados e sensibilidades distintas, indo além da simples revitalização dos espaços antigos e preservando momentos negligenciados que corriam o risco de serem perdidos nas transformações urbanas. José Bandeirinha caracteriza a obra do Bairro de São Victor, como um trabalho onde condensaram-se as ideias mais importantes, em que lugar, a “(...) necessidade de fixação, e de reinvenção, de alguns dos mais subtis momentos que caracterizam o ambiente urbano é, em parte, tributária da intensidade dialética que caracterizou o trabalho de projeto no SAAL. Siza nunca o negou. O respeito pela vontade comunitária dos moradores radicava-se no respeito pelos pólos de materialidade que albergavam esses sentimentos comuns, fossem eles ruínas, texturas, intensidades de luz. Foi assim primeiro em S. Vítor, depois em Berlim, em Évora e em Haia” (Idem).

Capítulo 2: Bairro da Malagueira

2.1. Contexto Histórico e Social

Évora, uma cidade antiga e majestosa, que desempenhou um papel fundamental na história de Portugal e continua a manter-se como um dos mais importantes centros culturais e históricos do país. O centro histórico de Évora é uma verdadeira enciclopédia viva de arquitetura, cultura e história, com monumentos, igrejas, ruas e praças que contam histórias de séculos passados. Esta cidade é um reflexo da evolução e fusão de várias culturas e períodos históricos, com vestígios de romanos, mouros, medievais e renascentistas. A paisagem urbana de Évora entrelaça-se com o Aqueduto da Água de Prata, uma obra notável de engenharia do século XVI, é um símbolo poderoso da civilização humana. Ao longo de tempo a cidade construiu uma relação em torno desta infraestrutura, que contribuiu para a elevação grandes obras fora de muralhas, como o Forte de Santo António da Piedade e o Convento da Cartuxa.

A evolução ao longo do tempo e a forma como Évora se adaptou à modernidade, preservando simultaneamente a sua história e herança, é um testemunho notável do equilíbrio entre tradição e progresso. O tempo, de facto, tem validado a solidez dos critérios com os quais a cidade foi inicialmente concebida e construída. Preservar o traço original da cidade e respeitar a memória coletiva ao introduzir inovações e melhorias é um desafio, mas a forma como Évora tem abordado esta tarefa é um exemplo inspirador para outras cidades que enfrentam questões semelhantes. O equilíbrio entre a conservação do património e a adaptação às mudanças é essencial para garantir um futuro sustentável e vibrante para as cidades históricas.

O ano de 1974 marcou um momento decisivo na história de Portugal. A Revolução dos Cravos levou à queda do regime militar liderado por Salazar. A pressão internacional após a Segunda Guerra Mundial também desempenhou um papel preciso na desaprovação dos governos ditatoriais, não apenas em Portugal, mas em várias partes do mundo. Isto resultou em uma abertura gradual para o exterior que trouxe uma lufada de ar fresco à cultura e à sociedade em Portugal. Houve uma valorização crescente da liberdade de expressão, da diversidade cultural e das trocas internacionais.

A década de 1950 foi um período de mudança e reavaliação no mundo da arquitetura, marcado por debates que influenciaram a evolução das ideias arquitetónicas. Em Portugal, uma jovem geração de arquitetos, incluindo figuras proeminentes como Fernando Távora, Nuno

Teotónio Pereira e Nuno Portas⁸, foram inspirados por estes debates e viram uma oportunidade de reavaliar e adaptar a arquitetura às particularidades do território português e às necessidades da sociedade local. Estes arquitetos desempenharam papéis importantes na construção de uma nova cultura arquitetónica em Portugal. As suas ideias e práticas refletiam um desejo de integrar a modernidade com a identidade cultural portuguesa e as características únicas do país.

Após a Revolução dos Cravos em 25 de abril de 1974, Nuno Portas exerceu o cargo de Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, implementando durante o seu mandato várias políticas e iniciativas de habitação e planeamento urbano em Portugal. Algumas das suas realizações incluem a promoção da criação de cooperativas de habitação, o estabelecimento de gabinetes de apoio local (GAT), a conceção do Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) e a condução do processo que levou à adoção dos Planos Diretores Municipais. O SAAL, em particular, foi uma iniciativa importante que visava abordar os problemas de habitação social no país, envolvendo ativamente as comunidades locais na conceção e implementação de projetos habitacionais. A obra do Bairro da Malagueira foi construída na sequência do Plano de Expansão Oeste de Évora, e no seguimento da experiência do projeto SAAL, no entanto, quando o projeto foi iniciado pelo Álvaro Siza em 1977, o SAAL já estava praticamente extinto. “(...) No período imediatamente após a revolução de 25 de Abril de 1974, uma zona muito ampla fora das muralhas da cidade de Évora foi destinada, no âmbito do programa SAAL, a uma Associação de Moradores. Apesar da rápida extinção do SAAL, esta população organizada, composta por cem famílias, manteve a sua intenção de construir a própria casa” (Siza, 2018).

Antes da Revolução dos Cravos, Évora enfrentava desafios urbanos comuns a muitas cidades em Portugal. O rápido crescimento populacional, impulsionado pelos fluxos migratórios do campo para os principais centros urbanos e a migração oriunda das ex-colónias, resultou na formação de bairros clandestinos ao redor do muro medieval da cidade. Estes bairros informais eram caracterizados pela falta de infraestrutura básica, incluindo o acesso limitado a água potável e condições habitacionais não adequadas. A situação dos bairros clandestinos refletia as lacunas nas políticas habitacionais e de planeamento urbano do regime anterior (Bandeirinha, 2011).

⁸ Nuno Rodrigo Martins Portas, reputado arquiteto, professor e urbanista, nasceu em S. Bartolomeu, Vila Viçosa, a 23 de Setembro de 1934. Estudou arquitetura na Escola de Belas Artes de Lisboa e na Escola de Belas Artes do Porto, onde concluiu a licenciatura em 1959. Dois anos antes, tinha começado a trabalhar no atelier do arquiteto Nuno Teotónio Pereira, no qual se manteve até 1974. Em 1974 assumiu o cargo de Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, que conservou durante os três primeiros Governos Provisórios. Para mais informações: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20nuno%20portas

A Câmara Municipal de Évora, no período após a revolução, composta por uma coligação de partidos socialistas e comunistas, que eram vistos como defensores dos direitos dos trabalhadores e das classes mais desfavorecidas, buscava implementar mudanças que atendessem às necessidades básicas da população. Para enfrentar a situação urgente, no Bairro da Cruz da Picada, foi realizada a construção pelo Fundo de Fomento da Habitação (FFH) de quatro torres, alinhadas com a estrada nacional que segue em direção a Lisboa.



Figura 11: Vista para o Bairro da Cruz da Picada e Centro Histórico a partir do Bairro da Malagueira.
Fonte: Autor, 2022

As torres da Cruz da Picada projetadas pelo arquiteto Justino Morais representam os primeiros edifícios em altura construídos em Évora entre 1975 - 1976. Além disso, o bairro diferenciava em relação a outras áreas da cidade, ao integrar grandes espaços e equipamentos de lazer públicos, em contraste com os espaços privados, como quintais e logradouros, que são mais comuns em moradias em banda contínua, uma tipologia predominante em vários bairros de Évora (Gomes, 2013).



Figura 12: Ortofotomapa da zona oeste da cidade de Évora com sinalização do Bairro da Cruz da Picada.
Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023

O Plano da Direção Geral dos Serviços de Urbanização (DGSU), elaborado pelo arquiteto Campos Matos e aprovado em novembro de 1975, representa uma das primeiras tentativas de planeamento urbano para a expansão oeste de Évora. O traçado ortogonal no plano, bem como o zoneamento das áreas urbanas e a implantação de edifícios em altura, são características associadas ao movimento moderno. A tipologia de edifícios em torre era uma resposta comum para a necessidade de fornecer habitação em grande escala, especialmente para a habitação social. A verticalização permite maximizar o uso do espaço disponível e oferecer habitação para um grande número de pessoas.

No entanto, o Plano da DGSU foi vetado por Nuno Portas. “(...) Nuno Portas, Secretário de Estado para a Habitação e Urbanística no primeiro governo provisório, decidiu suspender essas construções e definiu novos princípios. Estes previam a conservação da densidade do plano anterior para mil e duzentas habitações, a preservação da faixa verde que acompanhava uma linha de água, ainda presente, e a construção de habitações baixas e alta densidade. Manifestou-se assim a intenção, decididamente inovadora no País, de preservar o território e experimentar novas soluções para a habitação” (Siza, 2018).

Jorge Silva, arquiteto e vereador da Câmara Municipal da Évora, foi o responsável pelas linhas gerais do Plano de Expansão Oeste (PEO).

por Alves Costa⁹, sobre a influência do SAAL na prática profissional de Siza, “Álvaro Siza é chamado a Évora, a Berlim e a Haia, evidentemente pelo seu já reconhecido talento, mas, também, pela sua identificação com o SAAL. Os seus projetos para estes lugares, além da intervenção em S. Vitor, no Porto, constituem a mais expressiva concretização de uma reflexão coletiva de que foi protagonista importante e que teve lugar durante estes intensos dois anos” (Bandeirinha, 2011).



Figura 14: Habitação social em São Vitor (1974), de Álvaro Siza. Fonte: Archdaily, 2018



Figura 15: Habitação social em Bouça (1976), de Álvaro Siza. Fonte: Espaço de Arquitetura, 2020

2.2. Estratégias do projeto

Ao receber a encomenda do projeto, Álvaro Siza dirigiu-se para Évora com a vocação de fazer estudos e compreender o local de intervenção, que foi realizada entre 18 e 20 de março de 1977 (Santos, 2017).

No primeiro dia, Siza realizou uma visita a pé desde a Praça do Sertório até ao local de implantação do futuro bairro, acompanhado por representantes da Câmara Municipal.

A visita a pé ao local de intervenção, é uma prática valiosa para os arquitetos e urbanistas. Permite uma compreensão mais íntima e específica do ambiente, pois coloca o profissional diretamente em contato com a realidade do terreno e da área circundante.

⁹ Alexandre Alves Costa (1939 -), Arquiteto e professor universitário. No período pós 25 de Abril de 1974, fez parte da Comissão Coordenadora do SAAL/Norte, responsável pelo sector de Planeamento e Apoio ao Projeto. Foi “Adviser” da delegação oficial de Portugal à Conferência das Nações Unidas sobre Estabelecimentos Humanos – Habitat, Vancouver, Canadá (1976). Durante a Porto 2001 Capital Europeia da Cultura, Alexandre Alves Costa foi um dos quatro vencedores do concurso de ideias para a renovação da baixa portuense (zona Leste B). Para mais informações: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20alexandre%20alves%20costa



Figura 16: Arco Romano de Dona Isabel, adiante da Praça do Sertório, onde Siza começou o percurso pedonal junto com representantes da Câmara Municipal da Évora. Fonte: Autor, 2023

Na publicação “Textos 01” de Álvaro Siza, encontra-se a seguinte descrição sobre esta visita a Évora: *“Quando visitei pela primeira vez os vinte e sete hectares da área do plano, notei múltiplas presenças. Antes de mais, o bairro clandestino de Santa Maria, que a inclinação do terreno esconde na estrada para Lisboa e para um outro municipal. Entre as duas estradas existe também uma linha de água: Numerosos vestígios testemunhavam pré-existências diversas: um banho árabe, perto de uma linha de água, e um sobreiro e um tanque numa zona mais alta. Além disso está presente e é fundamental, a Quinta da Malagueirinha, com o laranjal adjacente. Depois uma estrada atravessa também um outro bairro clandestino, Nossa Senhora da Glória, que continua com uma escola e com dois velhos moinhos. Por fim, o edifício de sete andares, construídos no âmbito do plano anterior. Toda esta área era propriedade de uma única Quinta. Do terreno vê-se o belíssimo perfil de Évora, cidade de granito e de mármore (como raramente sucede): dali emergem a catedral, uma igreja românica e um teatro neoclássico”* (Siza, 2009).



Figura 17: Siza fotografado numa visita ao local em 1977. Fonte: The Architectural Review, 2015

Desta forma, Siza teve mais oportunidades de observar detalhes em proximidade, que não podem ser tão visíveis a partir de imagens ou mapas, como texturas, materiais de construção, interações humanas, entre outros. Compreender como as pessoas interagem e se relacionam com o espaço em uma escala humana, ajudando a conceber espaços mais adequados e confortáveis para os usuários. Observar como as pessoas se deslocam na área, identificando padrões de tráfego.

A solicitação de Álvaro Siza à Câmara Municipal de Évora para organizar uma viagem de avioneta ilustra a sua abordagem metódica e atenta para compreender o terreno e as relações entre a área de intervenção e a cidade (Santos, 2017).



Figura 18: Vista aérea sobre a área de expansão oeste da cidade da Évora, com Bairro da Cruz da Picada e Bairro de Santa Maria na parte central da imagem. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. Publicado por Malagueira.pt, 2020

As imagens fotográficas, capturadas durante o voo de avioneta sobre a cidade de Évora, serviram como uma ferramenta para fornecer documentação visual para análise, discussão e tomada de decisões durante o processo de projeto.

Ao analisar as imagens, é possível identificar vários fragmentos urbanos de ocupações diferentes. O desafio de integrar elementos diversos, como edifícios de diferentes períodos e tipologias, é essencial na arquitetura urbana contemporânea. A criação de nova urbanização visava encontrar um equilíbrio e integração sensível destes diversos fragmentos para formação de uma cidade coesa e dinâmica, enriquecida pela interconexão de sua herança histórica e sua visão para o futuro.

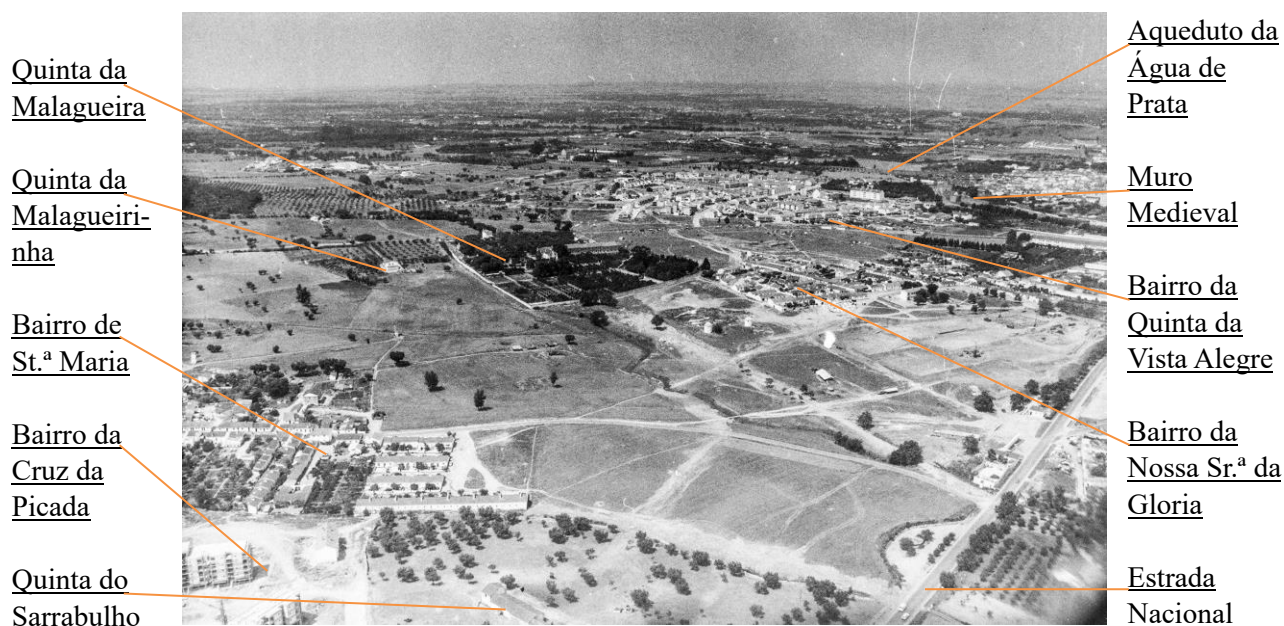


Figura 19: Vista aérea sobre a área de expansão oeste da cidade da Évora. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. Publicado por Malagueira.pt, 2020

Tudo o que captou a atenção do arquiteto era registado para encontrar uma abordagem mais complexa deste estudo. Foram utilizadas diferentes técnicas de anotação: registo fotográfico, desenhos a mão livre, apontamentos e comentários. A complexidade do projeto da Malagueira, juntamente com a intenção de manter um registo detalhado de informações relevantes, resultou na criação de um arquivo, que Álvaro Siza iniciou em março de 1977 organizado em cadernos no formato A4. O “Caderno 1 3/77 Évora/Bouça” exibe na sua capa interior a primeira nota de Siza, que revela a sua ambição - “Construir a nova É(vo)ra” (tirando o que está escrito entre parêntesis lê-se “era”). Na primeira página do caderno podemos observar as várias opções de agrupamento das novas construções em proximidade às habitações dos bairros clandestinos.

Este arquivo, é um verdadeiro repositório de informações segmentadas, que permite reconhecer o maior número de pistas encontradas pelo Álvaro Siza durante esta viagem, para poder entender hoje como foram enfrentados os desafios do projeto. Uma parte destes cadernos, fotos e projetos encontram-se arquivados no Drawing Matter¹⁰.

¹⁰ Drawing Matter, é uma entidade que explora o papel do desenho no pensamento e na prática arquitetónica a sua maioria permitem hoje aproximar por meio de exposições, publicações, eventos públicos e workshops para estudantes e profissionais. Para mais informações: <https://drawingmatter.org/workshops/>



Figura 20: Capa do 1º Caderno do arquivo de Álvaro Siza. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.00

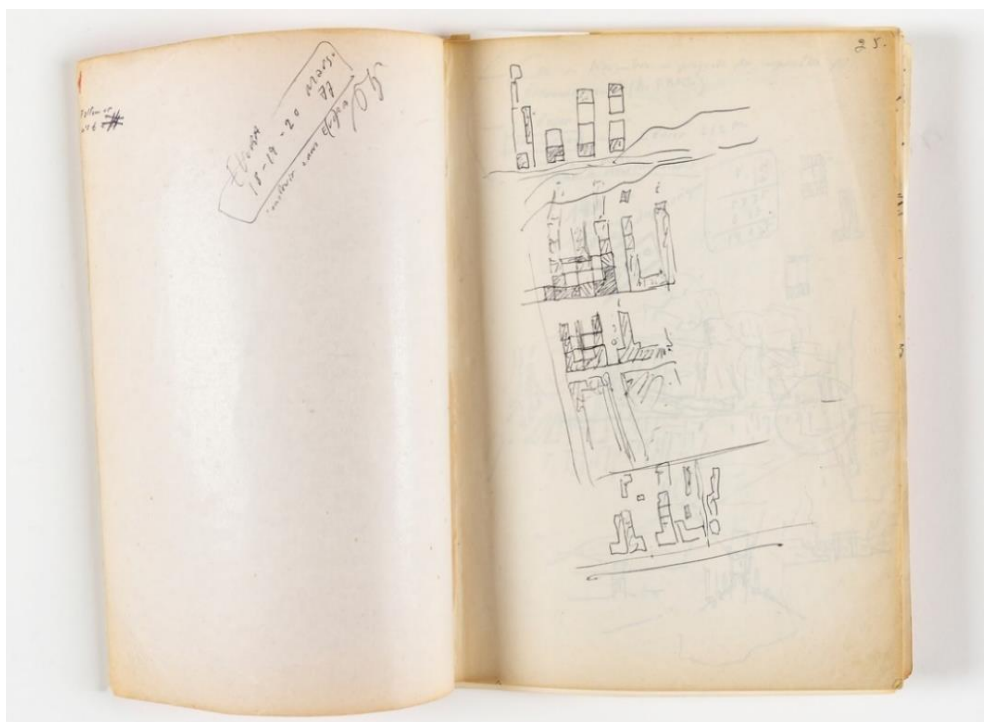


Figura 21: Interior da capa e 1ª página do 1º Caderno com estratégia de agrupamentos habitacionais da casas-pátio. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.01

Uma das principais prioridades do plano era a ligação do Centro Histórico de Évora com o terreno do bairro, bem como a relação com os bairros clandestinos e o ambiente natural.

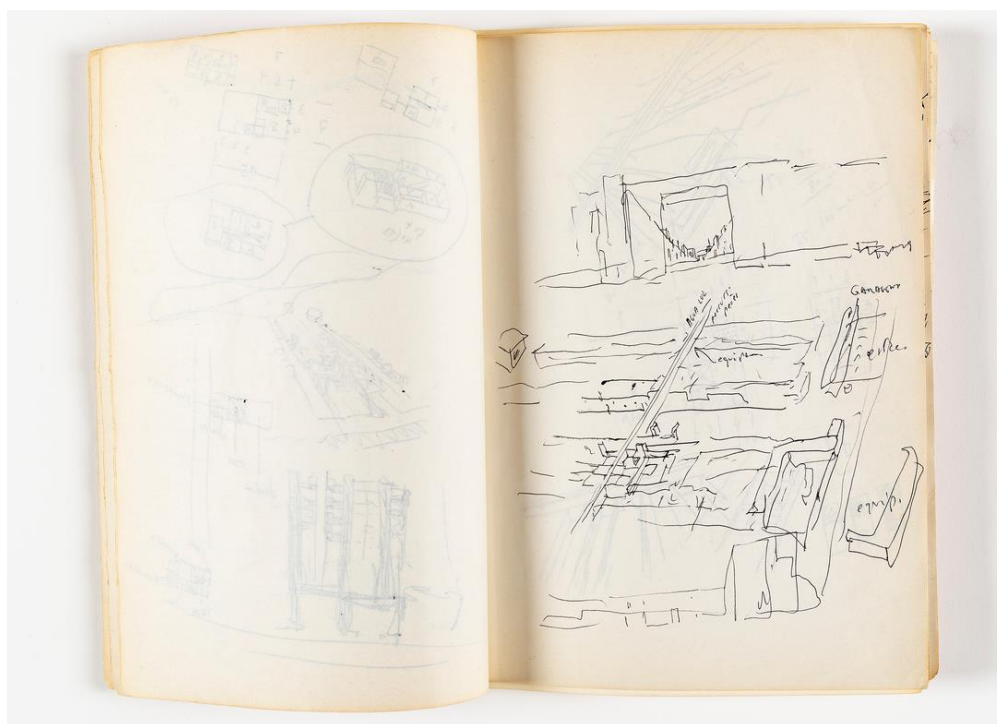


Figura 23: Primeiros esboços do Caderno 1 (Pág. 5) com estratégia de conduta. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.05

“Entretanto surgira-me a ideia de elevar as redes de infraestruturas à altura das coberturas: entre as duas casas contrapostas passa uma conduta secundária, que fornece todas as habitações partindo da conduta principal, colocada ao longo do eixo este-oeste. Opinou alguém que a razão principal desta estrutura seria o aqueduto de Évora, que na realidade me impressionou muito e por isso poderá ter representado uma primeira sugestão. Na realidade, visto que os financiamentos de que dispunha só previam a construção dos fogos, sentia a limitação dada pela presença de uma escala única. Além disso, como dificilmente, até por razões políticas, poderia conseguir interessar outros Ministérios na construção de obras públicas, tinha de encontrar uma solução que permitisse aquele diálogo, que vemos em qualquer cidade, entre o tecido uniforme e contínuo das casas e os edifícios coletivos. Esta grande estrutura, que atravessa todo o terreno, tem por isso e sobretudo a função de definir uma outra escala” (Idem.).



Figura 24: Vista panorâmica da paisagem com o Aqueduto da Água de Prata de Évora. Fonte: CM-Évora, 2023



Figura 25: Vista para os edifícios e ruas da cidade de Évora, que se alinham em relação a estrutura do Aqueduto da Água de Prata. Fonte: Autor, 2023

O Aqueduto da Água de Prata, com a sua imponência e extensão, se destaca na paisagem, criando uma imagem marcante e reconhecível. As edificações e ruas organizam-se em relação a esta estrutura, que definiu os bairros, acessos e infraestruturas urbanas, afetando o desenvolvimento e crescimento da cidade.



Figura 26: Vista panorâmica da paisagem urbana da Malagueira com a estrutura da conduta. Fonte: Autor, 2023



Figura 27: Conduta principal, colocada ao longo do eixo este-oeste, formando um pórtico para áreas comerciais e de serviço. Fonte: Autor, 2023

No início do Movimento da Arquitetura Moderna, a ideia de “tábua rasa” frequentemente se referiu à abordagem de começar um projeto de construção sem se apegar as formas arquitetónicas históricas ou preexistentes. Esta abordagem foi uma consequência da arquitetura historicista do século XIX, que muitas vezes se inspirou em estilos do passado. Arquitetos modernistas, como Le Corbusier e outros buscaram romper com as tradições arquitetónicas

antigas e criar formas e espaços modernos baseados em necessidades contemporâneas, tecnologia e funcionalidade. Em 1915, Le Corbusier publicou um artigo intitulado “Renewal in Architecture”, no qual declara a renúncia à arquitetura regional suíça, optando por uma abordagem mais racionalista, fortemente influenciada pelas obras que havia visto de Auguste Perret, que são focadas nas possibilidades do betão. O livro “Vers une Architecture”, que Le Corbusier publicou em 1923, reunindo os artigos publicados anteriormente em “l’Esprit Nouveau”, onde ele tinha a ambição de abrir “os olhos que não veem” para a grandiosidade da tecnologia moderna de engenharia, que permitiria uma arquitetura liberta do passado. No entanto, apesar de desejar uma arquitetura nova, ele não nega a importância das lições do passado. Assim, ele recorre aos modelos do classicismo para mostrar que estas obras possuem uma lógica racional, um padrão, um princípio, que também procurava para a arquitetura moderna.

Álvaro Siza na sua obra de Bairro da Malagueira desenvolveu uma abordagem complexa e integrada, que reflete o pensamento de Siza em criar uma arquitetura que seja ao mesmo tempo moderno e enraizada na história e na cultura do lugar em que se insere.

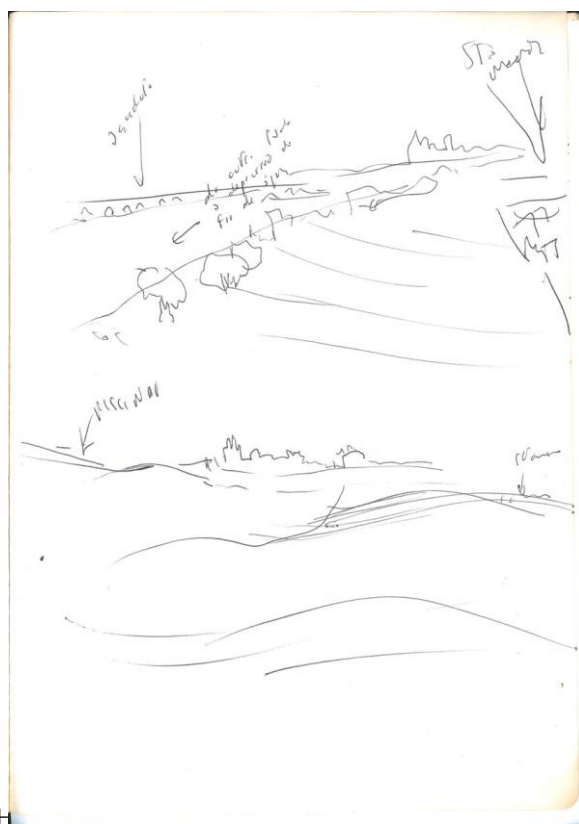


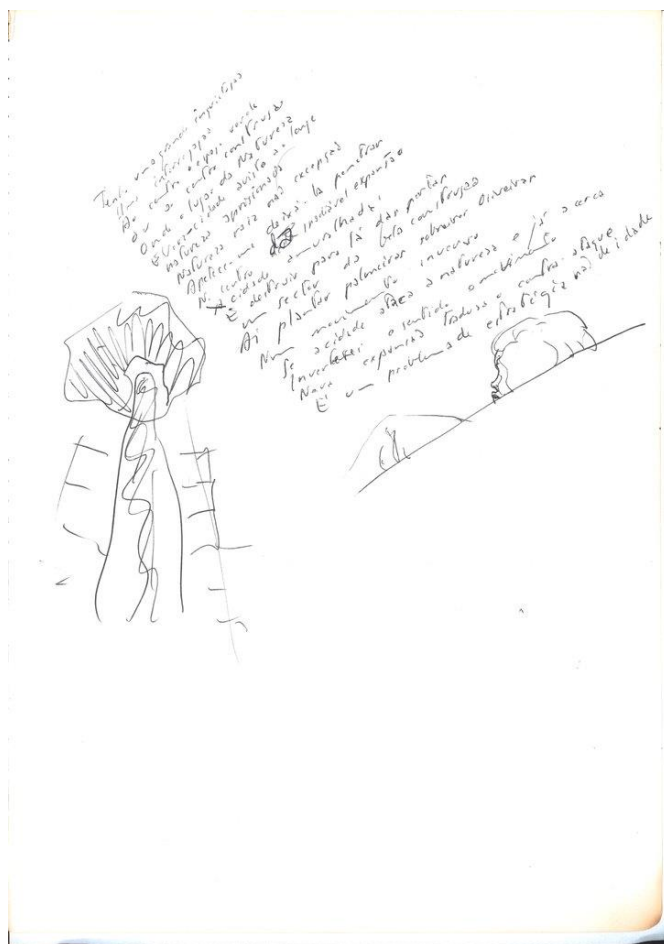
Figura 28: Primeiros esboços do Caderno 1 (Pág. 19) que refletem uma procura da compreensão global do território, com apresentação vistas panorâmicas das áreas extensas e notas de referência. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.19

No seu projeto Siza procura reinterpretar e integrar elementos arquitetónicos do passado de forma cuidadosa e inovadora, adaptando-os às necessidades e contextos contemporâneos. Esta abordagem valoriza a continuidade histórica e cultural, confirmando a importância do legado atualizado enquanto busca inovação e funcionalidade para as estruturas modernas.

O desenho da conduta (elevada e acessível) junto ao eixo este-oeste (avenida principal do bairro) que se ramifica pelas vias secundárias dos quarteirões, cumpre a sua função prática de fornecer água, eletricidade, telefones, gás e televisão, criar galerias para abrigo de pedestres, e formar um pórtico para áreas comerciais e de serviço. Além de melhorar a funcionalidade do espaço urbano, a galeria cria espaços acolhedores promovendo a utilização e a vitalidade dos espaços públicos, criando um ambiente mais acolhedor para os habitantes do bairro e visitantes. Ao seguir o modelo do Aqueduto da Água de Prata, Siza estabelece uma conexão simbólica entre a Malagueira e a cidade histórica de Évora. Esta abordagem também permite uma integração do bairro na paisagem urbana de Évora, manifestando o eixo de ligação com o Centro Histórico, demarcando o espaço público na avenida principal da Malagueira, e estabelecendo o diálogo entre o novo bairro e a cidade eborense.

Para além dos elementos anteriormente mencionados, como o eixo viário este-oeste, a conduta, e os agrupamentos habitacionais, formados por casas-pátio alentejanas com altura não superior de dois andares, a página 27 do Caderno 1, representa um novo elemento central no projeto da Malagueira, provavelmente a mais importante pré-existente, a Natureza. O texto escrito nesta página reflete a relação entre espaço natural e espaço construído, e definição do carácter deste vazio central.

Conforme o Plano previamente previsto, de preservar e criar espaços verdes, especialmente ao longo do curso de água existente, “(...) o que se traduziria na imposição de prever um terço da área do Plano liberta de construção, determina à partida a importância de um “espaço verde central” na estrutura geral do Plano. Uma das decisões ou problemas anunciados com o qual Siza se confrontará será, portanto, a definição do carácter deste vazio central, bem como a forma ou o tipo de relação que as zonas construídas estabelecem entre si e com este espaço, cuja leitura e importância no contexto do Plano seria muito relevante “(Coelho, 2016).



Tenho uma grande inquietação
Uma interrogação
Ao centro o vazio
Ou ao centro construído
Onde a fusão da Natureza
Évora cidade avista ao longe
Natureza aprisionada
Natureza raiz na exceção
Apetece-me deixar-la penetrar
No centro da inadiável expansão
Cidade amuralhada
E destruir para lá das portas
Um setor da bela construção
Aí plantar palmeiras sobreiros oliveiras
Num movimento inverso
Se a cidade ataca a Natureza e já a cerca
Inverti o sentido, o movimento
Nova expansão traduza o contra-ataque
É um problema de estratégia, não de
idade

Figura 29: Primeiros esboços e poema de Siza na página 27 do Caderno 1 (estratégia do Parque Urbano).
 Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.27

A estratégia de criar na área central do bairro o Parque Urbano, estabelece uma “(...) referencia coletiva comum, sobre o qual se organiza e dispõe no projeto os diferentes núcleos compactos que, seguindo a topografia e apoiando-se nos vestígios e elementos pré-existent, vão pousando na paisagem (à imagem dos assentamentos rurais que caracterizam a paisagem alentejana), acabando por admitir simultaneamente algumas semelhanças com os assentamentos espontâneos que marcaram a origem e transformação deste lugar” (Idem).



Figura 30: Relação do Parque Urbano da Malagueira com áreas comerciais e de serviço junto à conduta central ladeada pelo eixo este-oeste. Fonte: Autor, 2022



Figura 31: Relação do Parque Urbano da Malagueira com áreas comerciais e de serviço junto à conduta ladeada pela Rua da Conduta. Fonte: Autor 2022

Como resultado, esta abordagem de planeamento cria uma harmonia entre a presença natural e a intervenção humana, contribuindo para uma sensação de equilíbrio e coesão no planeamento urbano. Além disso, a presença dessa área verde traz benefícios ambientais, sociais e estéticos, tornando o ambiente mais agradável e propício à convivência e à qualidade de vida dos moradores.

A figura em baixo revela a estratégia de configuração da praça central, que foi planeada com um recuo ou “quebra” no fragmento do bairro, seguindo o eixo este-oeste. Esta quebra do fragmento e a criação da praça ajudam a introduzir uma sensação de escala maior na nova

urbanização, tornando esta área num ponto importante no bairro, proporcionando um espaço de encontro e convívio para os moradores. O local de implantação da praça cria relações visuais com o fragmento nordeste do bairro e com o perfil do Centro Histórico de Évora, possibilitando uma interação entre o novo bairro e o Centro Histórico.

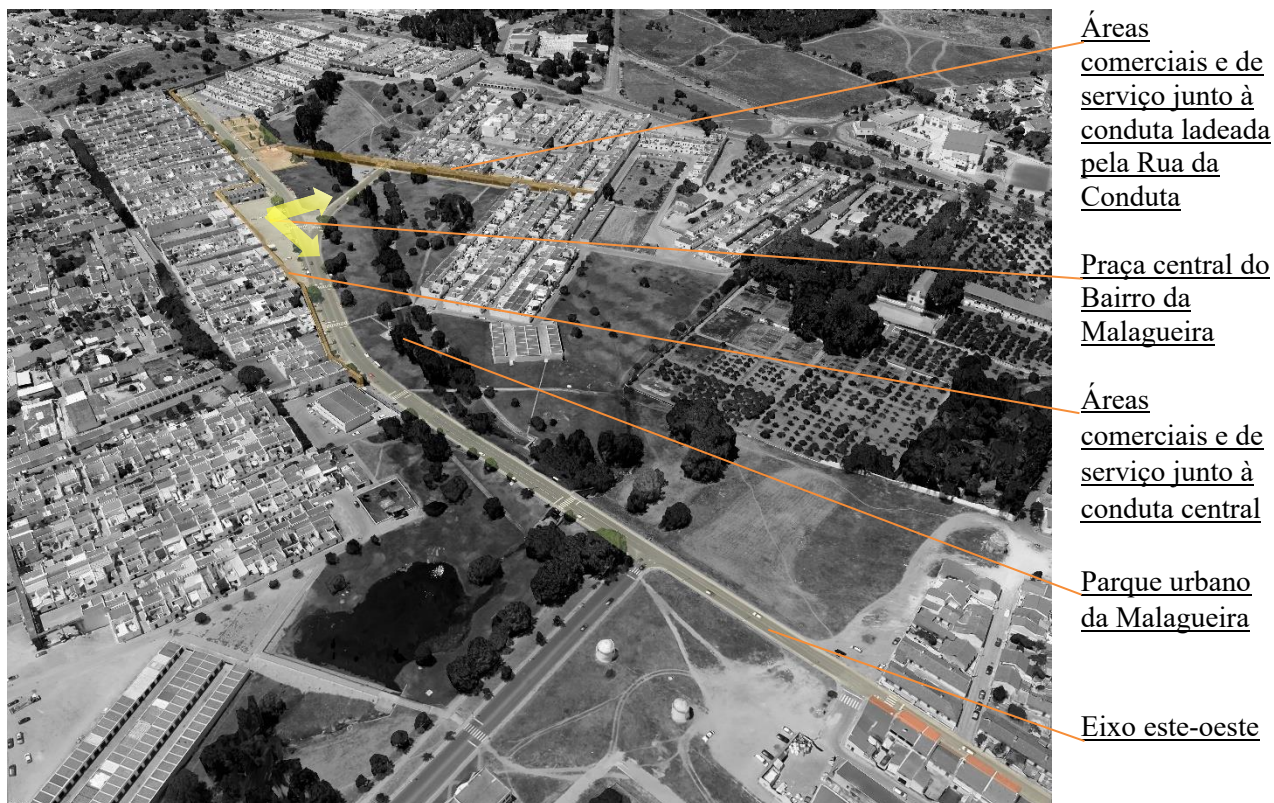


Figura 32: Ortofotomapa com representação do eixo este-oeste a partir da entrada do bairro com sinalização das áreas comerciais e de serviço junto da conduta principal e conduta ladeada pela Rua da Conduta. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023



Figura 33: Relação visual com o perfil do Centro Histórico de Évora, com a Sé de Évora destacando-se ao fundo da perspectiva. Fonte: Autor 2022

A estratégia de orientação das ruas, que delineia setores privados em direção ao espaço central do Parque Urbano, promove a compreensão clara do espaço público e torna a orientação dos habitantes e visitantes mais fácil. As figuras em baixo correspondem as vistas a partir das ruas distribuidoras, em direção ao Parque Urbano.



Figura 34: Vista para o Parque Urbano da Malagueira a partir da Rua Paula Vicente. Fonte: Autor, 2023



Figura 35: Vista para o Parque Urbano da Malagueira a partir da Rua da Malagueirinha. Fonte: Autor, 2022

Tal como refere a nota no canto inferior da página 35 do Caderno 1, três dias depois de Álvaro Siza chegar a Évora, a nova urbanização encontra o seu lugar entre as áreas urbanas existentes, reunindo vários fragmentos de cidade em um tecido consolidado, reconhecendo o valor idêntico das construções formais e informais.



Figura 36: O esboço do Caderno 1 (Pág. 35) representa o novo bairro com nota de referência: “Nova Évora 20 março 77”. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.19

2.2.1. Eixos estruturantes

Álvaro Siza destacou a importância do eixo este-oeste desde a sua primeira visita a Évora, e logo no início do trabalho começou a fazer estudos e esboços que destacavam o valor e a relevância desse eixo na integração do novo bairro com a cidade histórica. Este eixo foi posteriormente desenvolvido e refinado ao longo do projeto, tornando-se uma das estruturas fundamentais que guiaram o plano urbano da Malagueira. Os esboços do Caderno 1 revelam a ideia de reforçar a relevância deste eixo, através do enquadramento de um pórtico monumental próximo à porta de Alconchel, cuja ideia encontra-se na página 10. Este esboço reflete o momento em que Siza caminhava pela cidade, especificamente a rua que liga o novo bairro à Porta de Alconchel.

O pórtico monumental, concebido como um marco distinto, previa a função de orientar e direcionar o percurso dos visitantes ao longo dessa via. Esta estrutura se tornaria um ponto focal, destacando a rota e reforçando a importância do eixo este-oeste na integração do novo bairro com a cidade histórica de Évora.

O ajuste na ideia inicial, apresentado na página 18, ainda revela o pórtico que se encontra incorporado numa ala do edifício da Escola dos Salesianos, pousada a frente da Porta de Alconchel. Posteriormente, a ideia de marcar a chegada do eixo à cidade amuralhada foi

concretizada em uma proposta de aprimorar a qualidade da superfície do espaço urbano adjacente à Porta de Alconchel. Isso incluiu o cuidado no desenho das ruas, implantação de árvores e a proposta de uma fonte, detalhes que foram concretizados em agosto de 1977, na Proposta de Arranjo da Entrada de Alconchel.

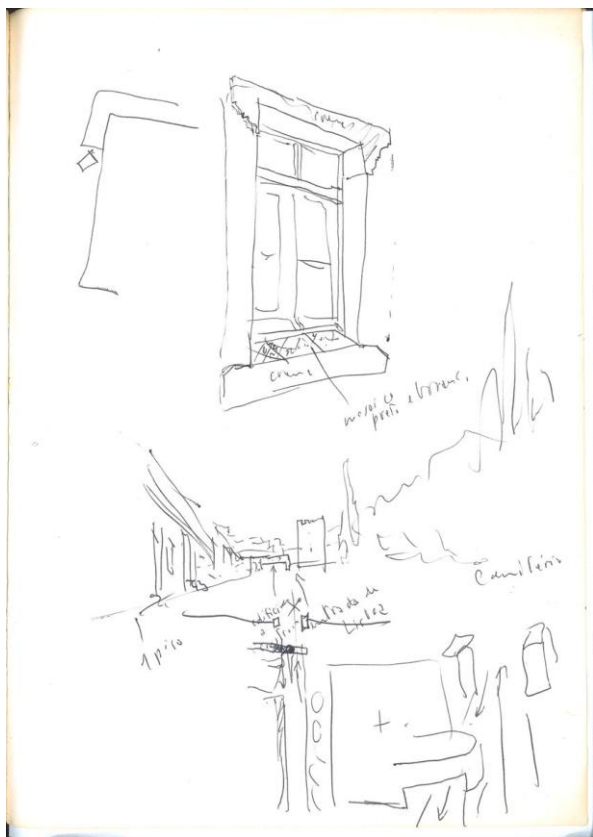


Figura 37: Detalhe de uma janela e a ideia de enquadramento de um pórtico (ou edifício com portão) demarcando a chegada do eixo este-oeste ao Centro Histórico. Caderno 1 (Pág. 10). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.10



Figura 38: Ajuste da ideia de demarcação da chegada do eixo este-oeste ao Centro Histórico. Caderno 1(Pág. 18). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2503.18

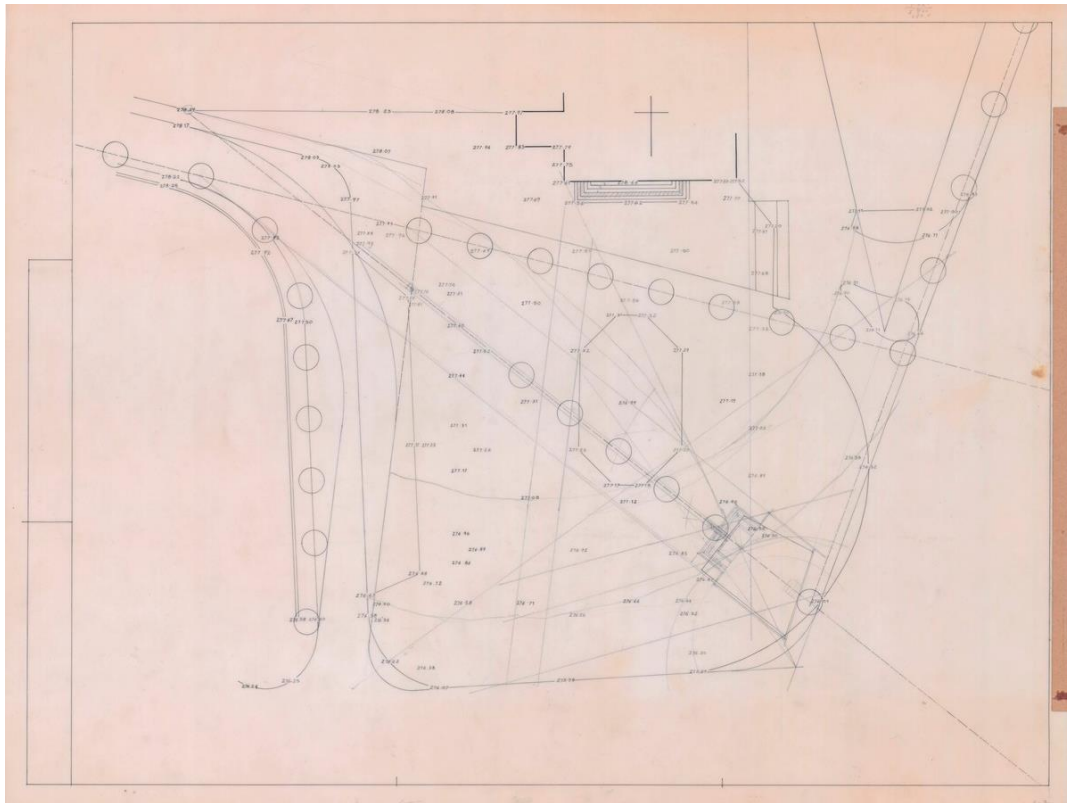


Figura 39: Proposta do projeto de Arranjo da Entrada de Alconchel (agosto 77). Largo de Alconchel. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 3617.05



Figura 40: Proposta do projeto de Arranjo da Entrada de Alconchel (agosto 77). Planta geral. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 3617.03

Neste momento, o eixo este-oeste está restrito ao transporte rodoviário funcionando num único sentido, exatamente, no trecho entre Alconchel e a Rua do Liceu. Ao longo deste trecho encontram-se estacionamentos em forma continua em paralelo a via (ângulo de estacionamento 0°), criando um ambiente monótono e pouco interessante. O enquadramento de árvores proposto no projeto Siza (mencionado acima) não foi executado, o que poderia ter garantido a quebra da monotonia visual. Por exemplo, o uso combinado de sebes com árvores, floreiras e outras cortinas arbóreas ou mobiliário urbano visam garantir a quebra da continuidade visual e, portanto, controlar os níveis de visibilidade oferecidos. Ao realizar a implantação de árvores neste eixo, além de melhorar a estética e a qualidade ambiental, promove-se uma integração e coesão das áreas urbanas.



Figura 41: Eixo este-oeste (trecho entre Alconchel e a Rua do Liceu). Fonte: Autor 2023

De acordo com o Plano de Mobilidade Urbana Sustentável de Évora (PMUSE – Fase II, 2022), está prevista a requalificação dos canais destinados à circulação pedonal – os passeios e as vias pedonais, que deve garantir um percurso acessível com o mínimo de 1,20 metros de dimensão, ausente de barreiras urbanísticas e arquitetónicas. No Largo de Alconchel, está prevista a implantação de um parque de estacionamento para bicicletas públicas, que será um dos 130 pontos de disponibilização e partilha das bicicletas. Neste cenário, o eixo este-oeste vai ser partilhado entre carros e ciclistas (PMUSE – Fase II, 2022).

Alem disso, o PMUSE – Fase II, 2022 prevê outras formas de deslocação que permitem substituir os automóveis por micro-mobilidades que emitem menos gases com efeito de estufa, tais como os sistemas de trotinetes elétricas partilhadas.

A informação de grande importância que contribuiu para concretizar a estratégia da proposta do projeto individual no âmbito da elaboração desta dissertação, foi recebida durante a palestra apresentada pelo Arquiteto Paisagista João Gomes da Silva sobre o plano da Câmara Municipal de Évora referente ao projeto “corredor verde”, que será realizado ao longo do eixo este-oeste, conforme proposto por Siza.

A implantação de árvores representa um passo importante para criar um cenário mais agradável e convidativo para os residentes e visitantes. A vegetação ajuda a suavizar a aparência das estruturas urbanas, proporcionando um contraste agradável e aconchegante. As árvores melhoram a qualidade do ar, proporcionam sombra, ajudando reduzir a temperatura do ambiente. Alem disso, a distribuição das árvores ao longo do eixo este-oeste visa criar uma ligação visual e física entre diferentes partes da cidade.



Figura 42: A área verde do Largo de Alconchel e o pavimento diferenciado (combinação de pedras de granito e calçada tradicional miúda) tem a função de acompanhar o eixo este-oeste, contribuindo para a leitura do percurso pedonal. Fonte: Autor, 2023

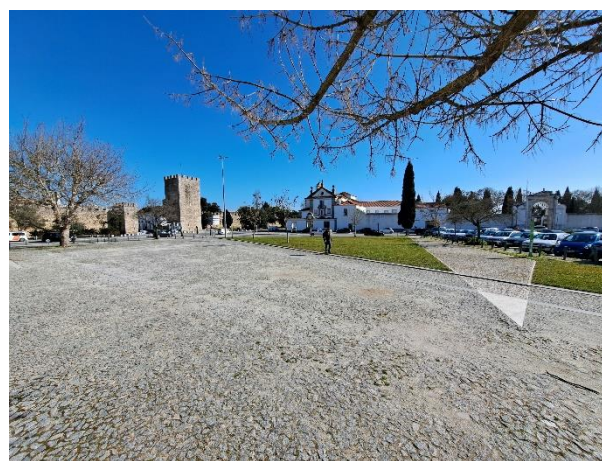


Figura 43: Relação do Largo de Alconchel com envolvente construído: Porta de Alconchel, Escola de Música, Convento dos Remédios e Pórtico de entrada para o Cemitério. Fonte: Autor, 2023

O período entre o qual a proposta do Plano de Pormenor da Malagueira foi desenvolvida ocorre entre março e agosto de 1977, com discussão pública e aprovação em novembro do mesmo ano (Santos, 2017). O “Caderno 3 (maio 77) – Évora (plano) e Bouça” marca uma etapa importante no desenvolvimento do projeto do Bairro da Malagueira. Este caderno representa a fase em que Álvaro Siza se aprofundou na proposta, levando em consideração as análises, ideias e ajustes anteriores.

Nesta fase de desenvolvimento do projeto, Siza definiu a criação do segundo eixo estruturante, o eixo norte-sul. Esta decisão foi orientada pela intenção de facilitar os movimentos entre o bairro e a estrada para Lisboa. O prolongamento do eixo norte-sul além do eixo este-oeste foi destinado para percurso a peões. Como descreve Siza, a intenção era “(...) favorecer os movimentos “invisíveis” entre o terreno e a estrada para Lisboa, decidi traçar também o eixo norte-sul, que se prolonga além do primeiro por um percurso reservado a peões” (Siza, 2018).

Na página 18 do Caderno 3, o esboço do esquema da rede viária revela que a estratégia de demarcação para o eixo norte-sul é semelhante à do eixo este-oeste. Na secção de entrada (junto à intersecção com a estrada para Lisboa), está demarcada uma estrutura (com outra cor de caneta de feltro), provavelmente conferindo uma identidade própria à zona. Além disso, ambos os eixos estão marcados por áreas verdes e pela implantação de árvores no trecho entre a Porta de Alconchel e a entrada para o Bairro de Malagueira.

O desenho na página 5 do “Caderno 14 (janeiro 78) - Évora + BB”, ilustra o ponto de intersecção de dois eixos estruturantes elevados em relação ao terreno circundante. O eixo norte-sul é acompanhado por uma rampa pedonal que possibilita a passagem por um percurso sob o eixo este-oeste, coincidindo com a Quinta de Malagueira. O eixo este-oeste inclui uma ponte de duas secções, onde uma das secções é destinada à passagem de pessoas, e a outra, em forma de um arco de volta perfeita, está situada a um nível mais baixo para a passagem do curso de água da Ribeira de Torregela.

Em 1987 esta ideia foi desenvolvida no projeto do Arquiteto Paisagista João Gomes da Silva, que foi convidado pela Câmara Municipal de Évora para acompanhar trabalhos relativos aos espaços exteriores da Malagueira, sob a orientação de Álvaro Siza (Santos, 2017). Como resultado, surgiu um dique, formando um pequeno lago que conteria as águas da Ribeira de Torregela. “A área da ribeira designada por parque, é entendida como uma grande área de características naturais, e que, por contraste com as zonas densas de habitação, é um espaço aberto. O seu carácter é dado essencialmente pela vegetação, que tenderá a diferenciar sítios, a regularizar e a fixar as margens das linhas de água, o talude do pontão, surgindo como únicos temas construídos, o jardim e o dique. O parque é entendido aqui, não como a “construção” do sítio, mas sim como a “exaltação” do sítio cujas únicas regras a que obedece são as da sua própria natureza (...)” (Siza e Silva, 1987¹¹, citado por Coelho, 2013: 11)

¹¹ Álvaro Siza Vieira, João Gomes da Silva: Memória Descritiva do Projeto de Espaços Exteriores que acompanha o Plano de Pormenor da Malagueira (1987)

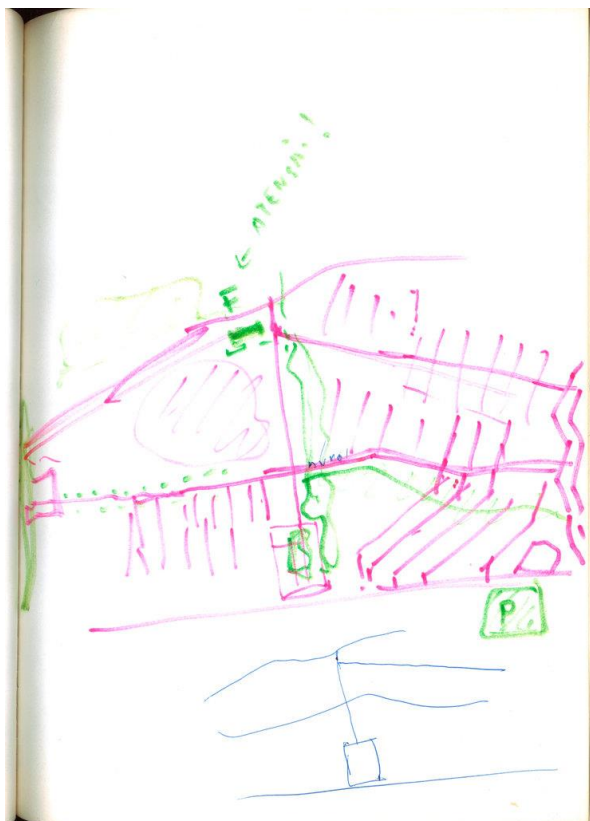


Figura 44: Desenho do esquema da rede viária. Caderno 3 (Pág. 18). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1977. DCM 2505.18



Figura 45: Ideia de arranjo de uma passagem do curso de água da Ribeira de Torregela e passagem de pessoas junto ao ponto de intercessão dos eixos estruturantes do bairro. Caderno 14 (Pág. 5). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1978. DCM 2515.5

A implantação de uma ponte, sustentada por grandes paredes de betão não apenas serve a função de permitir a passagem sobre a ribeira, mas também cria uma presença marcante na paisagem. Esta presença é caracterizada pela linguagem arquitetónica, que ressoa com a ideia de infraestrutura, transmitindo uma sensação de solidez e estabilidade. A escolha do betão, material durável e resistente, realça a ideia de funcionalidade e segurança estrutural. Além disso, ao criar uma forma marcante e imponente, a arquitetura busca gerar impacto visual e simbólico, conferindo identidade ao espaço e comunicando a importância desta estrutura na paisagem urbana.



Figura 46: Ponte da Malagueira. Fonte: Autor, 2023



Figura 47: Canal de acesso ao lago. Fonte: Autor, 2023

O desenho do eixo este-oeste além de organizar uma rota prática, também cria uma declaração visual e arquitetónica que reforça a presença humana na paisagem, destacando a integração cuidadosa do córrego e a preocupação com a identidade e estética da cidade.

O sistema de percursos pedonais que atravessam a área de parque, surgiram dos percursos preexistentes, que receberam um acabamento de calçada e na zona mais declivosa da linha de água foram implantadas pequenas pontes. Junto ao leito da ribeira encontram-se plantas típicas dos prados alentejanos, como por exemplo o Chupa-mel (*Echium plantagineum*) e os Catacuzes (*Rumex crispus*), manifestando o regresso do sistema ecológico na área de ribeirinha. No entanto, uma maior densidade e diversidade de espécies é uma forma de proteger as margens da ribeira contra a erosão causada pela chuva intensa, quando a água corre com força e arrasta o solo para o leito da ribeira, enchendo-a de terra e pedras.



Figura 48: Pequena ponte na zona mais declivosa da linha de água. Fonte: Autor, 2023

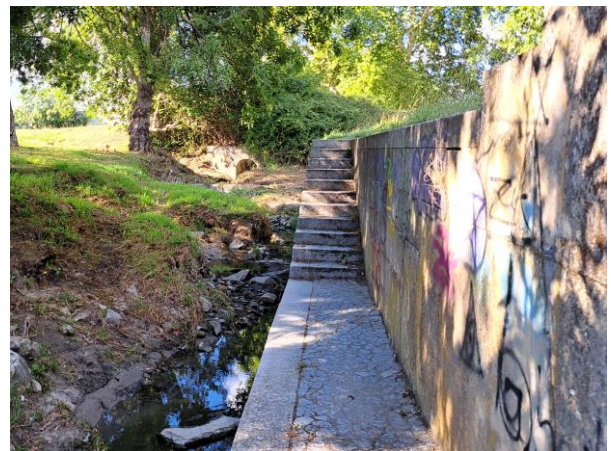


Figura 49: Ribeira de Torregela junto das escadas da ponte. Fonte: Autor, 2023

O reconhecimento do valor da Ribeira de Torregela como um recurso muito importante, demonstra o compromisso de Siza em harmonizar o ambiente natural com o ambiente construído, proporcionando oportunidades de lazer e contato com a natureza para os moradores.



Figura 50: Vista para o Lago da Malagueira a partir do dique. Fonte: Autor, 2023

Atualmente, o Parque da Malagueira é parte integrante de vários percursos ambientais, incluindo percursos a pé e de bicicleta, como o percurso “Eco-Trilho Ribeira da Torregela”¹² e “Percurso Pedonal - Alto de São Bento”¹³. Isso demonstra o valor deste espaço na promoção do contato com a natureza, da atividade ao ar livre e da apreciação do ambiente. Além disso, desde 2009, a Associação “BTT da Malagueira Amigos do Pedal”¹⁴, apoiada pela Câmara de Évora, organiza atividades relacionadas com bicicletas todo-o-terreno e cicloturismo, promovendo o lazer, a formação e a integração social. A associação é inclusiva, acolhendo participantes de diferentes idades, géneros e etnias, e tem sua sede na rua Estrada Santo António nº29.

¹² O percurso “Eco-Trilho Ribeira da Torregela” foi criado com a perspetiva de incentivar a exploração de um território próximo da Ribeira da Torregela, através da identificação de diversos pontos de interesse e da sugestão de experiências de interação. Permite desta forma dar a conhecer características ambientais e de sustentabilidade do património natural/construído. Para mais informações consultar: <https://pt.wikiloc.com/trilhas-caminhada/eco-escolas-eco-trilho-da-esag-ribeira-da-torregela-103676840>

¹³ O percurso “Percurso Pedonal - Alto de São Bento” se encontra demarcado na Folha Nº 5 do Projeto de “Plano de Mobilidade Urbana Sustentável de Évora” (PMUSE – Fase I, 2022). Para mais informações consultar: <https://www.cm-evora.pt/wp-content/uploads/2022/07/05.-MODOS-SUAVES.pdf>

¹⁴ Câmara Municipal De Évora Contrato-Programa Desenvolvimento Desportivo (Cpdd2018/25). Para mais informações consultar: https://www.cm-evora.pt/wp-content/uploads/2020/06/CPDD2018_BTT-da-Malagueira.pdf

2.2.2. Equipamentos/Sede da Cooperativa Boa Vontade

No projeto do Bairro da Malagueira os equipamentos foram distribuídos ao longo da conduta principal e em pontos estratégicos do bairro para atender às necessidades dos moradores numa área de 27 hectares que deveria incluir no total de 1.200 unidades habitacionais. Devido ao caráter social do projeto do Bairro da Malagueira, a comunidade, na execução da obra, encontrou várias dificuldades, assim como, a escassez de materiais, falta de mão de obra qualificada e problema de financiamento. A prioridade dada à construção das moradias reflete a importância de proporcionar habitação digna e adequada para a população, o que é um objetivo fundamental em projetos de habitação social. No entanto, os equipamentos previstos pelo plano não foram construídos.

Os edifícios públicos concebidos pelo arquiteto Álvaro Siza para o Bairro da Malagueira deveriam desempenhar um papel importante na leitura da cidade. Neste cenário, a maioria destes edifícios se desenvolvem ao longo dos eixos estruturantes, oferecendo não apenas funções práticas, mas também contribuindo para a identidade, estética e coesão da comunidade. Entre edifícios públicos criados para esta área do bairro incluem-se: a Semicúpula, Sede da Cooperativa Boa Vontade, Aparthotel, Restaurante, Escola de línguas¹⁵, e uma Clínica Médica. Além destes equipamentos, estava previsto na parte nordeste do Bairro da Malagueira o projeto de uma área comercial, conhecida como “Broadway 2”, que ocuparia toda a extensão da Rua do Túnel. Também estava planeado o projeto de um Complexo Paroquial para ser implantado na zona de transição entre os bairros da Cruz da Picada, de Santa Maria e da Malagueira.

A abordagem arquitetónica de Álvaro Siza, parte da compreensão da cidade como um conjunto de múltiplas singularidades inter-relacionadas. Isto reflete o fascínio de Siza pela fragmentação e colagem, elementos que são aparentemente evidentes nos seus esboços, onde anjos quebrados e fragmentos arquitetónicos interagem e dialogam. Esta abordagem, também está alinhada com a ideia de que a cidade é um organismo vivo, em constante evolução, onde elementos antigos e novos coexistem e se relacionam. A compreensão da cidade como um mosaico de fragmentos e singularidades ajuda a informar o trabalho de Siza, que muitas vezes busca integrar novos edifícios e estruturas na paisagem urbana existente de forma sensível e respeitosa. (Machado, 2013).

¹⁵ O projeto para a Escola de Línguas no Bairro da Malagueira foi desenvolvido no final de 1992, como parte de uma iniciativa privada. A escola seria construída na sequência de habitações de tipologia especial, que estavam sob a responsabilidade da Cooperativa Giraldo Sem Pavor. A escola seria localizada na Avenida do Dique (eixo norte-sul), e encerraria o topo norte dessa faixa habitacional. Como o projeto da Escola de Línguas não foi continuado, posteriormente, no ano 1997, para este lote foi concebido um novo projeto (Clínica Médica) mantendo uma volumetria praticamente idêntica à do projeto original da Escola de Línguas.



Figura 51: Desenho dos anjos fragmentados. Caderno 27 (Pág. 71). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1978. DCM 2526.71

Entre os edifícios públicos destaca-se o projeto da Semicúpula, referido pelo Siza como “Cúpula” é objeto de um prolongado processo de conceção. O objetivo da Semicúpula tal como a conduta foi visto pelo arquiteto, como “(...) uma construção que relacionará construído e espaço aberto, lugar privilegiado da vida coletiva e suporte essencial do desenvolvimento da cidade. Não foi ainda construída e, apesar de terem sido já feitos os cálculos estruturais (e não custar muito), a garantia da sua construção é ainda longínqua. E, contudo, a semicúpula está lá, foi-se definindo lentamente e à medida que tomavam forma os elementos ao lado desta pequena praça, que é o seu suporte” (Siza, 2018).

A Semicúpula, teria sido um marco arquitetónico e um ponto de referência visual importante para o bairro, proporcionando um local de encontro, contemplação e atividades públicas.

O projeto do Restaurante, concebido para se localizar em um relevo elevado e servir como ponto de referência na área, tinha como objetivo consolidar a integração dessa parte do terreno na Malagueira. Além disso, desempenharia um papel importante na relação com a cidade em várias escalas. Este edifício-miradouro seria uma marca do término do eixo este-oeste do Bairro da Malagueira, e que devia estabelecer uma conexão visual com o Centro Histórico de Évora.

A relação entre o eixo norte-sul e a área adjacente à lagoa, que se conecta com o bairro da Nossa Senhora da Glória, ganha uma maior profundidade devido à valorização que Álvaro Siza planeou para os moinhos, que ladeiam o percurso pedonal entre os bairros clandestinos e, no projeto de Siza, são incorporados na paisagem de forma relevante. O projeto para este local previa a criação de uma pequena Clínica Médica e um Aparthotel que ficariam em ambos os lados do percurso pedonal. Além disso, os moinhos seriam integrados no empreendimento hoteleiro. Esta abordagem de incorporar elementos preexistentes, como os moinhos, em uma obra nova, é uma característica do trabalho de Álvaro Siza, que frequentemente busca uma integração harmoniosa entre o contemporâneo e o contexto histórico.

A Sede da Cooperativa Boa Vontade representa o principal objeto de estudo devido à sua inserção na área proposta para um projeto individual, que é parte integrante do trabalho desta tese. Neste contexto, o interesse reside em analisar o desenvolvimento das ideias concebidas pelo arquiteto Álvaro Siza para o projeto da Sede, considerando as várias variantes que levaram à decisão sobre a área de intervenção, a configuração do plano de implantação, a volumetria do edifício e o programa do projeto.

A Cooperativa Boa Vontade, que contratou Álvaro Siza para projetar a Sede foi uma das entidades que esteve envolvida na construção do Bairro da Malagueira desde o início. Nessa época, a Sede da cooperativa estava localizada na Casa da Sobreira, situada entre o Bairro de Santa Maria e o Bairro da Malagueira, e essa sede ainda permanece no mesmo local até os dias de hoje (Santos, 2017).

A construção do bairro envolveu uma colaboração entre o setor público, o setor privado e as cooperativas, nomeadamente a Cooperativa Boa Vontade e a Cooperativa Giraldo Sem Pavor. Na primeira fase, as construções foram realizadas na parte sul e sudeste do terreno, consolidando a integração entre os bairros de Santa Maria, Nossa Senhora da Glória e o novo bairro, promovido pelo eixo este-oeste e novos quarteirões. Esta integração incluiu ainda a introdução da nova rua “Broadway”, que conectou os bairros existentes.

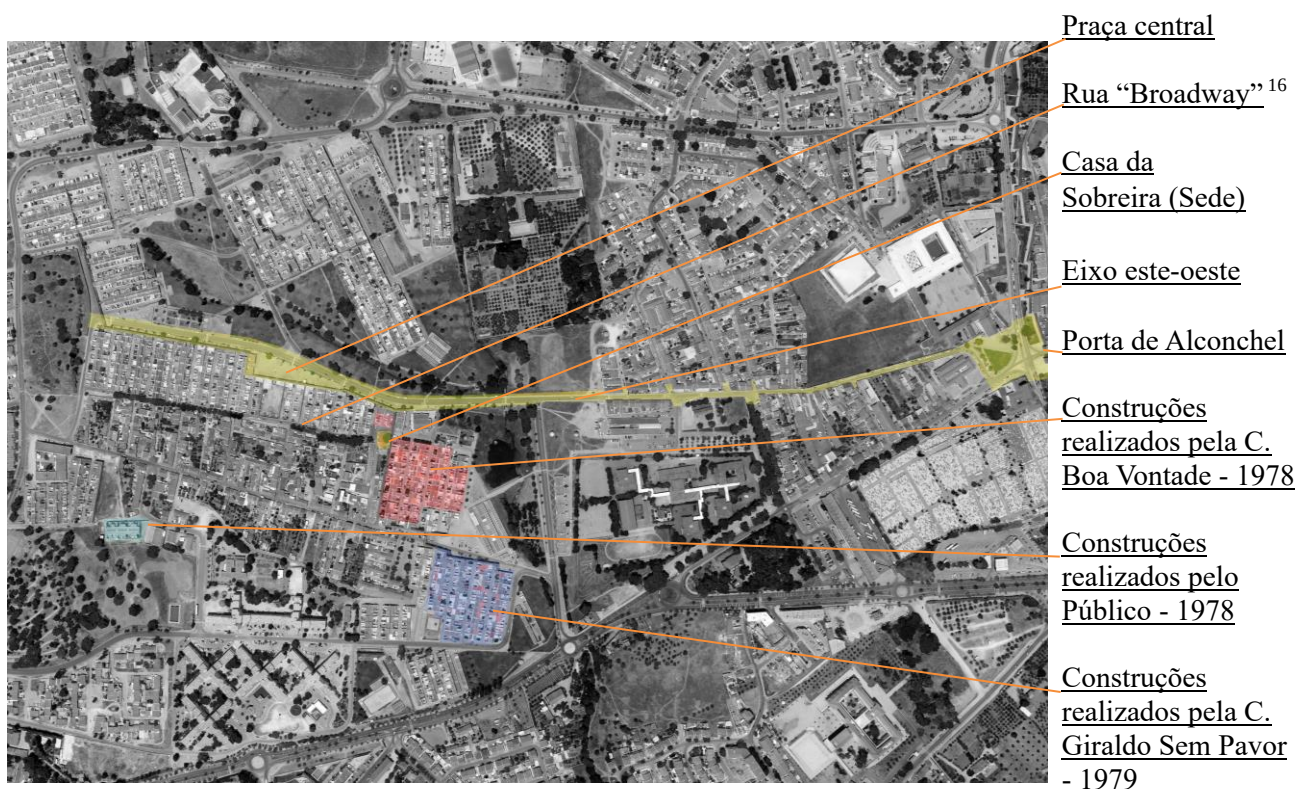


Figura 52: Ortofotomapa com sinalização do eixo este-oeste, primeiras construções realizadas em 1978-1979¹⁷, eixo este-oeste e Sede da Cooperativa Boa Vontade (Casa de Sobreira). Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023

O projeto da Sede da Cooperativa Boa Vontade, concebido por Álvaro Siza para o Bairro da Malagueira, passou por várias fases de desenvolvimento. No arquivo de Siza, os primeiros esboços da Sede estão no Caderno 13, produzido em dezembro de 1977. Os desenhos nesse caderno refletem a busca por uma solução arquitetónica mais precisa.

Havia duas principais variantes consideradas pelo arquiteto nesta altura para o projeto da Sede. Na primeira variante, o edifício da Sede foi composto por quatro elementos, onde três volumes estavam interligados entre si, e o quarto bloco era disposto na frente do pátio do volume central. O programa da Sede incluía uma biblioteca, auditório (ou “cinema”, como revela um dos desenhos), sala polivalente e os escritórios. Os volumes do edifício se transformaram e se adaptaram nas próximas etapas de desenvolvimento, ganhando a sua materialização na proposta junto à entrada do eixo este-oeste para o novo bairro. A planta da Sede revela um desenho do estilo do cubismo, que se assemelha a uma fechadura ou à roseta de uma fechadura com uma peça de trinque. O cubismo, um movimento artístico do início do

¹⁶ Rua dos dois Bairros

¹⁷ Sousa, Ludovico (2016). Um retrato do Bairro da Malagueira. Dissertação de Mestrado, Évora. Departamento de Arquitetura da Universidade da Évora. Disponível em: <http://rdpc.uevora.pt/handle/10174/21553?mode=full>

século XX, é conhecido por representar objetos e formas a partir de múltiplos ângulos e perspectivas, muitas vezes desconstruindo e reorganizando as formas de uma maneira abstrata. Neste contexto, o uso do cubismo no esboço da planta da Sede pode ter sido uma escolha estilística para criar uma representação única e simbólica do edifício. A interpretação de uma fechadura ou roseta da fechadura pode ser uma metáfora visual que sugere a ideia de que a área onde o edifício será implantado é a “porta de entrada” e onde se encontra a “chave” do novo bairro. Marcando o ponto de acesso para o bairro o edifício simboliza este momento.

A outra variante que Álvaro Siza explorou para o projeto da Sede representava a área de uma praça. Nessa variante, a praça era ladeada por um edifício em forma de um semicírculo, o volume da Sede (com planta de linhas retas) estava disposto paralelamente a outro edifício com planta em forma de um retângulo. Além disso, havia um conjunto de três blocos conectados por uma soleira (ou muros com pórticos), formando uma espécie de semicírculo em frente ao alçado principal da Sede. Com essa disposição dos alçados envolventes, a praça assumia uma forma orgânica e não rigidamente definida. Os desenhos das artistas que trabalharam em estilo do cubismo estão cheios de significado, e se olhar com este ponto de vista (ideia de observação) para o desenho, é possível ver no canto inferior a forma do prédio que potenteia uma “chave”, ou pode ser interpretada como “chave”.

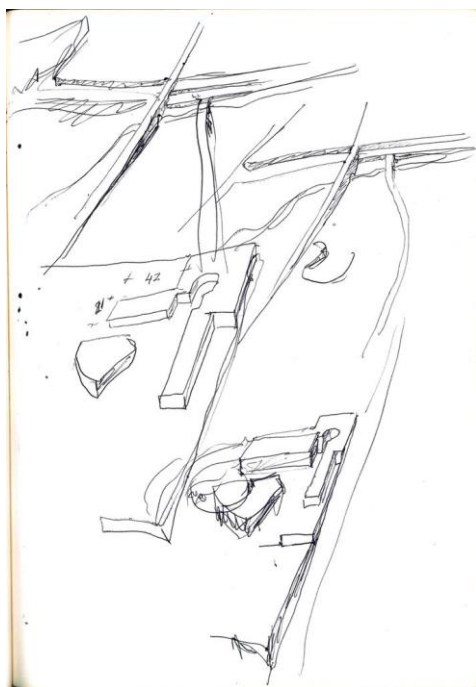


Figura 53: Esboço da Sede (variante 1, a planta revela a forma de roseta uma fechadura com trinco solto). Caderno 13 (Pág. 35). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.35

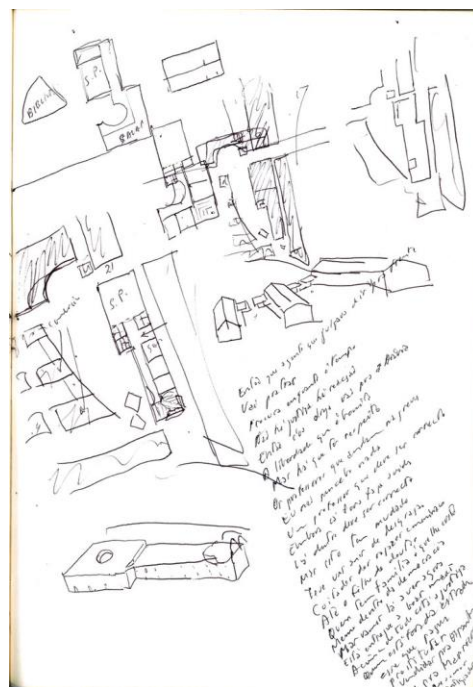


Figura 54: Esboço da Sede (variante 2, onde um grupo de edifícios formam uma praça). Caderno 13 (Pág. 43). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.43

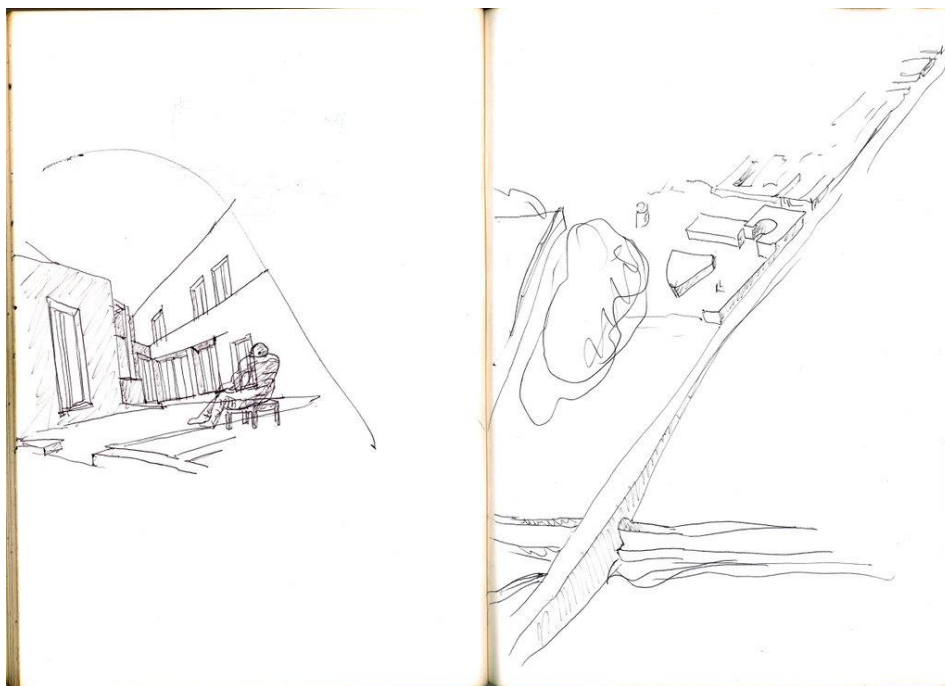


Figura 55: A esquerda - desenho do pátio da casa habitacional, e a direita o esboço da Sede (variante 1). Caderno 13 (Pág. 54). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.54

Nesta variante, o volume do edifício da Sede também se altera nas próximas etapas de desenvolvimento, passando por várias transformações. A forma que era composta por dois paralelepípedos foi extraída dando origem a um pátio semiaberto, e o volume extraído colocado em frente deste pátio, cria uma complexidade na configuração arquitetónica da Sede. Esta complexidade ficou acrescentada no outro desenho, que mostra a “quebra” do corpo do edifício, abrindo um novo acesso para a praça.



Figura 56: Esboço da Sede (variante 2, em processo de transformação, ou busca de uma nova solução). Caderno 13 (Pág. 55). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.55

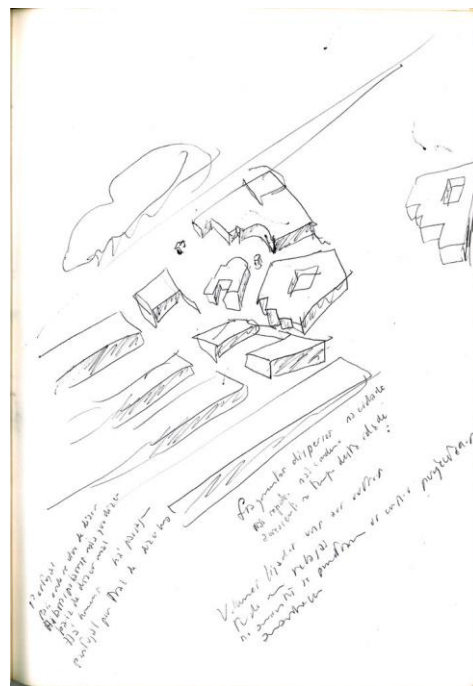


Figura 57: Esboço da Sede da página 56 revela novas transformações da variante 2. Caderno 13 (Pág. 56). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.56

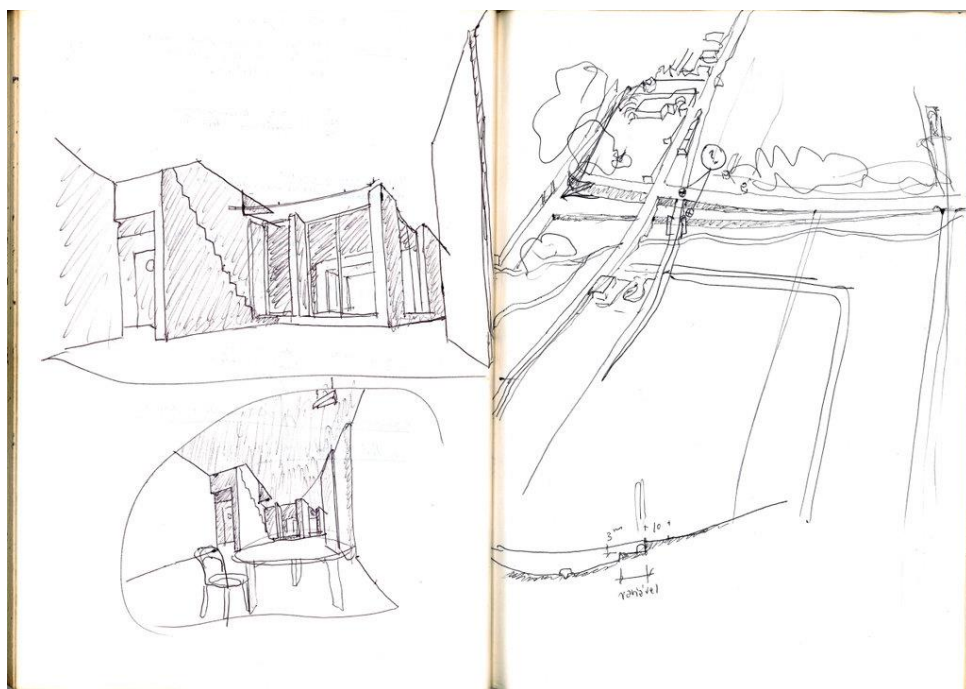


Figura 58: A esquerda - o Desenho do interior da casa habitacional. Esboço da Sede (a direita). Caderno 13 (Pág. 61). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.61

A página 63 do Caderno 13, apresenta uma nova ideia para a variante 2, onde os edifícios em redor da praça repetem a composição da versão da página 43, mas o edifício da Sede recebe um pátio semiaberto e um novo volume colocado solto no meio da praça, e uma das ruas que coincide com a praça foi nomeada Rua de Santa Maria, - rua que não existe na Malagueira. A página 66 do Caderno 13, mostra o desenho de retratos de um homem com um olhar pensativo e concentrado e a praça com edifício da Sede no seu canto superior com forma retangular. Parece que estamos a assistir um momento de decisão, muito silencioso e difícil.



Figura 59: Esboço da Sede (Variante 2). Caderno 13 (Pág. 63). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.63



Figura 60: Esboço da Sede /Variante 2). Caderno 13 (Pág. 66). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.66

A última página do Caderno 13, possivelmente esta a abrir o mistério do desenho da variante com praça. Junto do eixo este-oeste onde encontram-se dois percursos da Ribeira de Torregela um subterrâneo e outro superficial formando um percurso que inflete para sul, foi desenhada uma área com novos quarteirões, que possivelmente devia acolher este fragmento. No desenho da praça, que de novo representado no canto superior, reconhece-se o fio de água que ladeia o edifício de Sede. Ao tudo, não se encontra esta ideia no plano da Malagueira, e posteriormente, esta área do bairro viria a receber o Lago da Malagueira.

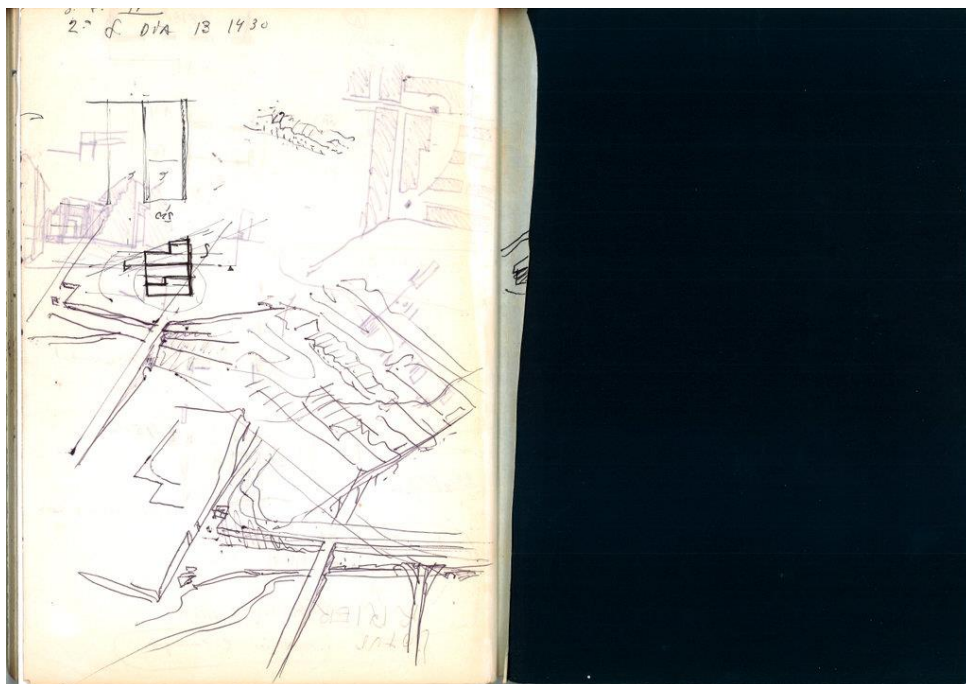


Figura 61: Esboço da Sede da Cooperativa Boa Vontade. Caderno 13 (Pág. 68). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2514.68

Este estudo resultou em uma proposta do projeto da Sede, apresentada para a Câmara Municipal de Évora em abril 1979.



Figura 62: Proposta do projeto do Edifício Sede realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1979). Planta topográfica do Sede Cooperativa da Boa Vontade. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, abril 1979. DCM EM-SC-01

Existe mais uma proposta para este local de intervenção produzida no mesmo período, assim como revela o esboço da página 36 do Caderno 11¹⁸. A anotação esclarece o destino dos equipamentos: “casa professores e técnicos” e “creche”. O esboço representa as principais vias de acesso, a Quinta da Malagueira e três áreas de ocupação para os equipamentos.

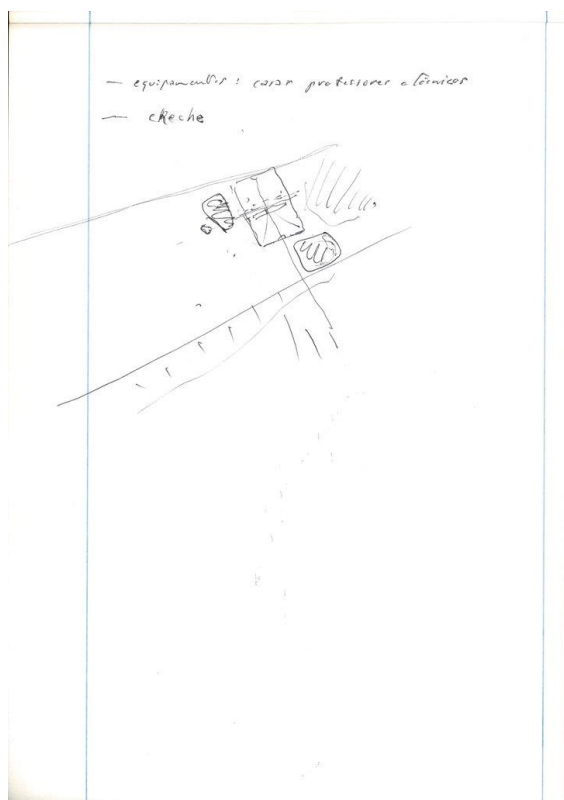


Figura 63: Definição de áreas para implantação dos equipamentos junto da Quinta da Malagueira. Caderno 11 (Pág. 36). Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, dezembro 1977. DCM 2512.36

A figura em baixo expõe o projeto da Sede Social, Jardim Infantil e Creche em uma área delimitada pela Quinta da Malagueira, Bairro da Nossa Senhora da Glória e pelos eixos estruturantes do novo bairro. O edifício da Sede desenvolve-se em dois pisos e abriga vários espaços, como: Sala polivalente, Sala de leitura, Oficinas de olaria e de pintura, Sala de jogos, Cafetaria, Sala de reuniões, Balneários e áreas de serviço. O acesso principal foi posicionado no alçado este (alçado orientado para o Bairro da Nossa Senhora da Glória). Em frente da Sede, encontra-se um Campo desportivo. O edifício em forma de U recebe a Creche e Jardim Infantil. Em frente da Sede, encontra-se um Campo desportivo.

¹⁸ Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, regista três Cadernos nº11, nº12 e nº13 produzidos em dezembro 1977.

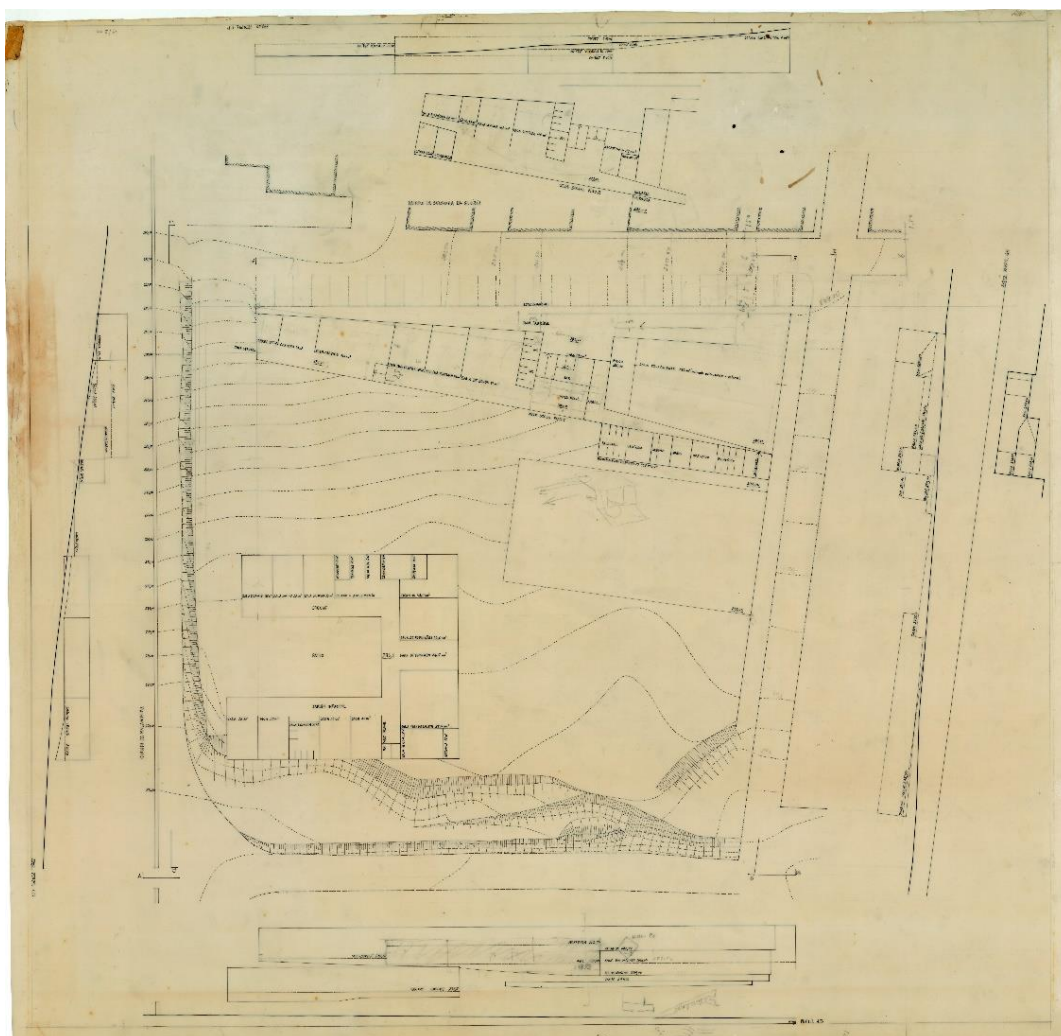


Figura 64: Proposta do projeto Sede Social, Creche e Jardim Infantil. Realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (s.d.) Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-29

O projeto de 1983 da Sede Social, apresentava um programa de ampla gama de espaços e funções, como: Biblioteca, Auditório, Sala de Jogos, Sala de reuniões, Restaurante, Área administrativa, Arquivos e áreas de serviço. Esta diversidade de espaços revela uma utilidade multifuncional para o edifício. Além disso, em frente da Sede havia um campo desportivo, acompanhado por um bloco com balneários e uma sala de árbitro. A presença de instalações desportivas próximas à Sede, deveria atender às necessidades recreativas e desportivas dos residentes.

Uma característica notável da proposta, era a localização da entrada principal. Enquanto no projeto da Sede Social (s.d.), que inclui no seu conjunto uma Creche e Jardim Infantil, a entrada principal estava orientada para o Bairro da Nossa Senhora da Glória, e no projeto da Sede Social de 1983, a entrada foi desenhada no alçado oeste. Esta mudança na orientação da entrada

promoveu uma relação do edifício com o Bairro da Malagueira e destacava a importância do edifício na comunidade.

Assim sendo, o projeto apresenta uma diversidade de espaços e pretendia atender às necessidades sociais, culturais e desportivas da comunidade, promovendo a coesão e a qualidade de vida no bairro.

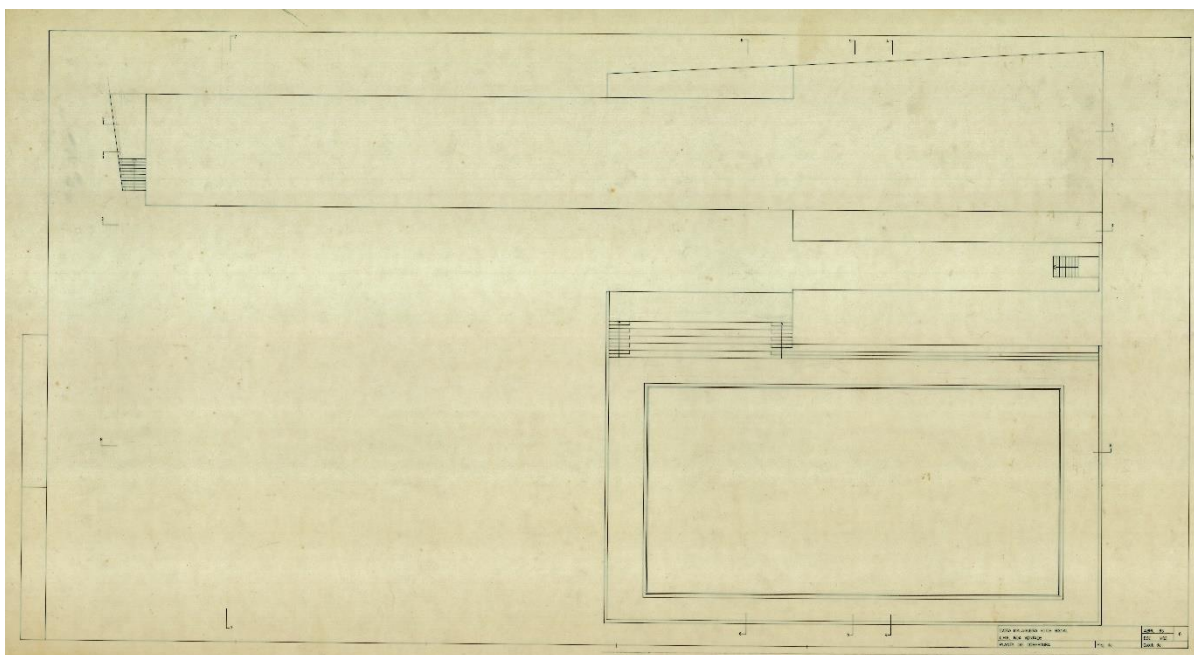


Figura 65: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Planta da Cobertura. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-11

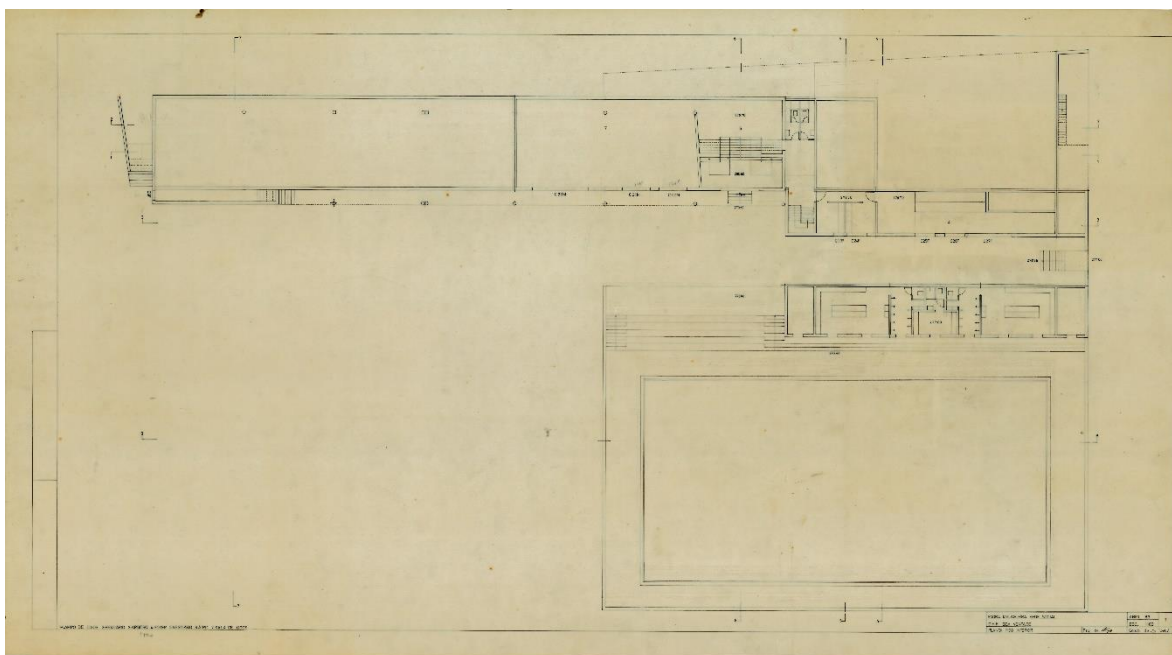


Figura 66: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Planta Piso Inferior. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-04

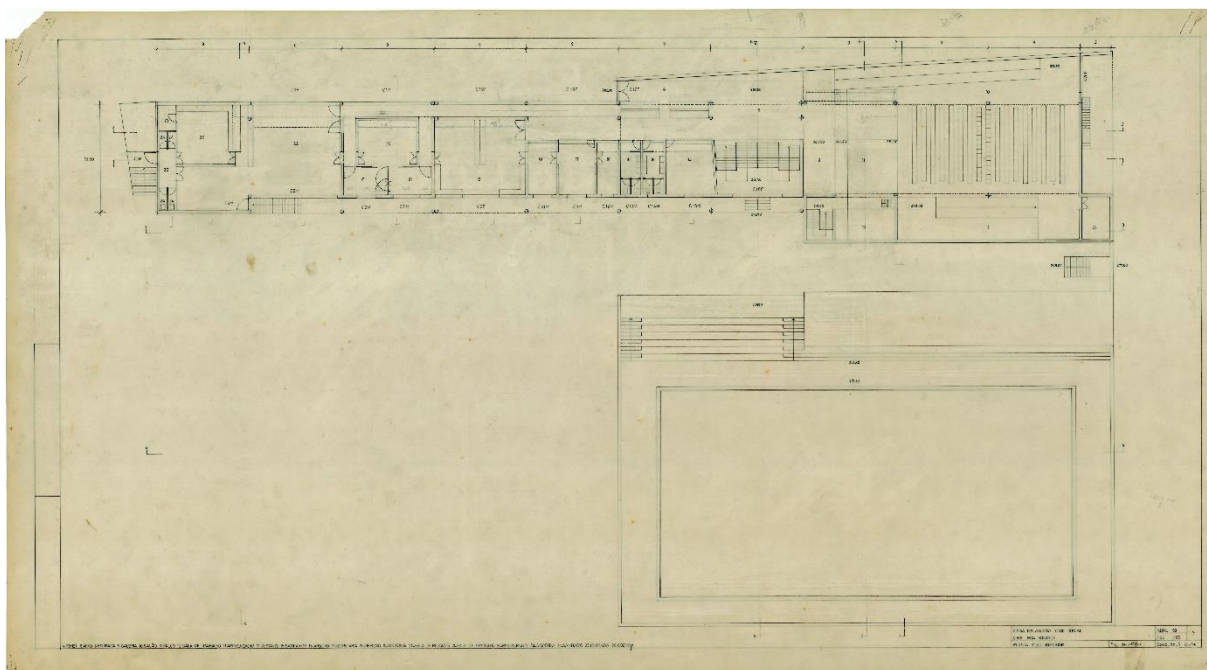


Figura 67: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Planta Piso Superior. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-05

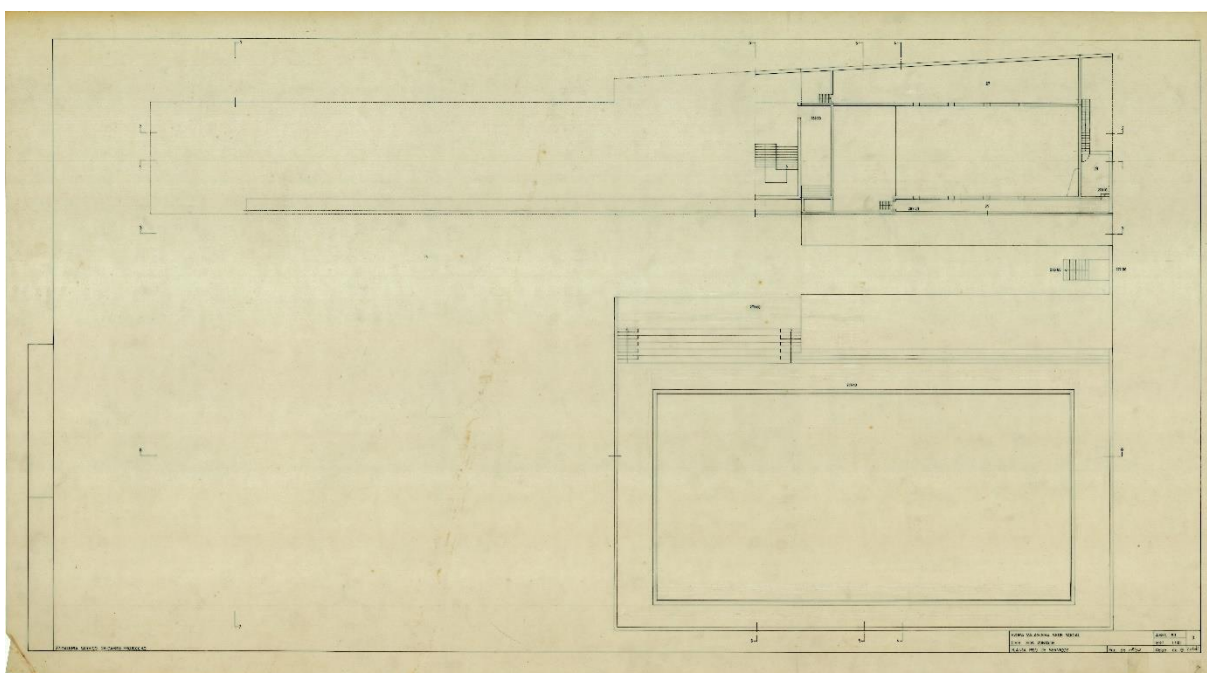


Figura 68: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Planta Piso de Serviços. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-06

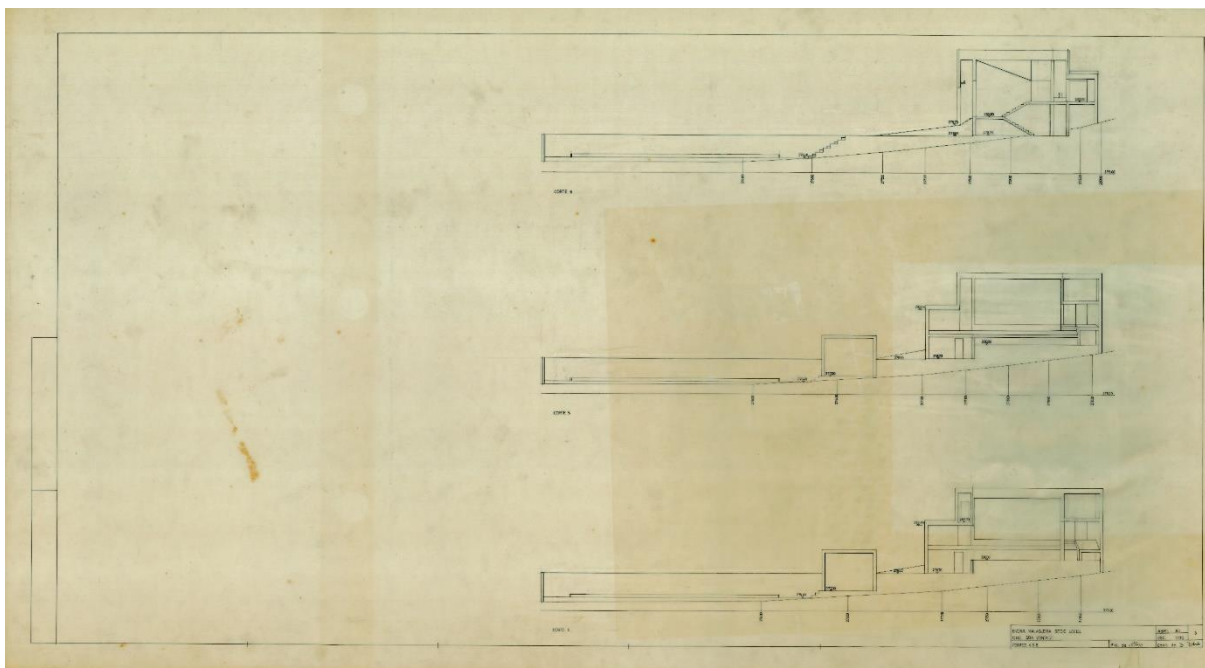


Figura 69: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Cortes 4, 5 e 6. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-08

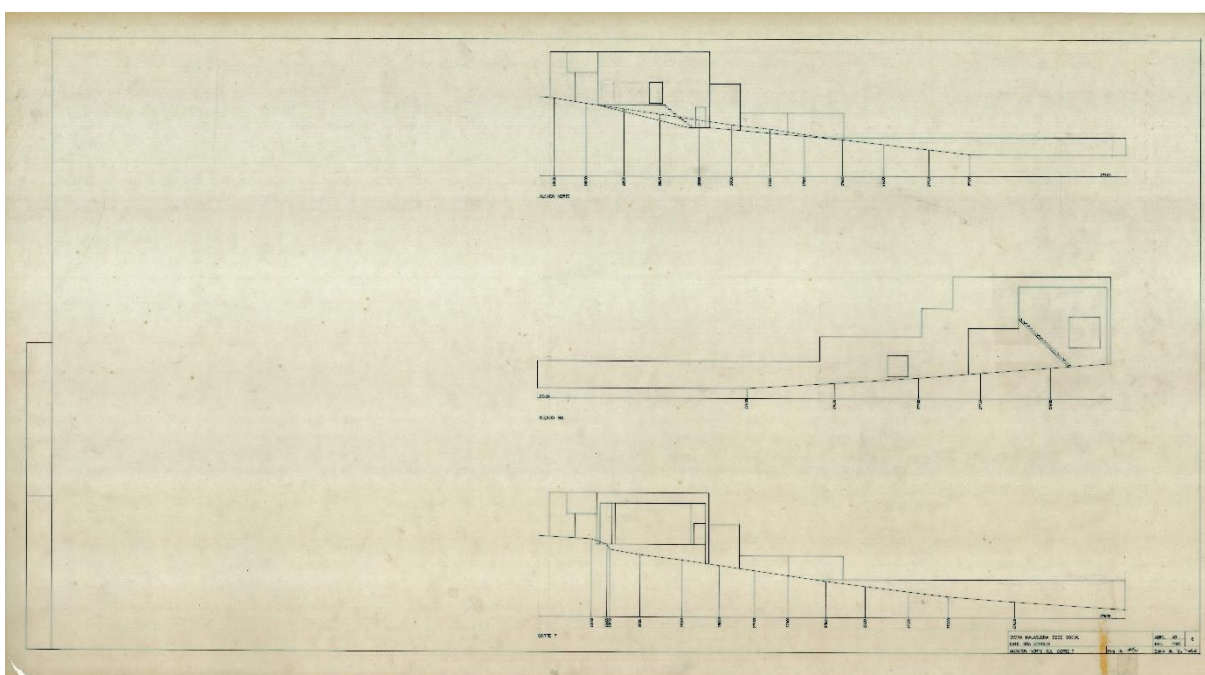


Figura 70: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Alçados norte, sul e Corte 7. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-09

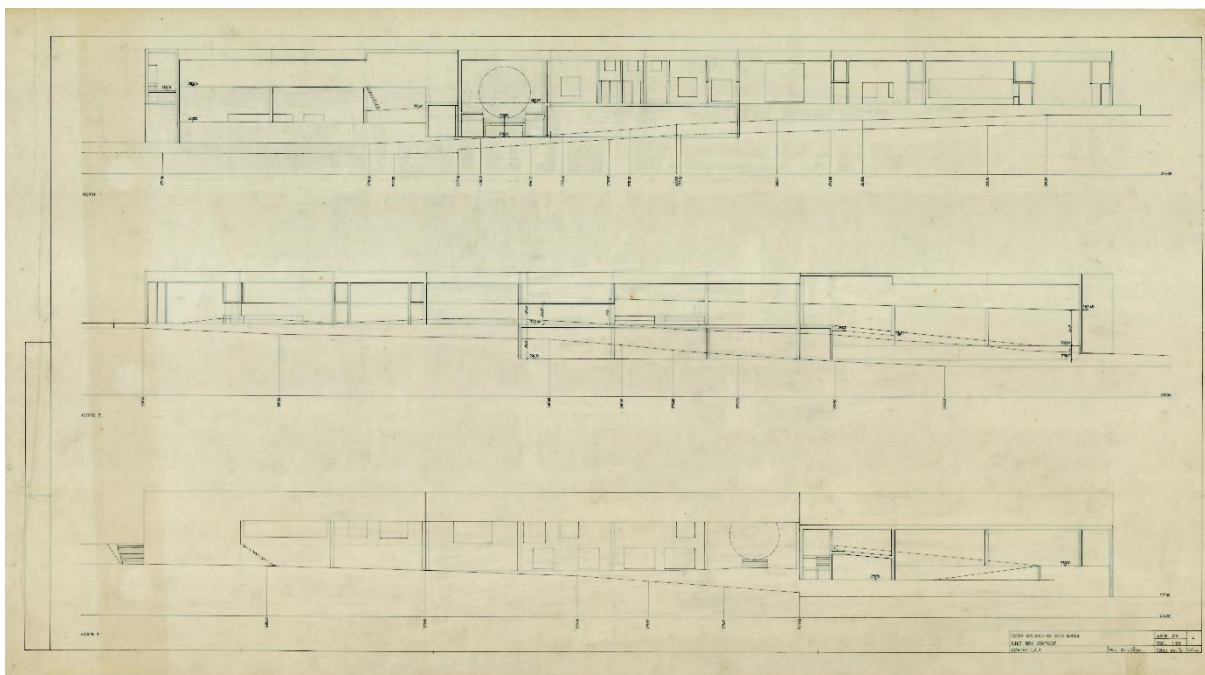


Figura 71: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Cortes 1, 2 e 3. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-07

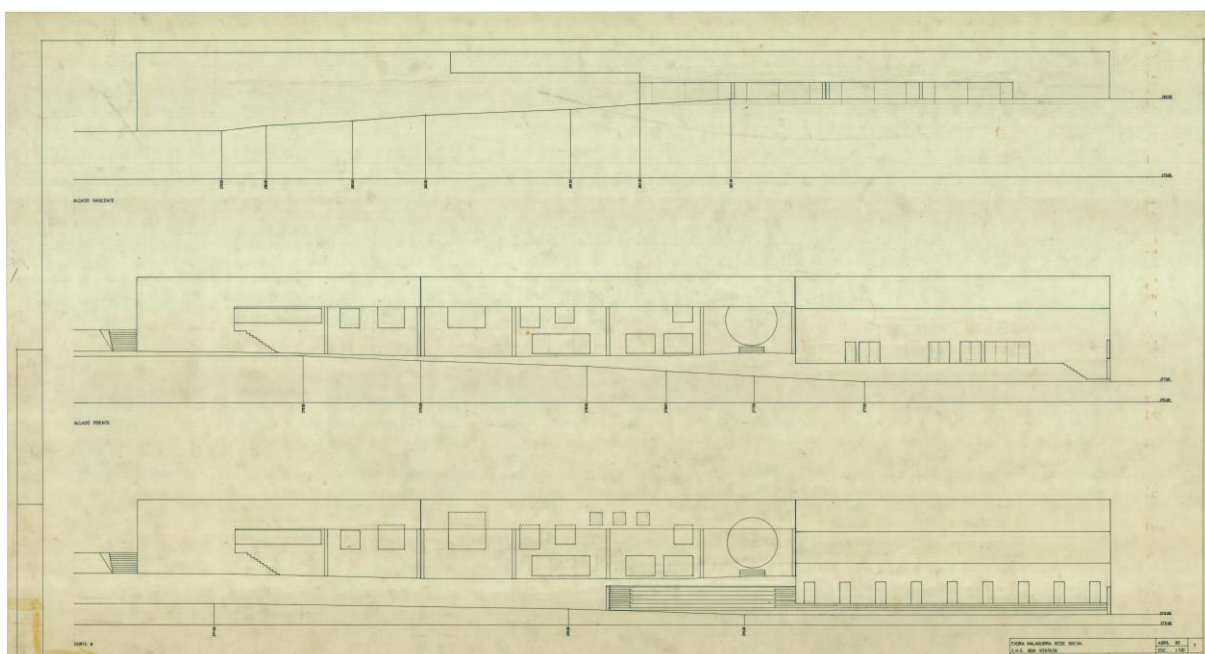


Figura 72: Proposta do projeto Sede Social, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (1983). Alçados nascente, poente e Corte 8. Fonte: Drawing Matter Collections, Arquivo Álvaro Siza, 1983 - 1994. DCM EM-SC-10

Em 2005 Álvaro Siza entregou para a Câmara Municipal de Évora o projeto da Sede da Cooperativa Boa Vontade. A redução do programa e as mudanças no projeto entre 1983 e 2005 são notáveis. Verifica-se, que houve uma simplificação do programa, com a remoção de elementos, como a Sala de jogos, Restaurante e Biblioteca presentes no projeto de 1983. O novo

programa inclui: Auditório, Cafeteria, Área administrativa, e áreas de serviço. Também, o comprimento do edifício da Sede em relação do projeto de 1983 foi reduzido de 93 metros para 66 metros. O projeto ainda tinha previsto, na segunda fase, a construção uma piscina. A retirada da palavra “social” do nome do projeto pode sugerir uma mudança na ênfase ou nas funções planeadas para o edifício, refletindo as mudanças no contexto ou nas prioridades da Cooperativa.

É comum que os projetos arquitetónicos sofram alterações ao longo do tempo para se adaptarem a novas circunstâncias, orçamentos e necessidades. No entanto, a não realização do projeto da Sede de forma definitiva pode ter várias razões, incluindo questões financeiras, de gestão ou de prioridades da Cooperativa.



Figura 73: Proposta do projeto da Sede Cooperativa Boa Vontade, realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (2005). Planta de Implantação. Fonte: Documento cedido pelo Arq. João Galhardo dos Santos, 2023

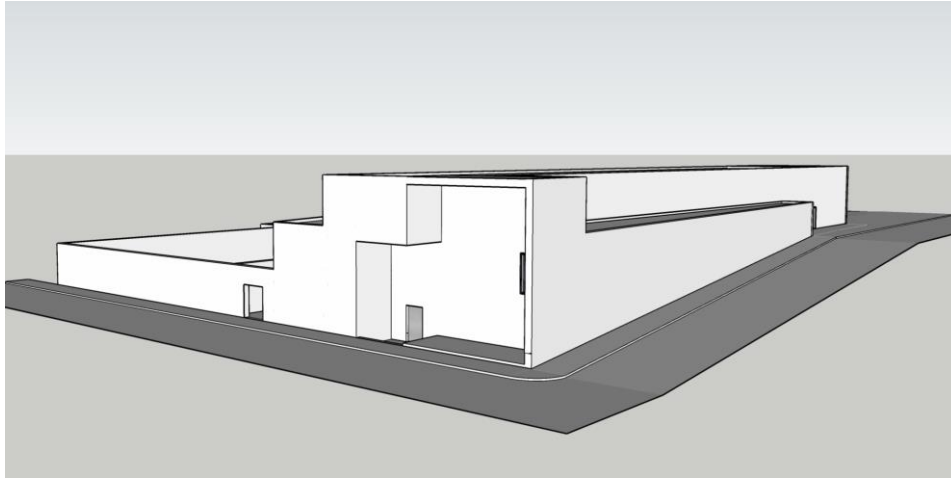


Figura 74: Estudo tridimensional do projeto da Sede Cooperativa Boa Vontade realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (2005). Vista dos alçados sul e este. Fonte: Autor, 2023

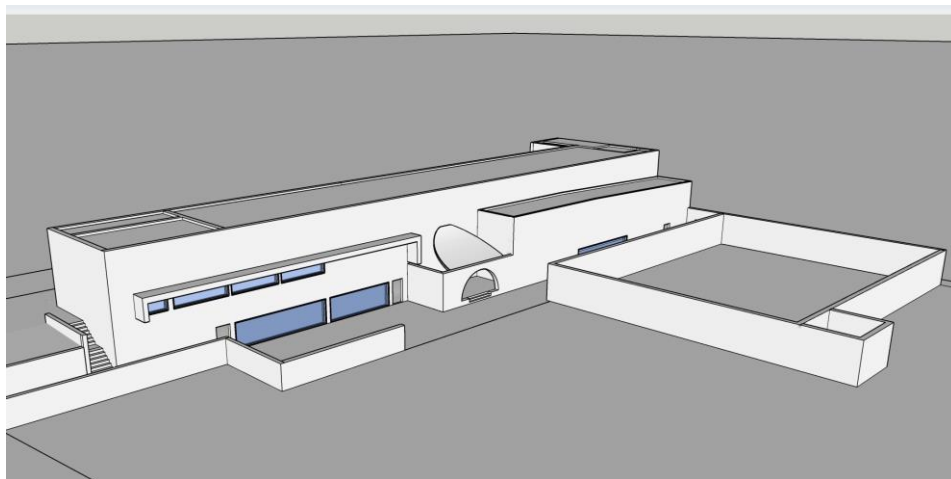


Figura 75: Estudo tridimensional do projeto da Sede Cooperativa Boa Vontade realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (2005). Vista dos alçados norte e oeste. Fonte: Autor, 2023

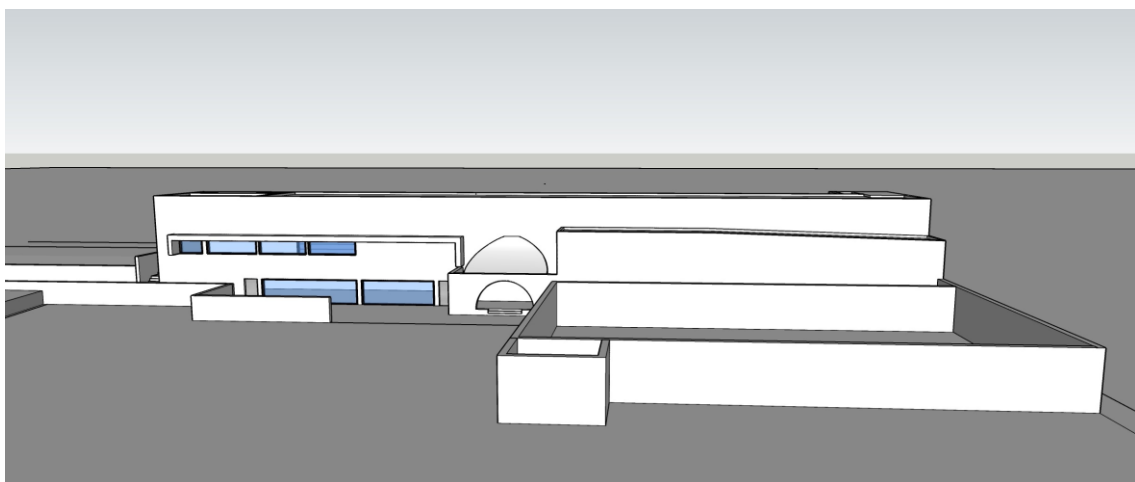


Figura 76: Estudo tridimensional do projeto da Sede Cooperativa Boa Vontade realizada pelo Arquiteto Álvaro Siza (2005). Vista do alçado oeste. Fonte: Autor, 2023

A Sede da Cooperativa Boa Vontade na Malagueira nunca foi construída.

Em arquitetura, nem todos os projetos concebidos acabam por ser realizados devido a várias razões, como limitações orçamentais, desafios logísticos, mudanças nas prioridades da comunidade ou da entidade que encomendou o projeto, entre outros fatores. No entanto, mesmo que a Sede da Cooperativa Boa Vontade na Malagueira não tenha sido construída, o trabalho de Álvaro Siza continua a inspirar e influenciar arquitetos e urbanistas em todo o mundo.

2.3. Caracterização demográfica e enquadramento turístico

A intervenção arquitetónica exige sempre uma análise prévia do espaço onde se insere. O estudo da obra da Malagueira desenvolvido no Capítulo II apresenta uma base essencial desta análise. No contexto de desenvolvimento da proposta de um Centro Interpretativo para o Bairro da Malagueira, apresenta-se uma breve caracterização demográfica e enquadramento turístico.

Évora, uma cidade com mais de vinte séculos de história, representa hoje o principal centro urbano do Alentejo, e conta com 53 577 habitantes (Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central, 2020). A singularidade das atrações históricas, aliada à cuidadosa preservação do seu património cultural e imaterial, conferiu-lhe o estatuto de Património Mundial da UNESCO em 1986.

O turismo é uma das maiores indústrias do mundo. Conforme o relatório “Global Economic Impact 2022 – Global Trends” do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (World Travel and Tourism Council – WTTC), a contribuição do setor de viagens e turismo para o PIB mundial no ano 2019 apresenta cerca de 10,3% e 6,1% em 2021, devido ao impacto da devastação provocada pela COVID-19. O documento faz também um diagnóstico exaustivo sobre o desempenho do setor à escala global, incluindo um exercício de previsões com um horizonte a 10 anos, prevendo um crescimento contínuo.

Évora desperta o interesse de visitantes provenientes de todas as partes do mundo. Conforme o folheto informativo “Guia de Alojamento”, disponibilizado pela Câmara Municipal de Évora, a cidade abriga 61 estabelecimentos de alojamento turísticos. Essas opções se distribuem entre categorias distintas: Alojamento Local (28), Hotéis (20), Turismo em Espaço Rural (12) e um Parque de Campismo (1). A análise estatística revela um aumento progressivo na demanda em comparação com anos anteriores impactados pela pandemia, o que significa grande potencialidade este setor económico (Tabela 1).

Tabela 1: N° de Capacidade de Alojamentos e N° de Dormidas Fonte: Elaboração própria com base em INE (2023)

Período de referência dos dados	Localização geográfica	Capacidade de alojamento (número)	Número de dormidas
2022	Portugal	457 818	69 694 791
	Alentejo	27 076	3 035 437
	Évora	3 642	622 819
2021	Portugal	404 857	37 332 422
	Alentejo	25 347	2 280 089
	Évora	3 300	396696
2020	Portugal	344 757	2 579 8299
	Alentejo	23 718	1 829 255
	Évora	2 915	299 528
2019	Portugal	443 157	70 158 964
	Alentejo	25 941	2 938 830
	Évora	3 268	659 561
2018	Portugal	423152	67 662 103
	Alentejo	23 852	2 675 945
	Évora	3 116	645 404

O Bairro da Malagueira encontra-se em vias de classificação despacho de abertura - Anúncio n.º 20/2022, DR, 2.ª série, n.º 29, de 10-02-2022¹⁹ - Conjunto de Interesse Nacional, Monumento Nacional ou Património Mundial. A sua classificação impulsionará o turismo cultural.

Para que esta transformação aconteça, é essencial implementar um processo de ativação turística ao recurso patrimonial em questão, por meio da organização e estruturação dos bens patrimoniais. Neste caso, é importante considerar as particularidades relacionadas com a atividade turística, incluindo o planeamento dos procedimentos de receção dos visitantes e definição da capacidade suportada pelo recurso, entre outros aspetos. Isto destaca a importância da Oferta Cultural como Atração Turística (Sardo & Estevão, 2009).

¹⁹ Link do diploma de classificação da Direção-Geral do Património Cultural, Anúncio n.º 20/2022: <https://files.dre.pt/2s/2022/02/029000000/0019200192.pdf>

É fundamental desenvolver uma política cultural que garanta a preservação de bens, lugares e história, de forma a assegurar a sua permanência ao longo do tempo e seu valor contínuo.

O bairro da Malagueira foi construído na sequência do Plano de Expansão Oeste de Évora, no seguimento da experiência do projeto SAAL, que teve como principal preocupação resolver os problemas de habitação social no país. Por sua vez, o bairro da Malagueira ultrapassou significativamente essa intenção original, resultando em uma área residencial que engloba uma notável diversidade socioeconômica e cultural entre seus moradores.

Segundo os dados de GeoCensos (2021), atualmente, o bairro da Malagueira tem 1134 edificações onde residem cerca de 2 752 habitantes.



Legenda:

Demarcação do Bairro da Malagueira
 Limite de freguesias

Número de indivíduos:

 0 - 4	 20 - 30
 5 - 11	 31 - 49
 12 - 19	 50 - 94
	 mais de 95

Figura 77: Mapa com zoneamento de número de indivíduos na cidade de Évora, com demarcação do Bairro da Malagueira. Fonte: Adaptado de GeoCensos (2021)

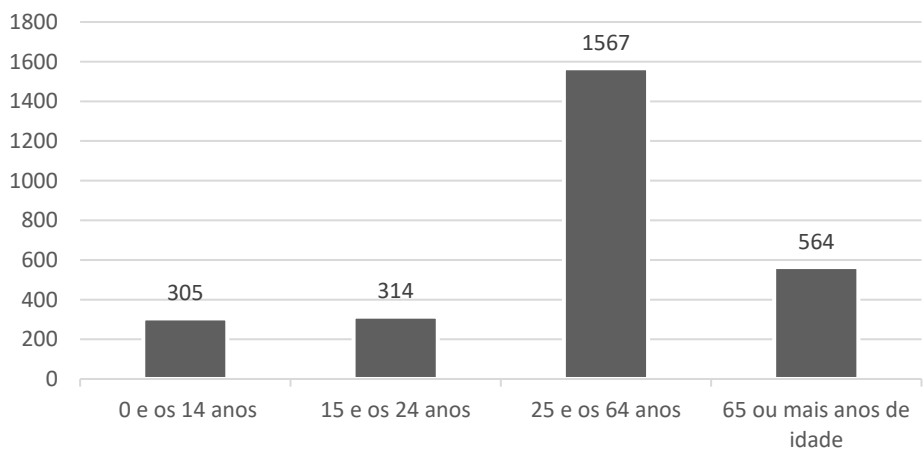
A tabela 3 apresenta uma estimativa da população residente na Malagueira com base em dados de Évora, onde se percebe que na última década houve uma diminuição de população residente na Malagueira. Nesse caso, a redução da população é causada pelo facto de, ao longo do tempo, os habitantes poderem ter-se mudado ou falecido, e a taxa de natalidade não estar a ser suficiente para compensar essas perdas.

O gráfico 1 refere à distribuição etária da população. O grupo etário compreendido entre os 0 e os 14 anos, assim como o grupo das idades entre os 15 e 24 anos, apresentam menor representatividade no bairro, correspondendo a 11% cada. Os residentes entre os 25 e 64 anos e também, a população com mais de 65 anos, têm maior representatividade no bairro o que, aliado ao não crescimento dos grupos mais jovens, se traduz no envelhecimento geral da população da Malagueira.

Tabela 2: Estimativa da população residente na Malagueira com base em dados de Évora. Fonte: Elaboração própria com base em Pordata (2023)

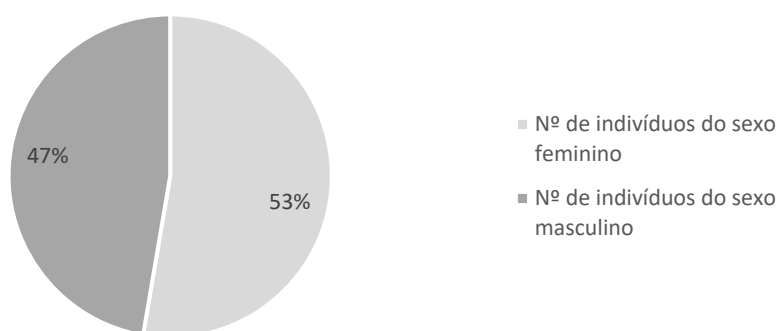
Número de habitantes no Bairro da Malagueira (estimativa)	Taxa de variação	Évora (Pordata)	Ano
2 882	-	56 552	2001
2 882	0,1 %	56 618	2011
2 750	- 4,8%	53 883	2021

Gráfico 1: Faixa etária dos habitantes do bairro da Malagueira. Fonte: Elaboração própria com base em GeoCensos (2021)



O gráfico 2 apresenta a distribuição da população em Malagueira em termos percentuais, do sexo feminino e masculino. A diferença é de apenas 6%.

Gráfico 2: Género da população do bairro da Malagueira. Fonte: Elaboração própria com base em GeoCensos (2021)



A diminuição populacional poderá estar relacionada com diversos fatores, tais como mudanças nas taxas de natalidade, migração em massa para outras regiões ou países, envelhecimento da população, bem como desafios econômicos e sociais que afetam a atratividade da região para os residentes.

Para reverter esta tendência e revitalizar a área, é importante adotar medidas que promovam o interesse da população em residir na Malagueira. Isto pode envolver o investimento em infraestrutura, serviços públicos, educação, cultura, bem como a criação de oportunidades de emprego e espaços de convívio social. A promoção do patrimônio cultural e arquitetônico da região atrairá turistas e moradores. Neste caso, a proposta de um Centro Interpretativo pode contribuir para essa transformação.

2.4. Interpretação Patrimonial

De acordo com Toffolo e Cardozo (2013), os Principais Métodos e Técnicas de Interpretação dividem-se em dois grupos: meios e técnicas interpretativas guiadas e autoguiadas. Os primeiros envolvem atividades orientadas, nas quais o visitante interage com um orientador, como, por exemplo, palestras interpretativas, caminhadas e passeios orientados, trilhos interpretativos, interpretação espontânea, demonstrações e recriações históricas, entre outras. Quanto às técnicas autoguiadas, os autores referem àquelas que utilizam equipamentos para

transmitir informações aos visitantes, tais como publicações impressas, placas, painéis e letreiros, exposições, vitrines, módulo multimídia, e assim por diante.

Como revelado por Delgado e Pazos (2013), entre três principais meios interpretativos, que são: Trilhos ou itinerários interpretativos; Placas, sinais, painéis e letreiros interpretativos; e os Centros de Visitantes que tem um papel imprescindível para revelar aos visitantes o significado das áreas de atuação. Resumidamente, os autores afirmam que a experiência interpretativa demanda um profundo entendimento do ambiente e da história do local “(...) É ela que dá à destinação a sua personalidade, seu caráter único, diferenciando o destino turístico e o excluindo de lugares-comuns” (Delgado e Pazos, 2013). Onde destaca-se o papel dos residentes locais nessa experiência: “(...) a integração das comunidades no planejamento interpretativo resulta essencial, já que como anfitriões, são as que melhor podem transmitir o “espírito” desse destino turístico, por meio dos valores e recursos próprios do território, ajudando assim a entender a “alma” que esse lugar possui” (Idem).

O desenvolvimento da Interpretação Patrimonial e as novas abordagens na área da museologia levariam ao surgimento de novos equipamentos, mais alinhados com as tendências contemporâneas. Na transição do século XX para o presente, emergem os Centros Interpretativos, cuja origem é associada à museografia norte-americana e aos chamados Centros de Visitantes.

2.5. Centro Interpretativo/Diretrizes para equipamento cultural da Malagueira

Segundo as considerações de Pazos (2011), o conceito de Centro Interpretativo envolve “(...) as instalações fixas que servem de referência para os visitantes que pretendem informações in situ, antes de visita a um recurso ou local de interesse patrimonial, o que lhe confere um grande valor estratégico face à gestão do recurso.” Outros autores Bertonatti, Iriani e Castelli (2010) especificam, que “(...) um Centro Interpretativo é uma exposição em torno de um guião de tipo museográfico (com intenção pedagógica), que relaciona emocionalmente o visitante com o património, estimulando o seu interesse em comprometer-se com a sua conservação ou cuidado.”

Importa aferir sobre uma diferença entre Museu e Centro Interpretativo. De acordo com a definição do ICOM: “O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga,

comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite” (ICOM, 2015).

Quanto aos Centros Interpretativos, estes “(...) não necessitam contar com peças ou bens originais porque a sua missão não é adquiri-los, estudá-los, nem conservar os, mas comunicá-los para a sua conservação in situ, (...), a partir da qual as emoções e reflexões são ativadas, como um atalho para a conscientização sobre o cuidado da nossa herança” (Bertonatti, Iriani, e Castelli, 2010).

No que se refere às funções dos Centros Interpretativos, Sardos e Estevão (2009), ao classificarem este equipamento como um “espaço museológico”, apontam que a sua funcionalidade é dividida em dois âmbitos: interno e externo. Às funções internas representam o processo de aquisição, inventariação, conservação de bens e implementação de estratégias interpretativas. No que diz respeito às funções externas, considera-se as estratégias adotadas por estes espaços museológicos e interpretativos, na construção de relação com os públicos-alvo. Os autores concentram o foco principal ao teorizar sobre as funções de gestão externa, dividindo-as nas seguintes categorias:

Acessibilidade Física – relacionada às condições físicas dos espaços museológicos e/ou interpretativos, com o objetivo de garantir a interpretação adequada do património por parte de diversos públicos;

Acessibilidade Pedagógica – diz respeito à maneira como o património é interpretado e apresentado de forma compreensível para diferentes públicos, visando também facilitar o uso social deste património.

Acessibilidade Laboral – relacionado à incorporação de profissões e conhecimentos pouco convencionais nesta área, como por exemplo: técnicos de marketing para comunicação e divulgação do espaço, especialistas em educação para implementação do serviço educativo e até mesmo profissionais em turismo.

Acessibilidade para a Investigação – refere-se à criação de condições específicas para atender ao público especializado, incluindo a construção de espaços físicos exclusivos para pesquisadores.

Acessibilidade ao Turismo Cultural – relacionado à aplicação de estratégias para promover o aproveitamento turístico (Sardos e Estevão, 2009).

A análise apresentada estabelece diretrizes relacionadas à aplicação de estratégias para promover a utilização turística do património em estudo e concretizar a proposta de um Centro Interpretativo para Malagueira, que se centra no património local e a obra do renomado arquiteto Álvaro Siza e os diversos aspetos sociais e humanos que caracterizaram a Malagueira.

2.6. Porta Urbana

O conceito de “Porta Urbana” refere-se a um ponto de entrada ou passagem estrategicamente localizado em uma cidade ou área urbana que marca uma transição significativa entre diferentes partes da cidade. Estas portas não são apenas elementos arquitetônicos físicos, mas também representam pontos de conexão entre espaços urbanos distintos, muitas vezes com funções, usos e características diferentes.

Na antiguidade e nas cidades medievais, esta ideia era claramente evidente no planeamento das cidades muradas. As portas urbanas desempenhavam um papel central como os principais pontos de entrada para os fluxos comerciais e de população. Muitas dessas portas eram fortificadas com torres de vigia, pontes levadiças e sistemas de controle de acesso, visando proteger a área contida dentro dos muros. Este arranjo contribuía para estabelecer uma divisão entre o interior murado e o mundo exterior. Além de cumprir um papel prático, ao possuir traços distintos, manifestados na sua aparência, denominação e desenho, que variam conforme a sua relevância e localização, as portas urbanas cumprem também uma função simbólica.



Figura 78: Porta de Alconchel, Évora. Fonte: Autor, 2023

Com a chegada da Revolução Industrial, as muralhas que cercavam as cidades perderam a sua relevância e os limites urbanos passaram a ser definidos de forma diferente. A urbanização

acelerada e o desenvolvimento de atividades industriais, comerciais e residenciais contribuíram para a desintegração das antigas fronteiras urbanas. A definição de centro e periferia tornou-se mais fluida e complexa, baseada em critérios como atividades econômicas, densidade populacional e acesso a serviços e infraestruturas. A cidade transformou-se em um território disperso, caracterizado pela presença de múltiplos centros e pela ausência de uma forma ou limites definidos. Surgiram planos urbanos que incorporaram eixos viários e quarteirões, baseados em modelos que se alinhavam com o uso do automóvel. Dois exemplos notáveis desses planos urbanísticos são o “Voisin Une Ville Contemporaine de 3 millions d’habitants” (1922) de Le Corbusier (Figura 80) e o plano “Broadacre City” (1932) de Frank Lloyd Wright (Figura 81). O plano de Le Corbusier propôs uma cidade moderna composta por arranha-céus e grandes avenidas, projetadas para acomodar uma população de três milhões de habitantes. Por sua vez, o plano de Frank Lloyd Wright para a “Broadacre City” visualizava uma paisagem suburbanizada, onde cada família teria um amplo lote de terreno e mobilidade individual através de automóveis. Ambos os planos buscaram reconciliar os desafios da crescente presença do automóvel com a criação de espaços urbanos funcionais e adaptados à modernidade. A porta urbana contemporânea passa a estar ligada às infraestruturas de circulação.

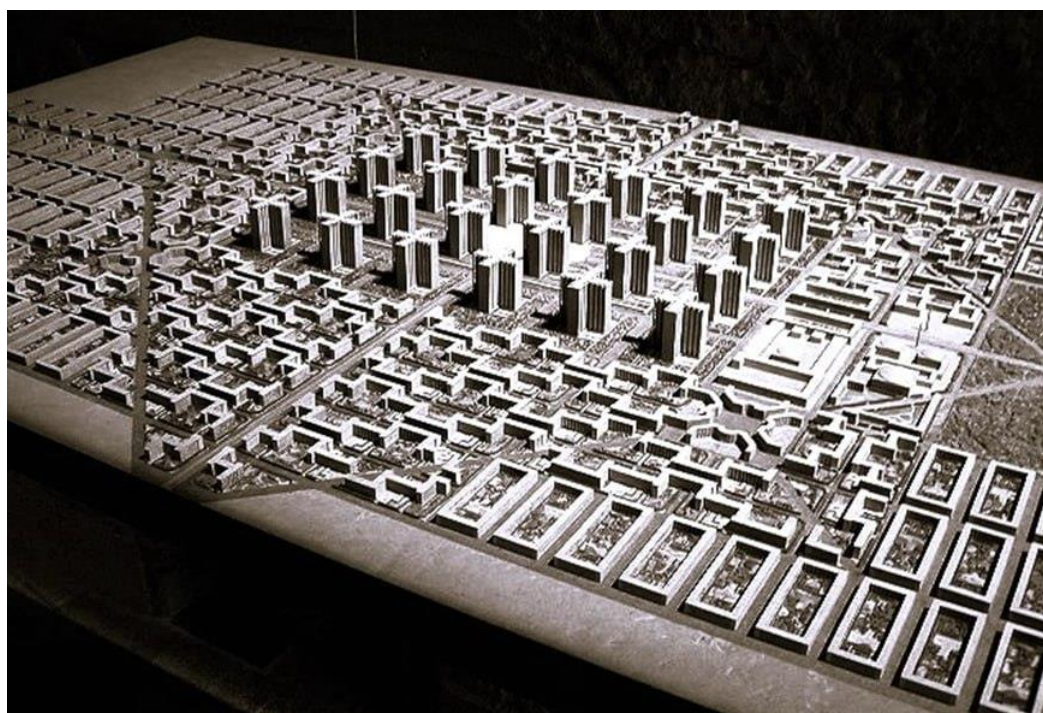


Figura 79: Ville Radieuse, 1924, de Le Corbusier. Maquete. Fonte: Archdaily, 2016



Figura 80: Broadacre City, 1932, de Frank Lloyd Wright. Maquete. Fonte: Hasta, 2018

Atualmente, muitas vezes, a percepção de estar transitando por diferentes cidades e localidades está associada pela sinalização à beira da estrada, postos de portagem, infraestruturas viárias ou elementos na paisagem urbana. Em grande medida, confiamos na iconografia visual que o ambiente nos proporciona para reconhecer e compreender o local em que nos encontramos. Isso também pode ser comparado à função das portas urbanas, que historicamente serviam como marcos visuais e pontos de referência para identificar e entrar em diferentes partes da cidade.

Kevin Lynch aborda a imagem da cidade e seus elementos identificáveis, como vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos notáveis, discutindo como estes elementos podem ser utilizados como referências visuais para auxiliar na orientação durante as deslocações urbanas (Lynch, 2014).

Assim sendo, no contexto contemporâneo o conceito de “Porta Urbana” pode ser aplicado de uma maneira abstrata, indicando não apenas um ponto de entrada física, mas também um elemento de significado, transição e experiência que contribui para a identidade e a vivacidade de uma área urbana. Isto pode ser alcançado através do design urbano, da organização do espaço e da integração de elementos culturais, artísticos e funcionais. Álvaro Siza, é conhecido por suas obras que incorporam elementos de design urbano e arquitetônico que não apenas servem a fins práticos, mas também têm significado simbólico e estético. As “Portas Urbanas” em seus projetos podem ser componentes arquitetônicos, praças ou áreas urbanas que criam uma

transição marcante entre espaços urbanos, muitas vezes destacando a importância cultural e histórica de determinadas áreas.

No caso do Bairro da Malagueira, identifica-se uma Porta Urbana no limite este do eixo este-oeste, precisamente, na interceção com via secundária. Neste ponto a conduta assinala um momento, realçando o espaço público e estabelecendo o contacto visual com o Centro Histórico. Um arco monumental demarca aqui o acesso para o percurso pedonal do pórtico percorrível (a conduta).



Figura 81: “Porta Este” do Bairro da Malagueira demarcada pela Conduta aérea, realçando o espaço público e estabelecendo o contacto visual com o Centro Histórico. Um arco monumental demarca aqui o acesso para o percurso pedonal do pórtico percorrível. Fonte: Autor, 2023

De uma forma semelhante, a conduta gera múltiplas pórticos nas entradas das ruas distribuidoras, apropriando os conjuntos habitacionais para grupos comunitários, dando lhes pistas e apoiando a sua organização.



Figura 82: “Pórtico monumental” formado pela conduta aérea no cruzamento da via distribuidora do conjunto habitacional e área pública central. Fonte: Autor, 2023

A zona que busca destacar com uma identidade mais marcante nas rotas do bairro é a área comercial, conhecida como “Broadway 2” (Rua do Túnel), atraindo tanto o tráfego de pedestres quanto o de veículos e guiando-os por uma sequência de pórticos (criadas pela estrutura aérea), que se repetem neste local.



Figura 83: Sucessão de pórticos, formadas pela conduta aérea, que demarcam a Rua do Túnel. Fonte: Autor, 2023

Capítulo 3: Património Mundial e Património Moderno

3.1. Conceitos e desenvolvimento histórico

O conceito de Património reflete uma evolução da importância cultural e natural dos lugares em todo o mundo. A Comissão Nacional Portuguesa do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) Portugal é uma organização que desempenha um papel importante na promoção da conservação do património cultural, cujo site oficial fornece informações detalhadas sobre a evolução da legislação do país ao longo dos anos²⁰.

Portugal tem uma rica história de proteção do seu património cultural, sendo um dos primeiros países a adotar legislação neste sentido com a Primeira Lei de âmbito nacional sobre a proteção dos monumentos em 1721.

Um importante marco é a promulgação da Lei de Bases do Património Cultural (Lei nº 107/2001), de 8 de setembro de 2001 e publicada no Diário da República, 1ª-A, nº 209, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural de bens, que pelo seu valor histórico, científico, social e técnico, integrem o património cultural arquitetónico e arqueológico classificado.

Inicialmente, o conceito de Património estava ligado a Monumentos históricos, e ao longo do tempo evoluiu e tornou-se mais abrangente. Neste processo se nota a influencia do movimento romântico, ocorrido no século XIX que possuiu uma nova sensibilidade sobre o património histórico e cultural. Salienta-se Alexandre Herculano (1810-1877), redator principal da revista “O Panorama” que inspirou pensamentos e discussões sobre a valorização das tradições, paisagens e monumentos em Portugal, contribuindo para o estabelecimento de uma base teórica e prática mais sólida para a proteção e preservação do património do país.

A década de 1920, marcada pela recuperação dos países destruídos pela primeira guerra mundial (1914-1918) e o crescimento acelerado das cidades, colocaram o património histórico como foco principal de arquitetos e urbanistas, surgindo movimentos de preservação do património, para documentar, conservar e proteger os edifícios históricos.

A Legislação Nacional de Portugal sobre património tem por base as normas internacionais designadamente: a Carta de Atenas de 1931, a Carta de Veneza de 1964 e a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural da Unesco de 1972.

²⁰ Site oficial do ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) poderá ser consultado em: <https://www.icomos.pt/recursos/legislacao-nacional>

É essencial que os princípios de preservação e restauro de edifícios assentem em princípios de âmbito internacional, a partir do qual cada país assume a responsabilidade de aplicá-los adaptando a sua própria cultura e tradições.

A Carta de Atenas foi um importante documento que resulta da Conferência Internacional de Atenas sobre Restauro dos Monumentos, realizado em 1931.

A Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios, mais conhecida por Carta de Veneza é um documento fundamental adotado em 1964 no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, realizado em Veneza, Itália.

3.1.1. Patrimônio Mundial

A Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural adotada em 1972 pela UNESCO, reforçou e ampliou os conceitos do Patrimônio Cultural estabelecidos na Carta de Veneza, incluindo a Paisagem Cultural e o Patrimônio Natural (Comité do Patrimônio Mundial, 2005).

É relevante destacar a ampliação do conceito de Patrimônio Cultural. O arquiteto Aldo Rossi no seu livro “A Arquitetura da Cidade” refere que: “A evolução da teoria da conservação diz-nos, hoje, que temos de preservar o físico, mas também o intangível (os saberes, as práticas culturais, as funções e as atividades históricas da cidade), verificando-se uma grande ampliação no que hoje consideramos como património” (Rossi, 1982).

A Convenção de 1972 começa por definir o conceito de Patrimônio Cultural (Monumentos, Conjuntos e Sítios) e Patrimônio Natural (Monumentos Naturais constituídos por formações físicas ou biológicas, as formações geológicas e fisiográficas, e as paisagens).

Até o momento, mais de 170 Estados Partes assinaram a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural tornando-a em um dos mecanismos de proteção e instrumento jurídico internacional mais impactantes do mundo. Portugal retificou a Convenção em 1979, por meio do Decreto-Lei nº 49/79, de 6 de junho. Portugal comprometeu-se assim a adotar medidas para salvaguardar, conservar e transmitir às gerações futuras o seu patrimônio cultural e natural de Valor Universal Excepcional, seguindo os princípios estabelecidos na Convenção.

A Convenção de 1972 estabeleceu o Comitê do Patrimônio Mundial, e define órgãos consultores: Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS) para o Patrimônio Cultural e União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) para o Patrimônio Natural. Estas organizações desempenham um papel crucial ao fornecer especialização técnica e científica ao Comitê.

O Comitê do Patrimônio Mundial é composto por representantes de diferentes Estados Partes e tem a responsabilidade de tomar decisões sobre a inclusão de bens na Lista do Patrimônio Mundial, avaliar o estado de conservação dos sítios e fornecer orientações para a sua proteção e gestão.

De acordo com Artigo 3 da Convenção, competirá a cada Estado Parte identificar e delimitar os bens situados no seu território, referidos nos artigos 1²¹ e 2²² (Comitê do Patrimônio Mundial, 2005).

O processo de revisão da Lista Indicativa é conduzido pela Comissão Nacional da UNESCO (CNU), responsável pela atualização do patrimônio do Estado-parte. A UNESCO, prevê a atualização das Listas Indicativas cada 10 anos.

Para que o bem seja incluído na Lista do Patrimônio Mundial, é necessário “provar Autenticidade, Integridade e Atributos que conferem o seu Valor Universal Excepcional”²³.

A inscrição das obras na Lista Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO traz várias vantagens, como, reconhecimento internacional, prestígio do arquiteto e das suas criações. Além disso, ao serem classificadas como Patrimônio Mundial, estas obras são reconhecidas como tesouros históricos e culturais da humanidade.

Le Corbusier foi um dos primeiros arquitetos do século XX cujas obras foram classificadas como Patrimônio Mundial pela UNESCO e este facto também possibilitou colocar estas construções sob a proteção e salvaguarda da UNESCO e de organizações nacionais responsáveis pela preservação do patrimônio cultural, salvaguardando as para gerações futuras.

²¹ O Artigo 1 da Convenção define o conceito do Patrimônio Cultural, como: “Os monumentos. – Obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; Os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico”.

²² O Artigo 2 da Convenção define o conceito do Patrimônio Natural.

²³ Referência da orientadora da tese Professora Dra. Soraya Genin

3.1.2. Património Moderno

O reconhecimento e valorização do património arquitetónico do século XX é relativamente recente. O Movimento Moderno, que surgiu nas primeiras décadas do século XX, como uma reação ao historicismo e ao ecletismo arquitetónico predominantes no final do século XIX, propôs uma abordagem radicalmente nova e funcionalista. Os arquitetos modernistas acreditavam que a arquitetura deveria se adaptar às necessidades da sociedade industrializada e refletir os valores da época, abandonando ornamentos e elementos decorativos supérfluos. Entre os arquitetos pioneiros nessa abordagem eram Le Corbusier, Mies van der Rohe e Walter Gropius. Apesar de inicialmente ter enfrentando resistência, controvérsias e críticas, o Movimento Moderno conseguiu estabelecer-se e ganhar reconhecimento como um importante período na história da arquitetura.

A valorização do património arquitetónico do século XX começou a ganhar destaque nas décadas de 1960 e 1970, e consequente criação de regulamentos de proteção. Neste período os edifícios modernos estavam a enfrentar a possibilidade de demolição devido ao envelhecimento dos materiais, alterações das necessidades funcionais, e a pressão do desenvolvimento urbano. Também, decorreu um crescente reconhecimento de que a arquitetura moderna tinha uma expressão única e rara da sua época. A Villa Savoye e a Loge du Jardinier, construídos em 1929 – 1931, em Poissy, França, realizado por Le Corbusier em 1929, passou a ser classificada como Monumento Histórico em França em 1965 e posteriormente foi inscrita na Lista do Património Mundial da UNESCO como parte do conjunto de 17 obras de Le Corbusier em 2016. A obra do Quartiers Modernes Frugès, construída entre 1924 e 1926 na França, apresenta outro exemplo relevante desse conjunto. Em 1973, um proprietário restaurou a sua casa que foi classificada como Monumento Histórico em 1980. Isto estimulou o interesse pela Cité Frugès, o que levou à sua classificação como Património Nacional em 1976.

A partir das décadas 1980 e 1990, houve um aumento de edifícios modernos a serem classificados como Património Nacional. Nas últimas décadas os órgãos de gestão do património cultural começaram a se envolver na identificação e preservação de edifícios do século XX. A Recomendação nº R (91) 13 sobre a Proteção do Património Arquitetónico do Século XX, formulado no Conselho da Europa, Estrasburgo (França), em 1991, prescreve para os governos dos Estados Membros o “(...) desenvolvimento de estratégias para a identificação, estudo, proteção, conservação, restauro e divulgação da arquitetura do século XX”.

3.1.3. Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável

Desde a divulgação do primeiro Relatório sobre o Desenvolvimento Humano, em 1990, seguido por publicações anuais, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)²⁴ tem documentado de forma consistente as consideráveis disparidades existentes à escala global. Estas constatações levaram a questionamentos sobre a necessidade de criar uma sociedade que seja livre, justa e sustentável, a fim de garantir a possibilidade de uma vida digna a todos os cidadãos.

Em meados do século XX o desenvolvimento económico tinha prioridade, sem necessariamente considerar a busca por um desenvolvimento equilibrado. No entanto, esse modelo passou a ser compreendido como uma ameaça para a sociedade. O crescimento económico desenfreado, sem considerar as questões sociais e ambientais, pode levar a desigualdades cada vez maiores, degradação ambiental, perda de recursos naturais e aumento das disparidades sociais. A percepção desse problema resultou na necessidade de adotar uma abordagem mais equilibrada, que levasse em consideração não apenas os indicadores económicos, mas também o bem-estar social, a sustentabilidade ambiental e a justiça social.

O conceito de Desenvolvimento Sustentável resumido no Relatório de Brundtland em 1987, intitulado “Nosso Futuro Comum”, pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, enfatiza a ideia de atender às necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades²⁵. Este documento foi elaborado pela entidade intergovernamental Organização das Nações Unidas (ONU)²⁶, e dirigido para os Estados Membros, teve um impacto significativo. Na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED), realizada no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992, este relatório contribuiu para discussões globais que impulsionaram a busca por um futuro mais sustentável. Durante a conferência, destacam-se a adoção da Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento e a criação da Agenda

²⁴ O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), fundado em 1965, com sede em Nova York, é o órgão da Organização das Nações Unidas que tem por mandato promover o desenvolvimento e erradicar a pobreza no mundo. Para mais informações:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_das_Nações_Unidas_para_o_Developolvimento

²⁵ Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas. 1991. Relatório Brundtland - Nosso Futuro Comum. Brasil, Editora da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em:

<https://dokumen.tips/documents/relatorio-brundtland-nosso-futuro-comum-em-portugues.html?page=4>

²⁶ Data de estabelecimento de Organização das Nações Unidas (ONU) - 24 de outubro de 1945, formado por 51 Estados-membros (e desde 2011 já conta com 193 países). O seu principal objetivo é contribuir para o desenvolvimento mútuo dos países-membros, por meio da cooperação entre eles, e, ainda, manter a paz entre as nações. Também, prove ajuda humanitária em casos de fome, desastres naturais e conflitos armados.

21, um plano de ação abrangente para promover o desenvolvimento sustentável em níveis global, nacional e local.

A Agenda 21 da Cultura adotada em 2004, em Barcelona, durante o Primeiro Fórum Universal das Culturas, reconhece a importância da cultura como um componente essencial do desenvolvimento sustentável e corresponde a uma extensão da Agenda 21. O documento destaca que a diversidade cultural, o patrimônio, as expressões artísticas e as práticas culturais são fundamentais para a identidade das comunidades e para a promoção da paz, do diálogo e do desenvolvimento humano.

A Declaração de Namur “O Património Cultural no século XXI; uma estratégia comum para a Europa” publicado em 2015, apresenta uma abordagem abrangente e interdisciplinar, explorando diversos temas relevantes. Portanto, no tema “Património e Cidadania”, destaca-se a importância do património cultural para a identidade e o sentimento de pertencimento das comunidades. Reconhece-se o papel fundamental das comunidades locais na proteção, promoção e gestão do bem, enfatizando a necessidade de envolver a sociedade civil e os cidadãos na tomada de decisões relacionadas a esse patrimônio. No documento, o reconhecimento do potencial econômico do patrimônio cultural é apontado no tema “Património e Economia”, onde se referem diversas oportunidades de desenvolvimento econômico, como o turismo cultural, as indústrias criativas e o empreendedorismo baseado no patrimônio. Além disso, aqui se propõe promover o uso do patrimônio cultural para fins educacionais, pesquisa, cooperação científica e técnica. Também, recomenda-se a reutilização e regeneração de espaços e edifícios históricos, transformando-os em locais de trabalho, comércio ou atividades culturais, o que pode gerar empregos e impulsionar a economia local. No tema “Património e Governo territorial”, são propostas orientações para uma boa governação inovadora dos territórios com base no patrimônio como recurso. Isso envolve a promoção da colaboração e a troca de experiências entre territórios que compartilham patrimônio cultural transfronteiriço, o desenvolvimento de programas e projetos conjuntos, a criação de redes de cooperação e a facilitação do acesso a especialistas, pesquisadores e profissionais no campo do patrimônio. Dentro do tema “Património e Desenvolvimento Sustentável”, destaca-se a importância de uma abordagem holística que integre as dimensões social, econômica e ambiental do desenvolvimento. Isto garante a proteção e promoção do patrimônio como parte de um futuro sustentável, considerando os impactos sociais e econômicos da preservação e gestão do patrimônio cultural.

Atualmente, o património cultural é reconhecido como um ativo local, um recurso valioso que possui potencial econômico, social e cultural. Ao integrar o patrimônio cultural no desenvolvimento local, é possível criar um ambiente favorável para o crescimento econômico, a criação de empregos, o fortalecimento da identidade cultural e o aumento da qualidade de vida das comunidades locais. Esta abordagem valoriza a herança cultural, promove a sustentabilidade e contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e resiliente. No entanto, isso se torna possível com a elaboração e implementação de um adequado plano de gestão do património.

3.1.4. Reabilitação sustentável

Ao longo dos anos houve uma mudança na abordagem da conservação do patrimônio. Hoje valoriza-se o uso sustentável dos locais históricos. Num entendimento holístico do patrimônio, considerando não apenas a preservação física, mas também a sua relevância social, cultural e econômica.

A arquitetura do século XX foi caracterizada por avanços tecnológicos, nos quais foram amplamente utilizados materiais como betão armado, vidro e aço. Estes materiais deterioram-se mais rapidamente do que os tradicionais, o que requer cuidados específicos de manutenção regular para preservar a sua integridade. Muitas estruturas modernas foram projetadas para usos específicos que podem não ser relevantes atualmente. Encontrar novas funções e usos para estas obras é um importante desafio.

Christian Campanella observa que um projeto de reabilitação deve ter em consideração vários aspetos: “(...) o problema da reabilitação deve ser abordado sistematicamente, edifício a edifício, quarteirão a quarteirão (...). Um projeto capaz de conjugar tutela e qualidade de vida, conservação e inovação, história e tecnologia” (Companella, 2003).

Diversos autores têm abordado a questão da reabilitação. É possível identificar três objetivos:

1. Uma intervenção de reabilitação visa sempre melhorar as condições de vida das comunidades. Isso envolve a resolução dos problemas físicos, como anomalias construtivas e ambientais acumuladas ao longo do tempo, mas também atende aos problemas sociais da zona a intervir;
2. A Reabilitação Urbana é uma ação que busca combater o crescimento desordenado da cidade, por meio de políticas que desencorajem a migração da população para outras

áreas urbanas. Visa atrair a fixação de residentes e atividades, promovendo assim uma reabilitação sustentável;

3. Por fim, a reabilitação tem como objetivo principal preservar a identidade do patrimônio construído e, acima de tudo, recuperar o valor e a essência da pré-existência, restabelecendo a conexão afetiva eventualmente perdida ao longo do tempo (Alves, 2016).

Para a reabilitação de uma pré-existência, é de extrema importância realizar uma análise abrangente de todos os dados disponíveis sobre o mesmo. Isso inclui examinar as soluções construtivas, anomalias, elementos estruturais, instalações, materiais utilizados e cores presentes. A partir dessas informações, é possível fazer uma avaliação detalhada do estado de conservação e obter um diagnóstico confiável e selecionar “(...) os meios, a terapêutica, de atingir a possível cura” (Aguiar, 1998). As conclusões do diagnóstico servirão de base à tomada de decisões em relação às soluções e tecnologias de intervenção, sendo um ponto de partida essencial para o desenvolvimento do projeto de reabilitação.

A Carta Europeia do Património Arquitetónico, Conselho da Europa, Estrasburgo, 1975, reconhece a importância de equilibrar a preservação do património com a evolução e o desenvolvimento das áreas urbanas: “(...) a conservação integrada não exclui a introdução de arquitetura contemporânea nos conjuntos antigos, desde que esta tenha em consideração e respeite o contexto, as proporções, as formas e as escalas existentes”.

Atendendo às novas exigências de conforto, materiais e usos, a reabilitação requer a integração de elementos novos. É importante estabelecer um diálogo entre o antigo e o novo.

3.2. Planos de gestão do património de Le Corbusier

Através dos documentos do site da Fundação Le Corbusier, referentes as estratégias de gestão destinadas à preservação e valorização das obras de Le Corbusier inscritas na Lista do Património Mundial, nomeadamente: Quartiers Modernes Frugès (1924 – 1926), Maisons de la Weissenhof-Siedlung (1927) e La Villa Savoye et la Loge du Jardinier (1929 – 1931) realizou-se uma análise dos equipamentos, que se enquadram nos planos de gestão do património da obra de Le Corbusier, com o objetivo de fundamentar uma estratégia para a Malagueira.

Observa-se uma semelhança entre o projeto do conjunto habitacional Quartiers Modernes Frugès, e Bairro da Malagueira, que são duas obras arquitetónicas de grande importância e relevância, apesar de pertencerem a diferentes épocas e contextos. O projeto Quartiers Modernes Frugès foi elaborado na década de 1920, após a Primeira Guerra Mundial, durante

um período de transformações sociais e urbanas significativas na Europa. Le Corbusier e Pierre Jeanneret conceberam este projeto como um protótipo pioneiro de habitação em série. Eles exploraram a ideia de “habitação dos ricos e dos pobres” de acordo com as mesmas concepções artísticas. Utilizaram o estilo do purismo, aplicando formas claras e núcleos habitacionais desprovidas de decoração. O Bairro da Malagueira iniciado em 1977 pertence a uma época em que a arquitetura moderna já estava bem estabelecida. Portugal enfrentava desafios urbanos relacionados com a falta de habitação e a formação de bairros clandestinos. Álvaro Siza projetou o Bairro da Malagueira com uma abordagem mais regionalista e vernacular, adaptando-se ao contexto da região do Alentejo.

Ambos os projetos são considerados marcos na história da arquitetura e têm grandes contribuições para a evolução da habitação em série e da construção industrializada. No entanto, mudam em termos de estilos arquitetónicos, contexto histórico e abordagem social, refletindo as diferentes filosofias dos arquitetos que os conceberam.

Através de análise do plano de gestão do Quartiers Modernes Frugès²⁷ tenta-se perceber os impactos do património na vida da população e na área construída.

O plano de gestão do Quartiers Modernes Frugès visa apoiar os proprietários no processo de conservação dos edifícios, anexos, cercas e jardins, incentivando o retorno gradual dos volumes, cores e composição original das casas. A colaboração entre os serviços governamentais e a comunidade local é essencial para garantir uma gestão eficiente e coordenada. Isso inclui o apoio em projetos de restauro e adequação às novas necessidades sociais e económicas, o que pode envolver orientação técnica, realização de diagnósticos e financiamento ou incentivos para a implementação de trabalhos de restauro e preservação. Além das ações para preservação física do lugar, o documento promove atividades culturais e educacionais com a participação de um público diversificado, eventos nacionais sobre a arquitetura, o património e a cultura. O envolvimento das comunidades locais é incentivado através de reuniões de consulta pública, criação de comitê de monitorização, workshops de sensibilização nas escolas e cursos temáticos para escolas locais. Para melhor compreensão e divulgação da história e da importância do sítio, o plano incorpora equipamentos culturais, como, o Centro de Interpretação de Arquitetura e Património e Frugès Municipal Show House – Le Corbusier.

²⁷ UNESCO: World Heritage, 2014. Cité Frugès: Plan de Gestion. Disponível em: <https://lecorbusier-worldheritage.org/wp-content/uploads/2019/10/plans-de-gestion-locaux-03.pdf>



Legenda:



Limite do Bem Imóvel



Frugès Municipal Show House – Le Corbusier

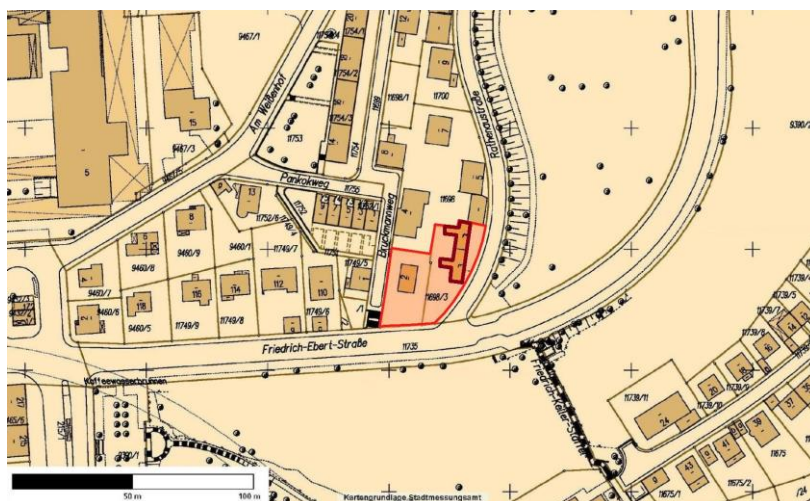
Figura 84: Quartiers Modernes Frugès – limite do Bem Imóvel com demarcação Frugès Municipal Show House – Le Corbusier. Fonte: Adaptado de UNESCO: World Heritage, 2014. Cité Frugès: Plan de Gestion

O plano de gestão dos Quartiers Modernes Frugès revela uma abordagem participativa para a conservação e valorização do patrimônio arquitetônico.

No caso do Maisons de la Weissenhof-Siedlung²⁸, que foram construídas em 1927 como parte de uma exposição de arquitetura moderna em Estugarda, Alemanha, o plano de gestão promove conservação dos materiais originais, bem como visitas guiadas e programas educacionais para sensibilização da importância histórica e arquitetônica do local.

Para oferecer uma experiência educativa e informativa aos visitantes o plano apresenta o projeto de Museu, que foi realizado pelo Escritório de Planejamento Urbano e Renovação Urbana da Capital Regional do Land Stuttgart.

²⁸ UNESCO: World Heritage, 2014. Maisons de la Weissenhof: Plan de Gestion. Disponível em: <https://lecorbusier-worldheritage.org/wp-content/uploads/2019/10/plans-de-gestion-locaux-05.pdf>



Legenda:



Elemento constituinte do Bem Imóvel



Museu Weissenhof

Figura 85: Maisons de la Weissenhof-Siedlung – delimitação do elemento constituinte do Bem Imóvel com demarcação do Museu Weissenhof. Fonte: Adaptado de UNESCO: World Heritage, 2014. Maisons de la Weissenhof: Plan de Gestion

Já a Villa Savoye e a Loge du Jardinier²⁹, construídos em 1929 – 1931, em Poissy, França, no seu plano de gestão, além de implementar as ações que garantem a sua integridade arquitetónica, para a promoção do local como um destino turístico culturalmente relevante, se propõe o projeto de um Centro Cultural vinculado ao património.

Este equipamento será localizado junto da Villa Savoye com um programa abrangente que inclui: conservatório de música, dança e arte dramática; um auditório com capacidade de cerca 400 lugares destinado a apresentações e eventos culturais; uma sala de 100 lugares adequada para apresentações menores, encontros culturais ou eventos especiais. O programa incorpora um Centro Interpretativo de arquitetura e património que oferece informações sobre a Villa Savoye, sua história, arquitetura e importância cultural; uma livraria especializada em arquitetura, design e temas relacionados, onde os visitantes podem adquirir livros, publicações e lembranças relacionadas ao património e arquitetura moderna. Salas destinadas para exposições temporárias ou permanentes sobre arquitetura, design e temas culturais relevantes. Para contribuir ao desenvolvimento da comunidade o programa inclui uma incubadora de empresas e organizações culturais. Ainda prevê um espaço de restauração com a gestão de uma escola de hotelaria local.

²⁹ UNESCO: World Heritage, 2014. La villa Savoye et la loge du jardinier: Plan de Gestion. Disponível em: <https://lecorbusier-worldheritage.org/wp-content/uploads/2019/10/plans-de-gestion-locaux-06.pdf>



Legenda:

■ Demarcação da Villa Savoye

□ Limite da Proposta do Centro Cultural

Figura 86: Villa Savoye e a Loge du Jardinier com demarcação da Villa Savoye e demarcação da Proposta do Centro Cultural. Fonte: Adaptado de UNESCO: World Heritage, 2014. La Villa Savoye et la Loge du Jardinier: Plan de Gestion

Nos exemplos apresentados, os equipamentos culturais propostos nos planos de gestão procuram responder as necessidades dos residentes locais e visitantes, criando oportunidades de lazer e aprendizagem sobre o património em questão.

A oferta de espaços de educação, lazer e cultura para os visitantes são cruciais para tornar o património arquitetónico acessível e atrativo para um público amplo.

A sustentabilidade financeira e operacional do património arquitetónico é um aspeto crítico para garantir sua conservação contínua. Os equipamentos culturais propostos nos planos de gestão desempenham um papel importante na geração de recursos financeiros que podem ser reinvestidos na preservação e promoção do património.

3.3. Classificação do Bairro da Malagueira

A nomeação do Bairro da Malagueira para a Lista Indicativa Nacional à Unesco para inscrição como Património Mundial, juntamente com outras obras de Álvaro Siza, se assenta na aplicação do n.º 1 do artigo 72º do Decreto-Lei nº 309/2009³⁰ de 23 de outubro que refere: “A

³⁰ Diário da República. 2009. O procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime das zonas de proteção e do plano de pormenor de salvaguarda (Decreto-Lei n.º 309/2009). Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/2009-75525223-75532992>

inclusão de um bem imóvel na Lista Indicativa do Património Mundial determine oficiosamente a abertura de procedimento de classificação, no grau de interesse nacional, e de fixação da respetiva zona especial de proteção, nos termos do presente decreto-lei”.

O processo de inscrição teve início no final de 2013 sob orientação da Comissão Nacional de Portugal da UNESCO e concluído em 30 de maio de 2016, fundamenta-se nas disposições da legislação em vigor, nomeadamente:

1. Lei n.º 107/2001³¹, de 8 de setembro, estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural.
2. Decreto-Lei n.º 140/2009³², de 15 de junho, define o regime jurídico dos estudos, projetos, relatórios, obras ou intervenções sobre bens culturais classificados, ou em vias de classificação, de interesse nacional, de interesse público ou de interesse municipal.
3. Decreto-Lei n.º 309/2009³³, de 23 de outubro, estabelece o procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime das zonas de proteção e do plano de pormenor de salvaguarda.
4. Plano de Urbanização de Évora (PUE), republicado no Aviso n.º 12113/2011³⁴, determina no artigo n.º 6, o Bairro de Malagueira, como “Grande Conjunto de Valor Patrimonial”. O n.º 1 do artigo 12 refere a Malagueira como “(...) uma área cuja unidade, singularidade e valor arquitetónico e urbanístico se destacam na Cidade. Corresponde a parte da zona de expansão oeste da Cidade, urbanizada na sequência do Plano de Siza Vieira de 1977 e construída maioritariamente nos anos 80. É constituída por conjuntos de pequenos núcleos de quarteirões de características fortemente tipificadas, articulados entre si por uma rede de aquedutos e organizada à volta de uma área verde de grande impacto visual”. O n.º 2 do artigo 12 estabelece as condições para intervenções, que podem ser promovidas na Malagueira “(...) deverão tomar como premissa e condicionante a salvaguarda e valorização das características expressas no n.º 1”.

³¹ Diário da República. 2001. Análise Jurídica - Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/analise-juridica/lei/107-2001-629790>

³² Direção Regional de Cultura do Norte. 2009. Diário da República, número 113. Disponível em: https://culturannorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/decreto-lei_138_2009_de_15_de_junho-criacao_do_fundo_de_salvaguarda_do_patrimonio.pdf

³³ Diário da República. 2009. O procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime das zonas de proteção e do plano de pormenor de salvaguarda (Decreto-Lei n.º 309/2009). Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/2009-75525223-75532992>

³⁴ Câmara Municipal de Évora. 2013. Plano de Urbanização de Évora. Disponível em: <http://arquivo2020.cm-evora.pt/pt/site-viver/Habitar/ordenamento-do-territorio/Planos%20Municipais/Paginas/Plano-de-Urbanizacao-de-Evora.aspx>

5. Plano Diretor Municipal de Évora (PDME), publicado em 18-02-2013³⁵. Onde o artigo nº 10 identifica o Bairro da Malagueira, como “Grande Conjunto de Valor Patrimonial”. O nº 2 do artigo 16 estabelece as condições para intervenções na zona do Bairro da Malagueira, onde “(...) só são admitidas as intervenções que respeitem e valorizem o património cultural e ambiental”.

A concretização da proposta de classificação foi apresentada pelos Arquitetos Pedro Guilherme e Sofia Salema, os quais lideraram o projeto de pesquisa intitulado “Malagueira: Patrimônio para Todos - Contribuições para sua Classificação”³⁶.

Após revista, a candidatura a Património Mundial submetida em abril de 2023 é composta por oito projetos que incluem o Conjunto de Faculdade de Arquitetura do Porto, a Piscina das Marés, a Casa de Chá da Boa Nova, o Museu de Serralves, o Pavilhão de Portugal, o Bairro da Bouça, a Igreja do Marco de Canavezes e a Casa Alves Costa. Portanto o Bairro da Malagueira não vai integrar lista de obras candidatas a Património Mundial.

Ainda, conforme o artigo publicado no jornal “Publico”³⁷, publicado no dia 11 de abril de 2023, o diretor da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto afirmou que “a candidatura está preparada com as chamadas extensões futuras”, para que, mais tarde, se possam associar outros projetos do arquiteto, incluindo no estrangeiro. “Aí, a ideia é incluir não só algumas obras que já estão na Lista Indicativa, a Malagueira (Évora), o Chiado (Lisboa) e outras obras significativas, mas também abrir para obras no estrangeiro que estejam fora de Portugal” (Lusa, 2023).

³⁵ Camara Municipal de Évora. 2013. Plano Diretor Municipal. Disponível em: <http://arquivo2020.cm-evora.pt/pt/site-viver/Habitar/ordenamento-do-territorio/Planos%20Municipais/Paginas/Plano-Diretor-Municipal.aspx>

³⁶ Universidade de Évora. 2023. Malagueira: Património de Todos: Subsídios para a sua classificação. Disponível em: <https://www.uevora.pt/investigar/projetos?id=3827>

³⁷ Lusa (2023). Oito projetos de Álvaro Siza candidatos a Património Mundial da UNESCO. Artigo disponível em: <https://www.publico.pt/2023/04/11/culturaipilon/noticia/oito-projectos-alvaro-siza-candidatos-patrimonio-mundial-unesco-2045728>

Capítulo 4: Proposta

4.1. Proposta do Centro Interpretativo da Malagueira/Área de implantação/Programa/Design/Materialidade

A área de intervenção do projeto do Centro Interpretativo é notável por uma combinação única de elementos que, quando vistos em conjunto, revelam um potencial significativo para se transformarem em um lugar de grande importância e valor simbólico. Um desses elementos de destaque é o eixo de acesso que liga o Bairro da Malagueira ao Centro Histórico de Évora, estabelecendo uma ligação vital entre a contemporaneidade do bairro e a rica herança histórica da cidade. Além disso, os dois moinhos e a Quinta da Malagueira situados próximos ao ponto de intersecção deste eixo com o eixo norte-sul são elementos preexistentes que carregam consigo uma antiga história da localidade agrícola, acrescentando camadas de significado ao local.

A obra do Bairro da Malagueira é um projeto que recebeu reconhecimento e prêmios no cenário internacional. Em 1988, o bairro foi agraciado com o “Prince of Wales Prize in Urban Design” pela Harvard University Graduate School of Design, destacando a excelência do seu design urbano. Além disso, a renomada revista *Quaderns D'Arquitectura I Urbanisme* dedicou um volume a Álvaro Siza, especificamente ao projeto da Malagueira, no número 159 de 1983, realçando a importância do Bairro. A influência e relevância da Malagueira estende-se globalmente, como evidenciado pela revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, que dedica o número 278 de dezembro de 1991 ao bairro. O bairro é objeto de estudo e avaliação em todo o mundo, com dossiês publicados nas principais revistas de arquitetura internacional. Seu impacto é sentido em várias regiões, da Europa e dos Estados Unidos ao Japão. Uma notável taxa de visitas à Malagueira, que supera a de muitos museus, é um indicativo inequívoco do interesse e reconhecimento que o bairro recebe (Gomes, 2013).

O Centro Interpretativo proposto para a Malagueira visa oferecer uma contribuição na promoção e aprofundamento do interesse pelo bairro. Através dos percursos interpretativos desenvolvidos a partir do Centro, os visitantes terão a oportunidade de explorar a Malagueira de forma mais aprofundada, compreendendo o interesse do arquiteto Álvaro Siza, os princípios do design do bairro e a sua relevância arquitetónica. Isso não apenas enriquece a visita, mas também promove a valorização do património local e a apreciação da arquitetura contemporânea.

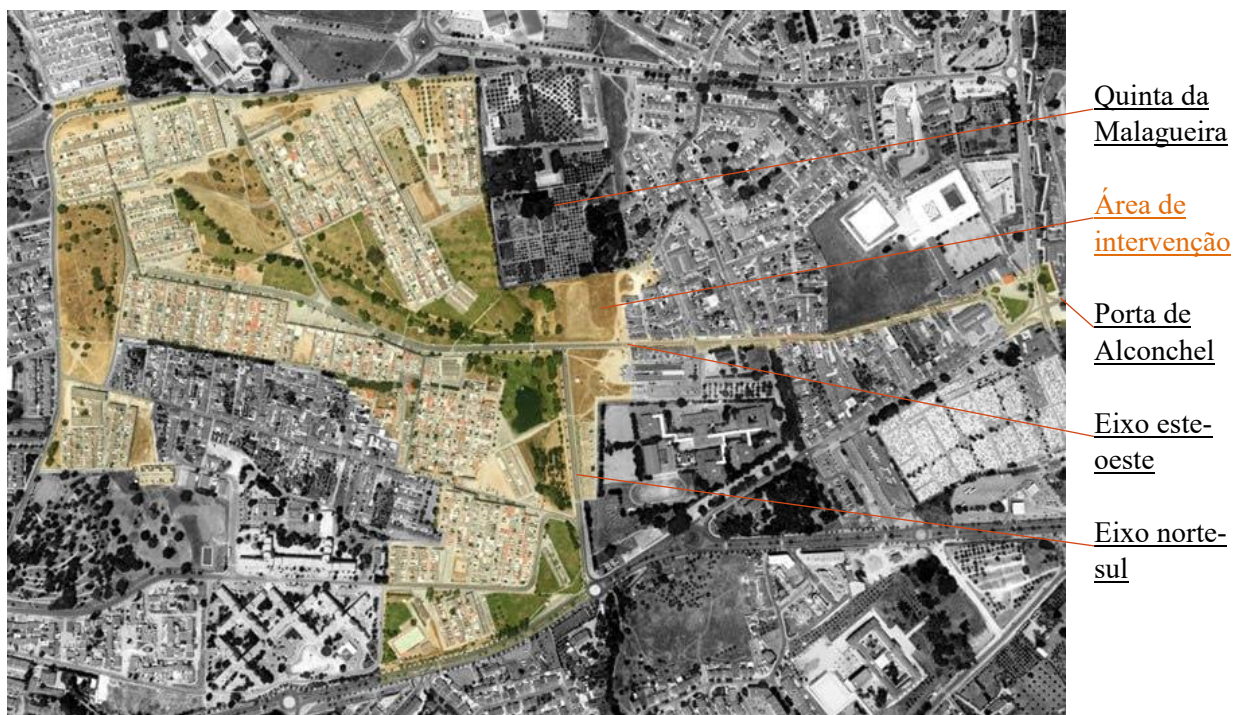


Figura 87: Ortofotomapa do Bairro da Malagueira com indicação das principais vias de acesso e área de implantação da proposta do Centro Interpretativo. Fonte: Adaptado de Google Earth, 2023



Figura 88: Vista sobre a área de intervenção da proposta do Centro Interpretativo. Fonte: Autor, 2023

4.1.1. Programa do Centro Interpretativo da Malagueira

Os planos de gestão analisados no estudo da obra de Lé Corbusier, “Patrimônio Moderno na Lista do Patrimônio Mundial”, forneceram referências importantes para proposta em epígrafe. É fundamental uma ativação turística, que envolve uma adequada gestão destes recursos patrimoniais, incluindo o planeamento das operações de receção de visitantes, e organização de eventos culturais para criar um ambiente atrativo, dinâmico e educacional.

O programa do Centro Interpretativo é organizado com base em sua funcionalidade, que se divide em dois aspetos: interno e externo. As funções internas do centro incluem adquirir, inventariar e conservar bens patrimoniais, implementar estratégias interpretativas para promover a compreensão do património arquitetónico. As funções externas incluem estratégias de interação com o público-alvo, como programas e atividades para envolver os visitantes e promover a compreensão do património, estabelecendo uma relação significativa entre o centro e o público. Neste enquadramento, o programa do Centro Interpretativo propõe-se de acordo com a organização destas funções que inclui:

1. Espaço de Recepção: Uma área de boas-vindas para visitantes, onde podem obter informações, adquirir ingressos e iniciar a visita.
2. Áreas de Exposição: Espaços destinados a exposições permanentes e temporárias que apresentam informações sobre o património arquitetónico da obra de Álvaro Siza e a história da Malagueira.
3. Auditório: Uma sala (com capacidade para 200 pessoas) equipada para palestras, conferências e outras atividades educacionais e culturais.
4. Biblioteca: Espaço destinado à pesquisa e disseminação do conhecimento.
5. Salas de Aula: Espaços para a realização de aulas, workshops e programas educacionais.
6. Cafeteria: Um local para pausa e refeições ou lanches.
7. Loja de Souvenirs: Uma loja que oferece lembranças relacionadas ao património arquitetónico e à Malagueira.
8. Área Administrativa: Espaço para a equipa de gestão, corpo administrativo e operacional.
9. Áreas de Serviço: Locais destinados a serviços de apoio, como instalações sanitárias, salas técnicas e áreas de armazenamento.
10. Espaço Exterior: Áreas externas, (pátio no interior aberto para área verde da Malagueira destinado a atividades ao ar livre, exposições temporárias, ou eventos culturais e início de trilhas interpretativas da Malagueira).
11. Parque de Estacionamento: Área para estacionamento de veículos dos visitantes e funcionários.

4.1.2. Intenções projetuais para proposta do Centro Interpretativo

A necessidade de estabelecer um “diálogo com a arquitetura circundante” foi fundamental na conceção da proposta. Procurou-se adotar características arquitetónicas locais que se enquadram na envolvente e reflitam a herança cultural da Malagueira.

O projeto de Siza, é um exemplo notável de como a conceção arquitetónica deve ser guiada pela compreensão profunda da cidade e suas diversas relações. Esta obra demonstra uma integração harmoniosa com a cidade existente, resultando reinterpretação da linguagem arquitetónica local, considerando a escala, os materiais, e as formas. O Bairro da Malagueira reflete a identidade local de Évora, incorporando características da arquitetura alentejana, particularmente: as casas-pátio com poucas aberturas e vedadas de muros altos, grandes chaminés, o aqueduto, as arcadas da Praça do Giraldo, as ruas estreitas que protegem os usuários do sol quente do verão. A organização do bairro foi concebida com uma abordagem centrada na comunidade. As ruas, praças e espaços públicos foram projetados de forma a facilitar a interação social. A disposição central de uma extensa área verde além de proporcionar uma experiência mais próxima a natureza, contribui para a coesão do bairro. Uma compreensão da topografia, luz solar, ventos dominantes e outros aspetos ambientais foram fundamentais. Siza criou um ambiente sustentável que respeita e se integra harmoniosamente com a natureza circundante. Os edifícios projetados por Siza na Malagueira são funcionais e oferecem flexibilidade para acomodar as evoluções dos moradores. Isto é crucial para criar uma cidade que possa se adaptar ao longo do tempo.

Estratégias de integração

O estudo da obra do Bairro da Malagueira e o seu entorno procurou conceber estratégias para integração da proposta na arquitetura existente. Em baixo, apresenta-se uma foto da maquete (Escala: 1/1.500) realizada pela turma 4 PFA, 2022-2023, com exposição do volume da proposta (trabalho individual) do Centro Interpretativo.



Figura 89: Vista sobre o Bairro da Malagueira e área circundante - Maquete de estudo (Escala 1/1.500) realizada pela turma 4 PFA, 2022-2023, com exposição do volume da proposta (trabalho individual) do Centro Interpretativo. Fonte: Autor, 2023

Evita-se a descaracterização das construções existentes na Malagueira ocupando uma área delimitada pela Avenida da Malagueira a sul, Quinta da Malagueira a norte, Parque da Malagueira a oeste e a rua de acesso que separa o Bairro da Malagueira e o Bairro da Nossa Senhora da Glória a este, e mantendo a cota de soleira do edifício de Sede projetado por Álvaro Siza. O edifício em forma de “U” abraça um pátio de grande dimensão voltado para o Parque da Malagueira, sendo circundado por vãos dos compartimentos que constituem o Centro Interpretativo, deixando as mínimas aberturas orientadas para outras partes, assegurando assim uma maior privacidade para moradores do Bairro da Nossa Senhora da Glória.

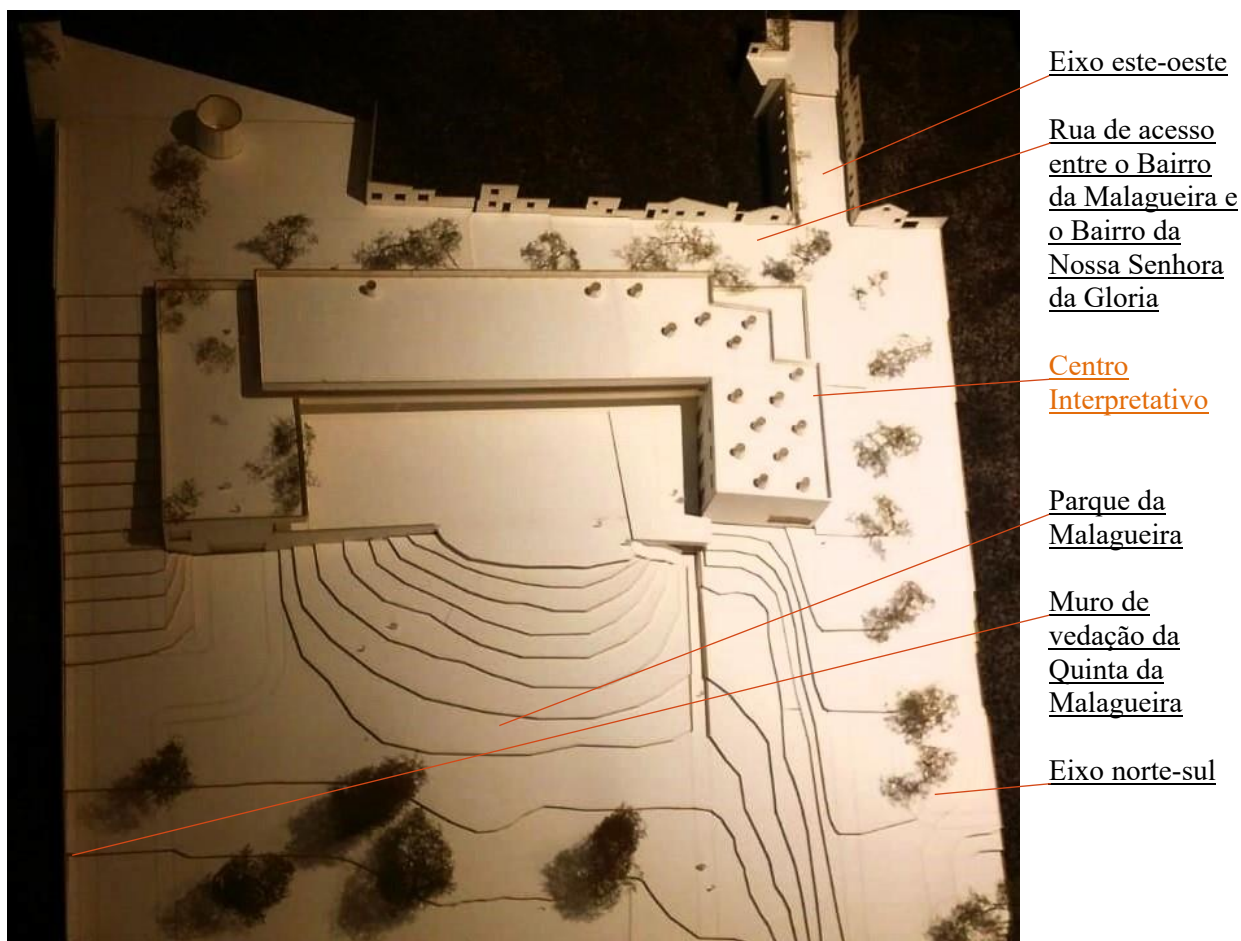


Figura 90: Maquete (Escala 1/100) do Centro Interpretativo. Fonte: Autor, 2023

Ao escalonar o volume do edifício proposto, rebaixando uma parte que ladeia o bairro da Nossa Senhora da Glória ajuda a interligá-lo ao contexto urbano circundante, criando uma transição mais suave entre edifícios de diferentes alturas.

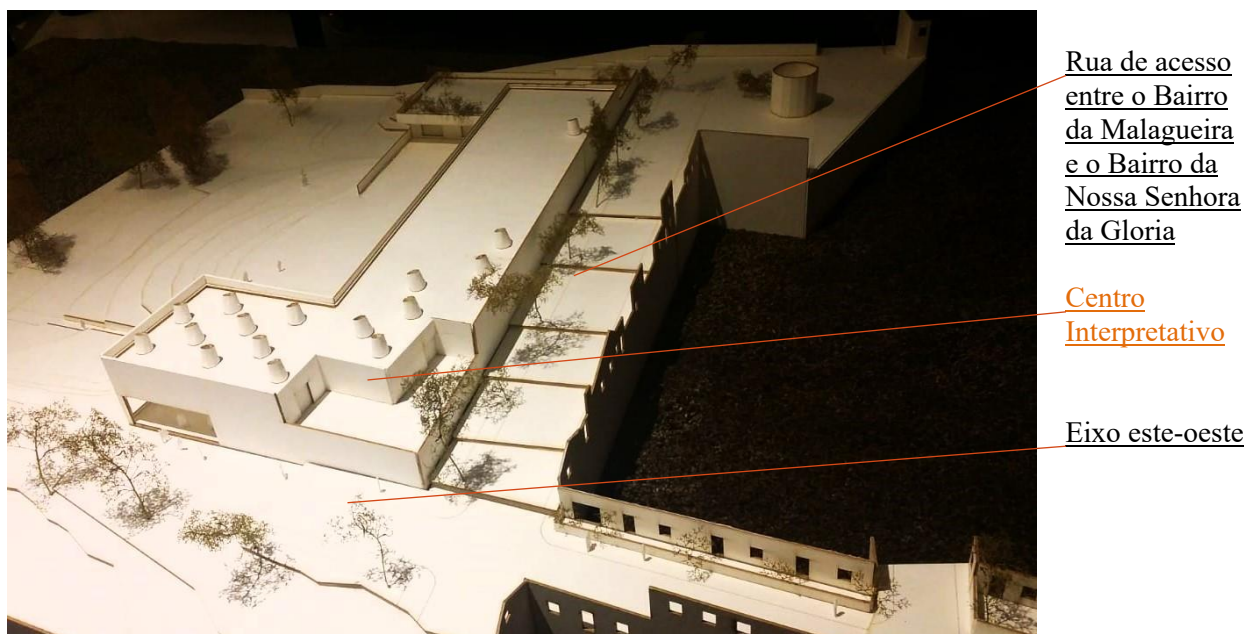


Figura 91: Maquete (Escala 1/100) do Centro Interpretativo. Fonte: Autor, 2023

A intervenção arquitetónica numa cota mais elevada tira proveito do panorama do local, sem, no entanto, interferir com edifícios vizinhos, onde privilegiou-se a vista para a área central do Bairro da Malagueira.



Figura 92: Relação visual do Centro Interpretativo com área central do Bairro da Malagueira – Maquete de estudo (Escala 1/1.500) realizada pela turma 4 PFA 1, 2022-2023, com exposição do volume da proposta (trabalho individual). Fonte: Autor, 2023

Adaptação ao relevo

Para garantir a harmonia entre a construção e o ambiente natural, tomou-se em consideração a adaptação do projeto arquitetónico ao relevo local. Ao ordenar o pátio de acordo com as curvas de nível do terreno e conectá-lo de maneira fluida ao Parque da Malagueira consegue-

se uma transição suave e natural. Isto permite que o ambiente construído se misture harmoniosamente com o espaço verde circundante, criando uma sensação de continuidade e preservando a integridade do terreno. Ao posicionar a entrada para o parque de estacionamento em uma cota mais baixa (+273.50), aproveitando o declive do relevo, permite o acesso direto ao exterior, minimizando a escavação e a modificação do terreno, preservando a paisagem circundante. A integração da saída de emergência do auditório e do parque de estacionamento ao relevo não apenas facilita a evacuação de forma segura, mas também reduz a interferência visual no ambiente natural. Este percurso traçado pela saída de emergência se liga através de uma escada de acesso com o pátio do Centro Interpretativo (cota +277,75) e torna-se em uma trilha interpretativa minimizando qualquer impacto visual disruptivo, contribuindo para uma experiência mais autêntica e agradável para os visitantes e moradores locais.

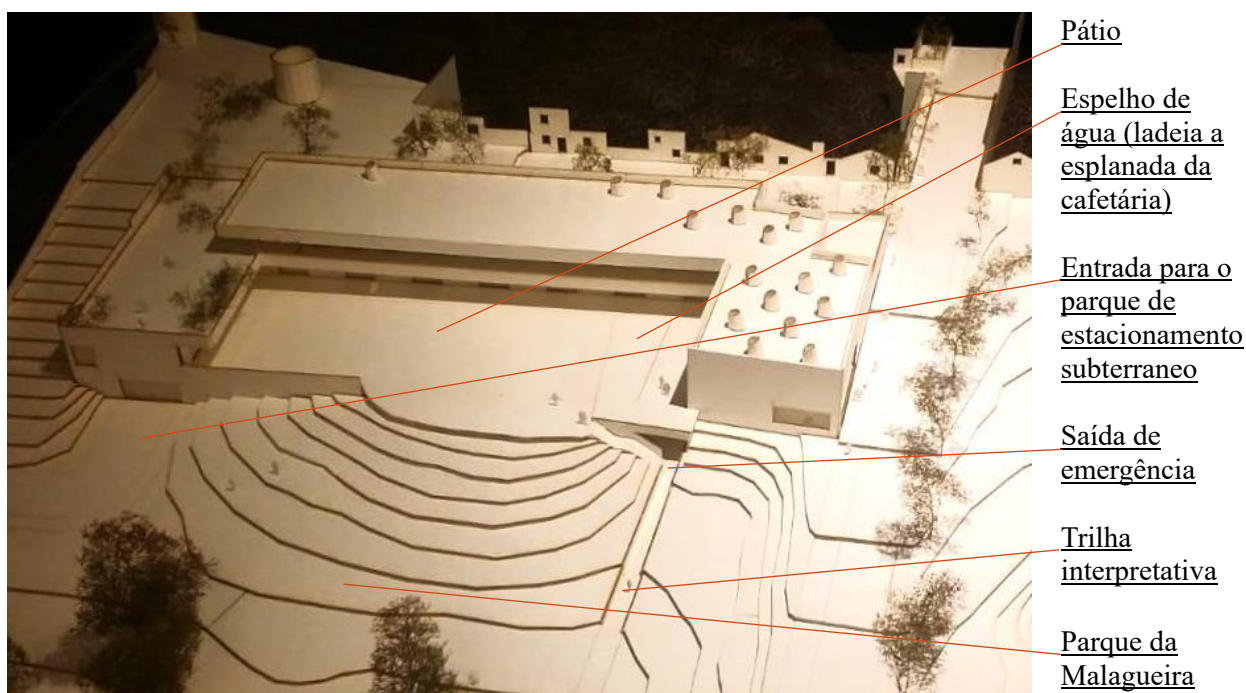


Figura 93: Maquete (Escala 1/100) do Centro Interpretativo. Fonte: Autor, 2023

Técnicas de camuflagem

A utilização de técnicas de camuflagem, como enterrar uma parte do edifício e incorporar coberturas ajardinadas, permitem a nova construção fundir-se visualmente com a paisagem e a vegetação circundante, reduzindo a sua imponência, e contribuindo para preservação da imagem e da identidade arquitetónica do património existente. Além disso, o uso de elementos como pátio central que se desenvolve na cobertura do parque de estacionamento subterrâneo, e cobertura verde do bloco das salas de aula que ladeia a Quinta da Malagueira, não apenas

camufla a estrutura, mas também oferece benefícios adicionais, como áreas de lazer, espaços para eventos culturais e exposições temporárias.

Identidade e Simbolismo

Na construção conceptual do projeto recorreu-se a analogias com a temática do património arquitetónico da Malagueira e do entorno: os pórticos formados pela conduta aérea que reinterpreta o Aqueduto da Água de Prata e as arcadas da Praça do Giraldo, as casas-pátio, os projetos dos equipamentos, produzidos pelo Álvaro Siza para o lote onde se propõe o Centro Interpretativo, e a Porta de Alconchel que se situa numa proximidade de cerca de 650 metros de distância até a área de intervenção. Esta estratégia de identificação de características-chave, que são parte da personalidade arquitetónica local, e a incorporação destas analogias no projeto, ajuda a garantir que a intervenção respeite a identidade e integridade da Malagueira.

Para agregar profundidade histórica e cultural, no alçado principal do edifício Centro Interpretativo foi incorporado um pórtico monumental, que representa um elemento arquitetónico marcante com significado simbólico e sinaliza a entrada principal.

Porta Urbana e Acolhimento

O pórtico monumental pode ser interpretado como uma “porta urbana”, um símbolo de boas-vindas e acolhimento aos visitantes, destacando a entrada principal e orientando a experiência dos utilizadores.

Estética Monumental e Impacto Visual

A presença de um pórtico monumental confere uma estética imponente e marcante ao edifício, tornando-o uma referência visual na área circundante.

Portanto, a intenção de incorporar este elemento monumental serve não apenas para uma função prática de marcar a entrada, mas também incorpora as camadas de significado, conectando uma história arquitetónica do passado com a proposta atual.

Sustentabilidade do edifício do Centro Interpretativo

A sustentabilidade do edifício é um dos princípios centrais na conceção da proposta do Centro Interpretativo. Além de garantir que o novo edifício seja funcional, esteticamente atraente, e integrado ao ambiente construído, a sustentabilidade está a permear todas as decisões e escolhas do projeto.

4.1.3. Materialidade

Considerando o equilíbrio entre tradição e inovação, tendo como objetivo garantir a funcionalidade e eficiência do edifício, foram usados materiais tradicionais juntamente com materiais de construção novos. Esta combinação permite que o edifício honre a tradição local, mantendo-se atualizado com as tecnologias e materiais contemporâneos.

A incorporação de materiais novos, como o Cross-Laminated Timber (CLT), permite aproveitar a tecnologia e os benefícios oferecidos por este material, como eficiência na construção e sustentabilidade.

O CLT é um material composto por camadas de madeira dispostas perpendicularmente e coladas entre si, conferindo-lhe alta resistência e versatilidade. A utilização do CLT está alinhada com princípios contemporâneos de sustentabilidade, eficiência e flexibilidade de design. Apesar de ser leve, o CLT possui alta resistência estrutural, o que possibilita a criação de estruturas robustas e seguras, contribuindo para a integridade do edifício. O CLT pode ser moldado em diferentes formas e tamanhos, permitindo a criação de espaços interiores flexíveis e adaptáveis conforme as necessidades do programa. Este material também conhecido pela sua rapidez de montagem, o que pode acelerar o processo de construção, apesar do que possui boas propriedades de isolamento térmico e acústico. A madeira é um recurso renovável e, ao optar pelo CLT, contribui-se para a redução da pegada de carbono, pois a madeira armazena carbono durante o seu ciclo de vida. O aspeto visual da madeira adiciona uma estética natural e atraente aos interiores, criando um ambiente acolhedor e convidativo para os usuários.

Considerando as condições mais húmidas na parte subterrânea do edifício, a estrutura nesta área será em betão. O parque de estacionamento terá as superfícies verticais e o piso em betão aparente (polido) onde a durabilidade, resistência e facilidade de manutenção são essenciais, provendo uma estética industrial e moderna.

Para favorecer para um ambiente interno mais confortável, se aplica o material de revestimento Sistema de Isolamento Térmico pelo Exterior (ETICS), e que também foi usado nos projetos dos equipamentos do Bairro da Malagueira como material de revestimento das paredes exteriores e lajes.

O Sistema de Isolamento Térmico pelo Exterior (ETICS) é uma solução eficaz para isolamento térmico em paredes externas, aplicável tanto em paredes de alvenaria como em paredes de betão. Este sistema envolve a aplicação de uma camada de isolante térmico na face externa da parede, fixada por colagem, fixação mecânica ou ambos os métodos. As placas de isolamento variam em espessura (geralmente de 40 a 100 mm, sendo comuns em Portugal espessuras de 40 mm a 60 mm). Os materiais de isolamento mais utilizados em Portugal

incluem poliestireno expandido moldado, poliestireno expandido estruído e placas de aglomerado de cortiça expandida. Além disso, este sistema permite uma diversidade de acabamentos, como pintura, revestimentos plásticos espessos e revestimentos minerais à base de silicatos ou cimento, tornando-o uma solução versátil e eficaz para melhorar o desempenho térmico das estruturas (Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2010).

O Centro Interpretativo será acabado na cor branca na parte externa e uma combinação de branco e madeira (CLT aparente) no interior. O branco é de fato uma cor emblemática na arquitetura de Évora e, em particular, na Malagueira. Esta abordagem considera tanto o respeito pela tradição arquitetónica da região, como também apresenta um aspeto que é aconchegado, atemporal e em sintonia com o ambiente construído.

Os acabamentos dos pisos são influenciados por diversos fatores, incluindo o contexto local, a estética desejada e a funcionalidade do espaço. Os pavimentos do Centro Interpretativo serão em madeira no 1º andar, onde o CLT vai ser deixado visível e tratado com verniz, contribuindo para uma estética natural e atraente. A madeira proporciona um toque de calor e conforto, e muitas vezes empregada nos projetos de Álvaro Siza. Nas zonas de água preveem-se os pisos em mosaico cerâmico e lambrins em azulejo com 2,10 m de altura. Os pavimentos do rés-do-chão, as escadas de acesso, o terraço junto da biblioteca do 1º andar e uma varanda, sombreada pela cobertura, que cria acesso das salas administrativas e de foyer para a área de cobertura verde, serão em pedra natural de mármore. Este material amplamente presente na região, e utilizado na Malagueira em muitos detalhes arquitetónicos e mobiliário urbano. O mármore é conhecido pela sua durabilidade e resistência, tornando-o adequado para áreas de tráfego intenso, como pavimentos e escadas. A pedra natural, como o mármore, tem uma boa condutividade térmica, proporcionando um ambiente interior mais fresco no verão e mais quente no inverno.

Além dos pavimentos e escadas, o mármore será usado na soleira dos vãos, no revestimento do guarda-corpo das escadas e no mobiliário urbano. Os bancos em forma de paralelepípedo revestidos de mármore representam uma abordagem arquitetónica simples, geométrica e proporcionam assentos confortáveis e funcionais para os visitantes, oferecendo um local para descanso e apreciação da paisagem ao redor. A forma básica e limpa do paralelepípedo permite que o banco se adapte bem a diferentes ambientes, onde um banco será colocado na entrada principal junto de uma grande abertura orientada para o Parque da Malagueira e outros em cima da cobertura verde do bloco das salas de aula. O corte das placas de mármore a 45 graus cria a

ilusão de que as peças são maciças e contínuas, proporcionando um acabamento mais sofisticado na execução das escadas e dos bancos, contribuindo para uma estética mais atraente.

As portas e janelas exteriores terão caixilharias de aço inoxidável e duplo envidraçado. Os aros das aberturas e portas interiores serão de madeira.

O revestimento do piso do auditório será em madeira de carvalho, e as paredes serão revestidas com painéis acústicos de madeira de carvalho³⁸. A madeira além de contribuir para melhor isolamento acústico do auditório, minimizando o ruído e proporcionando uma experiência sonora com mais qualidade, possui uma riqueza visual e uma textura única, que inclui linhas retas, padrões ondulados, nós e veios, criando um visual tridimensional, que pode mudar com a incidência da luz.

No Centro interpretativo serão utilizados tetos suspensos (falsos) de gesso, que favorecem às melhores condições sonoras no interior do edifício, e permitem esconder instalações elétricas, de HVAC (aquecimento, ventilação e ar condicionado) e tubulações, proporcionando um visual limpo e organizado.



Figura 94: Carvalho de cor castanho-claro com laivos dourados. Fonte: Ecoplac, (s.d.)



Figura 95: Mármore de Estremoz (extraído da região do Alentejo). Fonte: Critério Favorito, 2023

³⁸ A coloração natural do carvalho varia de tons claros, como o carvalho-branco, a tons mais escuros, como o carvalho-vermelho e o carvalho-roble. A proposta do Centro Interpretativo possui a madeira do carvalho-branco (claro).

No que diz respeito aos acabamentos das áreas externas, os passeios em redor do Centro Interpretativo serão revestidos em pedra de granito de face plana (calçada tradicional miúda), material que foi usado nos passeios do Bairro da Malagueira e que se refere no relatório da Câmara Municipal de Évora (2015), “Avaliação permanente do espaço público/GAPV” como uma solução “(...) amigável ao peão a circulação no Centro Histórico”. A calçada de cubos de granito de 11x11 em fiadas regulares, será utilizada na via de acesso entre o Bairro da Malagueira e o Bairro da Nossa Senhora da Glória, tal como, na via de acesso para o parque de estacionamento subterrâneo, por ser amplamente usada nas vias em redor da área de intervenção e porque “(...) oferecem as melhores condições para receber cargas automóveis” (CM-Évora, 2015). A plataforma da entrada principal, a área de circulação, a esplanada de cafetaria do pátio e a base do Centro Interpretativo serão de pedra de granito cinzento de origem do Alentejo.



Figura 96: Calçada de cubos granito 11x11 em fiadas regulares. Fonte: CM-Évora, 2015



Figura 97: Calçada tradicional miúda de granito. Fonte: CM-Évora, 2015



Figura 98: Pedra de granito de origem do Alentejo. Fonte: Imgranit, (s.d.)



Figura 99: Cynodon dactylon, também conhecido como grama. Fonte: Husqvarna, (s.d.)

Na superfície de pátio e cobertura do bloco das salas de aula será utilizado uma espécie nativa do norte de África e do sul da Europa, o *Cynodon dactylon*, também conhecido como grama, grama fina ou gramilha, é uma das variedades mais usadas, destacando-se por resistir às pisadelas, ao calor e à seca. A camada do solo vegetal (cobertura verde) do bloco das salas de aula varia de profundidade, permitindo cultivo outros tipos de plantas. O uso de arbustos e árvores de pequeno pote nesta área de lazer deve proporcionar um ambiente agradável, complementando a estética geral do projeto. A utilização das plantas nativas da região do Alentejo, como Tomilho (*Thymus vulgaris*), Crataegus laevigata (*Midland hawthorn*), Medronheiro (*Arbutus unedo*), tem como intenção criar uma paisagem que se integre com o ambiente da Malagueira.

O trilho interpretativo, que tem o seu início no pátio do Centro Interpretativo (e inclui a saída de emergência do auditório e garagem), será ladeado por estas (e outras) espécies nativas (com sinalização adequada nas placas de informação), com objetivo de oferecer uma oportunidade educacional sobre a flora e fauna da região, conscientizando sobre a importância da preservação da natureza.

No separador verde junto da via de acesso entre os bairros da Malagueira e da Nossa Senhora da Glória serão implantadas árvores de espécie Sycamore ou Planetree (*Platanus*), que se encontram abundantemente na cidade de Évora, oferecendo uma sombra generosa pela sua coroa densa, proporcionando conforto térmico para o público. Além de criar uma área fresca (que protege do sol quente Alentejano) as árvores neste local servem como barreira natural, ajudando a reduzir o ruído proveniente da via de acesso entre os bairros. As árvores Sycamore são conhecidas pela sua tolerância à poluição, o que é especialmente relevante em áreas urbanas.



Figura 100: Crataegus laevigata (Midland hawthorn), (Foto tirado no Parque da Malagueira).
Fonte: Autor, 2023



Figura 101: Sycamore ou Planetree (Platanus), (Foto tirado no Parque da Malagueira). Autor, 2023

A água de chuva captada pelas calhas do telhado da cobertura de duas águas executado em chapas de zinco, instalado para proteger a laje do 1º andar do edifício, será armazenada em um depósito de água subterrâneo (de 20 toneladas) para ser utilizada posteriormente para rega, limpeza ou outros usos não potáveis. A estrutura da cobertura composta por barrotes e ripas de madeira cria uma área ventilada entre a laje e o revestimento de zinco, contribuindo para a eficiência energética do edifício, pois reduz a transferência de calor para o interior. O revestimento de zinco e a ventilação adequada também se destinam para proteger a estrutura, prolongando a vida útil da edificação. A integração de painéis solares fotovoltaicos na cobertura do 1º andar, tenciona contribuir para a redução do consumo de energia proveniente de fontes não renováveis.

4.1.4. Descrição geral

A proximidade com a área pública da Malagueira visa fomentar a interação entre os moradores locais e os visitantes, contribuindo para a coesão social e enriquecendo a experiência de todos os envolvidos. Uma integração ativa com a comunidade local deve contribuir para a vitalidade e autenticidade do Centro Interpretativo, tornando-o não apenas um destino para visitantes, mas um hub dinâmico de atividades e interações enriquecedoras para toda a comunidade.

A organização das áreas do Centro Interpretativo, de acordo com o programa delineado e apresentado anteriormente, reflete uma abordagem cuidadosa e respeitosa ao projeto do Bairro da Malagueira de Álvaro Siza, bem como à funcionalidade e às necessidades da referida proposta.

O edifício é composto por três blocos interligados em forma de “U”. Esta configuração cria um grande pátio aberto voltado para o Parque da Malagueira, que pode servir como um espaço de convívio e interação. O acesso principal localiza-se no bloco que ladeia a Avenida da Malagueira cujo alçado incorpora um pórtico monumental, que facilita anunciar a presença do edifício do Centro Interpretativo e para orientação e entrada do público alvo. A altura do bloco varia de 9,0 metros a 4,30 metros, criando um volume escalonado, proporcionando uma transição suave e gradual entre o novo edifício e os edifícios habitacionais do Bairro da Nossa Senhora da Glória. No interior, ao entrar, depara-se com um amplo átrio que serve como núcleo central, unindo os vários espaços que podem operar de forma independente. A organização das entradas da cafetaria, loja, pátio, galeria, salas de exposição e escada de acesso dentro deste átrio proporciona uma rota clara entre as distintas áreas do Centro Interpretativo.

O posicionamento do balcão de recepção no espaço central do átrio é uma característica-chave para a orientação e assistência aos visitantes. Este é o ponto de contacto inicial onde os visitantes podem receber informações, adquirir bilhetes ou obter orientações sobre o edifício e as suas atividades. A pequena área técnica que cria acesso para a área de recepção e para o WC de serviço dos funcionários proporciona um desempenho eficaz em abrigar equipamentos e sistemas necessários para o funcionamento do edifício (como sistemas de climatização, energia, entre outros) e dispondo de um fácil acesso as instalações sanitárias sem a necessidade de se deslocar por longas distâncias para o pessoal de serviço da área de recepção. A presença de um elevador para o público no espaço central do átrio é estratégica, facilitando a acessibilidade aos diferentes níveis do edifício, especialmente para pessoas com mobilidade reduzida.



Figura 102: Centro Interpretativo. Balcão de recepção e escada pública. Fonte: Autor, 2023

A criação de dois eixos estruturantes: um eixo na posição central do pátio orientado para o Parque da Malagueira estabelece uma disposição estratégica das aberturas promovendo a vista para a área verde e entrada de luz natural, proporcionando uma iluminação adequada e economia de energia; e outro eixo, no bloco de entrada principal, que se desenvolve ao longo da parede paralela a Avenida da Malagueira, estabelece uma hierarquia espacial, destacando as áreas públicas cujas entradas desenvolvem-se ao longo deste eixo, e em coincidência com este eixo encontra-se a escada pública que cria acesso para Biblioteca e o Auditório que encontram-se respetivamente nos pisos 1 e -1.

Conforme mencionado anteriormente, a proposta do Centro Interpretativo é fortemente influenciada pelas obras de Álvaro Siza, que também conhecido por incorporar em seus projetos

escadas que muitas vezes transcendem sua função prática de ligar os diversos níveis de um edifício. Estas escadas tornam-se elementos que conferem um caráter artístico, gerando jogos de luz e sombra que destacam a beleza das formas esculturais e dos materiais empregados.

Pretende-se, que a escada da proposta se torne uma parte importante da composição arquitetónica, integrando-se com o ambiente de forma orgânica. A textura, cor, a composição dos materiais e o uso de iluminação zenital, foram considerados para conferir a esta área um papel central no espaço. A combinação de betão armado como material estrutural e o revestimento com placas de mármore oferece uma sinergia entre durabilidade e estética. O betão armado fornece a estrutura necessária, enquanto o mármore adiciona requinte e estilo ao design das escadas.

A área de exposição encontra-se no rés-do-chão e está diretamente ligada ao átrio, que facilita a orientação dos visitantes e promove um fluxo contínuo, garantindo que a exposição seja facilmente acessível. A inclusão tanto de uma exposição permanente, enfocada no património arquitetónico da Malagueira de Álvaro Siza, quanto de exposições temporárias, oferecem uma gama diversificada de conteúdos ao longo do tempo. A disposição das 5 salas de tamanho igual e o percurso em forma de serpentina proporcionam uma distribuição uniforme dos visitantes e garantem que todos os espaços expositivos sejam explorados. A utilização de frestas na parte superior da parede que ladeia a galeria envidraçada para introduzir luz natural indireta, permite criar uma iluminação suave e difusa na área de exposição. Além disso, a entrada de luz solar direta para o interior dos espaços de exposição pode ser prejudicial para as peças expostas causando desbotamento, danos e deterioração. A luz indireta ajuda a minimizar estes riscos, garantindo a conservação das peças a longo prazo. O uso de sistemas de iluminação artificial com intensidade ajustável e temperatura de cor variável oferece flexibilidade para adaptar a iluminação de acordo com o tipo de exposição e as necessidades específicas de cada sala.

Um amplo hall, posicionado no ponto de conexão com o bloco das salas destinadas para workshops e programas educacionais, demarca o final do percurso da área de exposição, proporcionando uma transição suave para outras áreas, como o pátio central, a galeria, as salas educacionais ou a escada de serviço.

Com a disposição das salas educacionais, incluindo a sala para pintura, cerâmica e sala multiusos, ao longo do pátio central formando uma ala que ladeia a quinta da Malagueira, cria-se uma integração visual e física com a área verde circundante, conectando os espaços interiores com o ambiente natural exterior. A proximidade com a natureza pode ser uma fonte de inspiração para atividades artísticas como pintura e cerâmica, estimulando a criatividade e a

expressão artística dos estudantes. A orientação das salas educacionais para o pátio central facilita a entrada de luz natural e a ventilação adequada, criando espaços mais confortáveis e saudáveis para os ocupantes, tal como, permite proporcionar as oportunidades para atividades ao ar livre e eventos educacionais.



Legenda:

1. Átrio; 2. Recepção; 3. Bengaleiro; 4. Loja; 5. Área de Exposição; 6. Cafeteria; 7. Esplanada; 8. Sala 1 (desenho); 9. Sala 2 (escultura e cerâmica); 10. Sala 3 (multiusos); 11. Galeria; 12. Arrumos; 13. Arrecadação; 14. Instalações sanitárias públicas; 15. Espelho de água; 16. Pátio.

Figura 103: Centro Interpretativo, alçado Principal/Sul e planta do rés-do-chão. Fonte: Autor, 2023

Ao descer para o piso -1, encontra-se um foyer que serve para receber e direcionar as pessoas para palestras, conferencias e outros eventos culturais que ocorrem no auditório com capacidade de acolhimento para 200 pessoas.

A área de camarins está disponibilizada para atender às necessidades de artistas, palestrantes ou qualquer outra pessoa que precise de preparação antes de um evento no auditório.

Uma área de arrecadação oferece espaço para armazenamento de equipamentos e suprimentos relacionados a eventos realizados no auditório ou em outras partes do edifício.

A disposição próxima ao foyer das instalações sanitárias públicas, incluindo espaços para homens, mulheres e deficientes, proporciona comodidade e conforto dos visitantes.

No piso -1, também se encontra um parque de estacionamento projetado para acomodar até 80 viaturas. Este espaço é fundamental para atender a demanda de visitantes e para pessoas que trabalham no Centro Interpretativo e utilizem os veículos particulares. Junto ao portão de entrada para o parque de estacionamento, encontra-se um posto de controlo com instalações sanitárias para a equipa de segurança responsável pela vigilância e monitoramento.

No lado oposto ao portão do parque de estacionamento, existem duas saídas de emergência, uma para o parque de estacionamento e outra para o auditório. Estas saídas são cruciais para a segurança dos ocupantes em caso de emergência.



Legenda:

1. Foyer; 2. Auditório; 3. Sala de projeção; 4. Arrecadação; 5. Camarins; 6. Instalações sanitárias;
7. Parque de estacionamento para 80 viaturas.

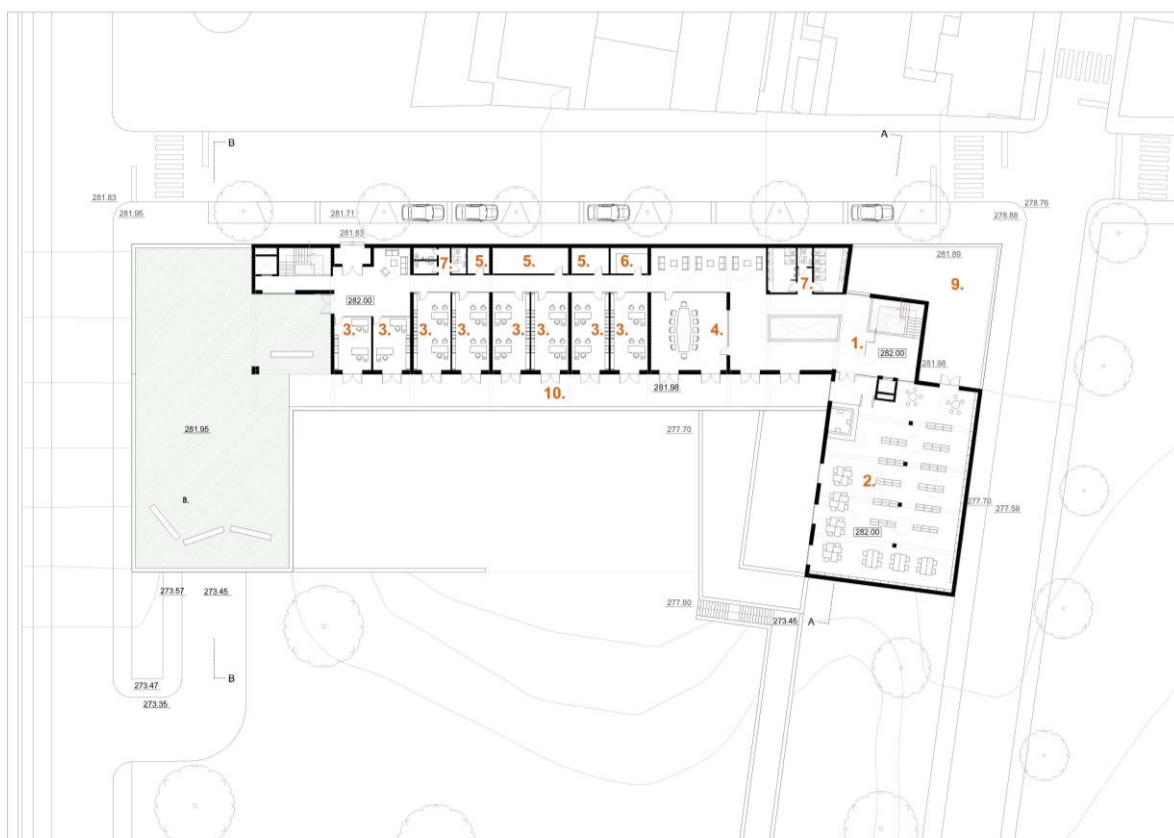
Figura 104: Centro Interpretativo, planta da cave (piso -1). Fonte: Autor, 2023

A colocação da área administrativa no 1º andar oferece vantagens consideráveis, como vistas privilegiadas, maior privacidade e uma atmosfera de trabalho mais tranquila. Além disso, essa posição permite uma melhor integração com as áreas pedagógicas e de investigação, facilitando a colaboração e a comunicação entre os diferentes setores.

Para otimizar a funcionalidade e comodidade da área administrativa foram incorporados: uma sala de reuniões, cujo espaço é essencial para a tomada de decisões e para a articulação de ideias entre os membros da equipa, uma copa para servir de área de convívio, instalações sanitárias, e espaços de arrumação. Uma varanda corrida que ladeia os gabinetes administrativos, pedagógicos e de investigação, a sala de reuniões e o foyer, com acesso para a cobertura verde, permite os momentos de pausa e contemplação, favorecendo o bem-estar e a produtividade dos usuários.

A acessibilidade à área administrativa é garantida através de dois acessos principais. O primeiro acesso é feito a partir do interior do edifício, conectando-se ao átrio central por meio de uma escada e um elevador públicos. O segundo acesso é direto, a partir do espaço externo da Rua Mário de Sá Carneiro (cota 281.83) com entrada para um hall conectado de um lado com escada e elevador de serviços e de outro lado liga-se com um corredor de distribuição.

Esta organização visa garantir que a área administrativa seja acessível, eficiente e integrada, facilitando a operação e o desempenho das atividades administrativas.



Legenda:

1. Foyer; 2. Biblioteca; 3. Sala administrativa; 4. Sala de reuniões; 5. Arrumos; 6. Copa;
7. Instalações sanitárias; 8. Cobertura verde; 9. Terraço; 10. Varanda.

Figura 105: Centro Interpretativo, planta do 1º andar. Fonte: Autor, 2023

4.1.5. Iluminação natural

Na elaboração da proposta, uma especial atenção foi dada ao uso da iluminação natural que proporciona uma ampla gama de benefícios que vão desde o bem-estar físico e emocional até a eficiência energética e produtividade no ambiente de trabalho.

A obra que melhor representa a conceção arquitetónica clássica da luz é o Panteão de Roma, onde a cúpula possui uma grande abertura central chamado “óculo”³⁹, é uma claraboia, que proporciona a penetração da luz natural ao interior do edifício. Na história de arquitetura esta forma peculiar de claraboia pode ter variações em termos de curvatura e geometria, mas a ideia básica é uma abertura no teto com uma forma arredondada ou semicircular.

³⁹ Panteão (em latim: Pantheon) é um edifício em Roma, Itália, encomendado por Marco Vipsânio Agripa durante o reinado do imperador Augusto (27 a.C.-14 d.C.) e reconstruído por Adriano (117–138) por volta de 126. Para mais informações: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pante%C3%A3o_\(Roma\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pante%C3%A3o_(Roma))

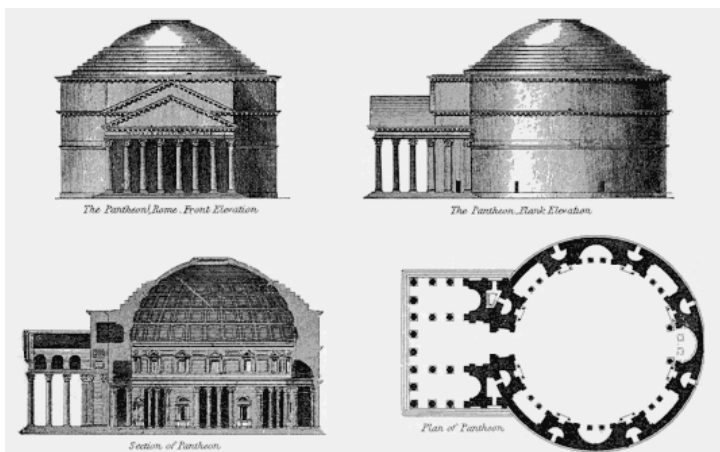


Figura 106: Panteão⁴⁰, Roma. Fonte: Wikipédia da História da Arte, (s.d.)



Figura 107: Cúpula do Panteão, com oculo zenital. Fonte: Wikipédia da História da Arte, (s.d.)

A Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992)⁴¹, projetada pelo Álvaro Siza, é um excelente exemplo da maestria de Siza em utilizar a luz natural de forma eficaz e estética. A presença marcante da luz natural neste projeto é resultado da atenção cuidadosa à seleção de materiais, orientação e design das aberturas, para criar ambientes que se transformam ao longo do dia com as variações da luz.

⁴⁰ O interior da cúpula provavelmente foi desenhado para simbolizar a abóbada celeste. O óculo no ápice e a porta de entrada são as únicas fontes de luz natural no interior. No decorrer de um dia, a luz do óculo passeia pelo espaço num movimento inverso ao de um relógio de sol. O óculo serve ainda como sistema de resfriamento e ventilação do edifício; durante chuvas e tempestades, um sistema de drenagem no piso remove a água que escorre pela abertura. Para mais informações: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pante%C3%A3o_\(Roma\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pante%C3%A3o_(Roma))



Figura 108: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Átrio da entrada principal. Fonte: Autor, 2022



Figura 109: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Claraboia e abertura redonda da galeria do 1º andar junto a entrada principal. Fonte: Autor, 2022

O arquiteto procura sempre um equilíbrio entre a luz, sombra e os materiais, criando ambientes que proporcionam conforto visual e emocional, adaptando a iluminação conforme a importância e função específica do espaço.



Figura 110: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Bloco da área desportiva. Fonte: Autor, 2022



Figura 111: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Interior da área desportiva. Fonte: Autor, 2022



Figura 112: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Auditório. Fonte: Autor, 2022

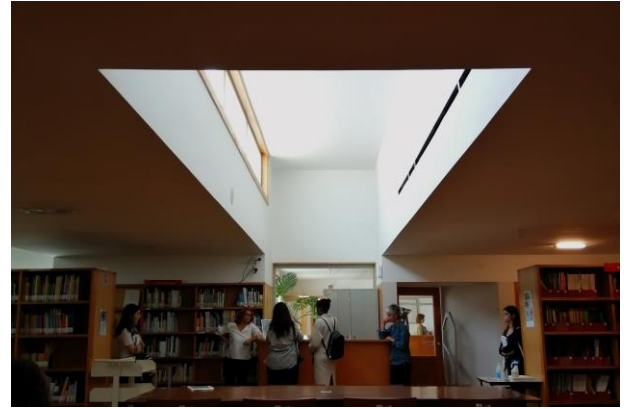


Figura 113: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Biblioteca. Fonte: Autor, 2022

Na Escola Superior de Educação há vãos que se abrem totalmente para a paisagem e vãos que controlam a intensidade da luz no interior do edifício utilizando a proteção de palas ou varandas.



Figura 114: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Aberturas das salas de aula orientadas para pátio interior e sombreadas pela varanda do 1º andar. Fonte: Autor, 2022



Figura 115: Escola Superior de Educação de Setúbal (1986 - 1992), de Álvaro Siza. Alçado com pala de sombreamento sobre as aberturas do rés-do-chão. Fonte: Autor, 2022

Dado a especificidade da proposta do Centro Interpretativo, com objetivo de encontrar uma relação mais próxima com o contexto arquitetónico da área de intervenção, na cobertura do edifício foi incorporado um sistema de iluminação, representado por um conjunto de claraboias em forma de semicône, cujo ritmo reflete o ritmo das “chaminés” (condutas de ventilação) presentes nos prédios habitacionais da Malagueira.

A forma dos lanternins ou claraboias em semicone, vastamente se encontra nas obras de arquitetura moderna, como por exemplo, no projeto da Biblioteca Viipuri (1935) de Alvar Aalto, ou projeto do Convento de La Tourette (1960), de Le Corbusier.

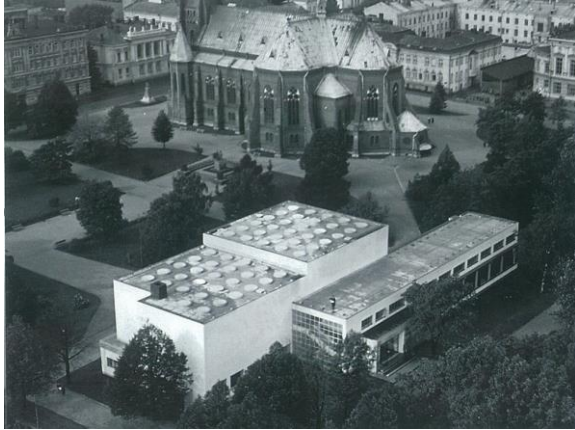


Figura 116: Biblioteca Viipuri (1935), de Alvar Aalto. Fonte: Archdaily, 2015



Figura 117: Biblioteca Viipuri (1935), de Alvar Aalto. Vista sobre a cobertura com claraboias. Fonte: Archdaily, 2015

Alvar Aalto venceu o concurso para projetar a biblioteca municipal de Viipuri em 1927, que foi um dos primeiros projetos modernistas desenvolvidos pelo arquiteto finlandês no seu país de origem. O espaço da biblioteca caracteriza-se pelo uso de iluminação natural, que preenche as salas de leitura com luz difusa. Aalto desenhou uma claraboia cônica que se afunilaria à luz do dia sem permitir a entrada direta de raios solares que produzissem sombras rígidas. O sistema de iluminação representado por “furos” que criam poços de luz de dois metros de profundidade, confere a cobertura uma aparência futurista.



Figura 118: Biblioteca Viipuri (1935), de Alvar Aalto. Vista do interior. Fonte: Archdaily, 2015

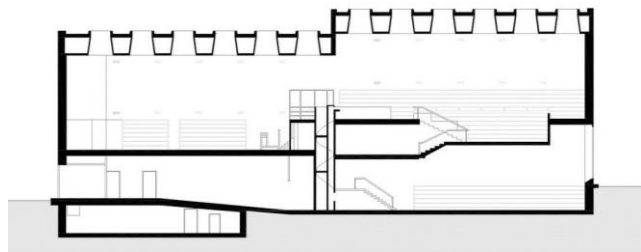


Figura 119: Biblioteca Viipuri (1935), de Alvar Aalto. Corte. Fonte: Archdaily, 2015

Este modelo de iluminação foi caracterizado como altamente eficaz, tornando-se um dos elementos básicos no design do arquiteto. O Edifício de escritórios em Rautatalo (1952-1957) e a Biblioteca da Universidade de Tecnologia Otakaari em Otaniemi (1964 - 1969), também recebem este sistema de iluminação. Além disso, estas formas de claraboias em semicone foram idealizadas em alguns projetos de Álvaro Siza, como: a Biblioteca da Universidade de Aveiro (1988 – 1995), Edifício Dimensione Fuoco San Doná di Piave, Itália (1993) e Edifício Revigrés Águeda, Portugal (1993 - 1997).

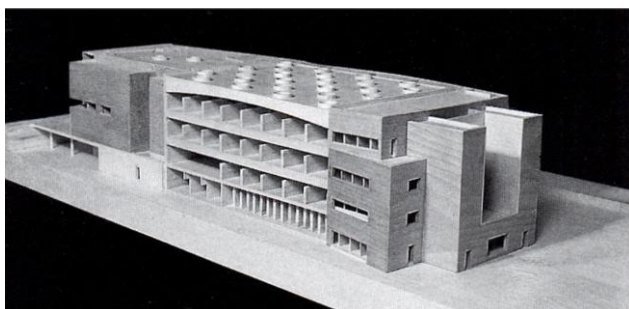


Figura 120: Biblioteca da Universidade de Aveiro (1988 – 1995), de Álvaro Siza. Fonte: Arquitectura Viva, 2023



Figura 121: Biblioteca da Universidade de Aveiro (1988 – 1993), de Álvaro Siza. Vista sobre cobertura. Fonte: RTP Arquivos, 1995

A Biblioteca da Universidade de Aveiro foi construída em 1995 no campus da Universidade de Aveiro, entre as antigas salinas da ria de Aveiro e o núcleo urbano da cidade. A biblioteca possui grandes dimensões por adquirir um arquivo de 17 departamentos num só edifício, que se desenvolve em 4 pisos. No piso 0 encontram-se as zonas de serviço e as reservas, e nos pisos 1, 2 e 3, localizam-se as áreas de leitura, ocupando a parte central. Os espaços de apoio nestes pisos incluem as áreas para pesquisa, estudo, trabalho em grupo e acesso a computadores, contribuindo para uma experiência completa de utilização da biblioteca.

O alçado oeste apresenta uma forma ondulada, destacando-se das restantes paredes da biblioteca. Esta diferenciação arquitetónica reflete a importância dada a este lado do edifício em termos da luz natural e visibilidade da paisagem.

Na cobertura da Biblioteca de Aveiro encontra-se vinte e quatro lanternins (claraboias) em forma de semicone, estrategicamente posicionados (com orientação para norte) para capturar a luz natural e direcioná-la para o interior da biblioteca.

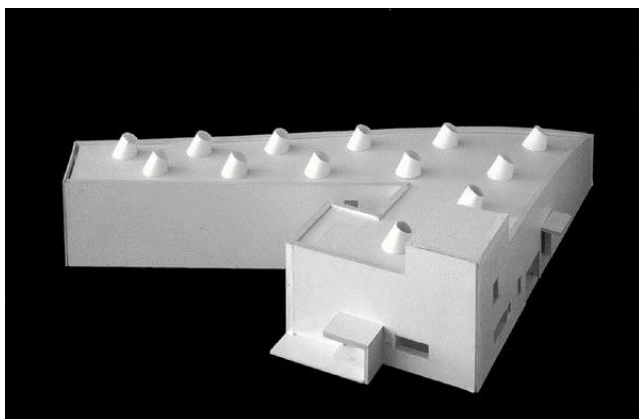


Figura 122: Edifício Dimensione Fuoco San Doná di Piave, Itália (1993), de Álvaro Siza. Fonte: Archinform, 2023



Figura 123: Edifício Dimensione Fuoco San Doná di Piave, Itália (1993), de Álvaro Siza. Vista do interior. Fonte: Entre ESC, (s.d.).

O Edifício Dimensione Fuoco se encontra inacabado numa zona industrial, na periferia este da cidade de San Doná di Piave e destinava-se originalmente para albergar um showroom, uma biblioteca e um laboratório de investigação em vidro artístico. A maior área do Edifício Dimensione Fuoco é ocupada pela sala de exposição que recebe a iluminação natural a partir de claraboias de forma semicone. Na sequência da transformação da atividade da empresa as obras de construção foram interrompidas, quando o estaleiro atingiu cerca de 80%. Como o projeto do edifício foi publicado em revistas de arquitetura nacionais e internacionais, e participou em exposições sobre a obra de Álvaro Siza, tem sido visitado todos os anos por centenas de arquitetos, estudantes ou entusiastas de arquitetura⁴².

Em 2008 numa intervenção de ampliação da Universidade de Yale, realizado por Gwathmey Siegel Kaufman Architects, a Biblioteca do Edifício de Arte e Arquitetura recebe a iluminação natural por meio de claraboias em forma de semicone, comprovando o uso eficaz deste sistema de iluminação, através de vários benefícios e resultados tangíveis.

⁴² O espaço do Edifício Dimensione Fuoco foi cedido para uma gestão temporária à associação ART2 no seguimento da proposta de tornar acessível ao público a obra de Álvaro Siza, através da programação anual do calendário cultural, porque de outra forma, o espaço seria “perdido”. Para mais informações: https://www.endsummercamp.org/index.php/ART2_Lounge



Figura 124: Biblioteca de recém-ampliado Edifício de Arte e Arquitetura da Universidade de Yale (2008), realizado por Gwathmey Siegel Kaufman Architects. Vista do interior. Fonte: Archdaily, 2011

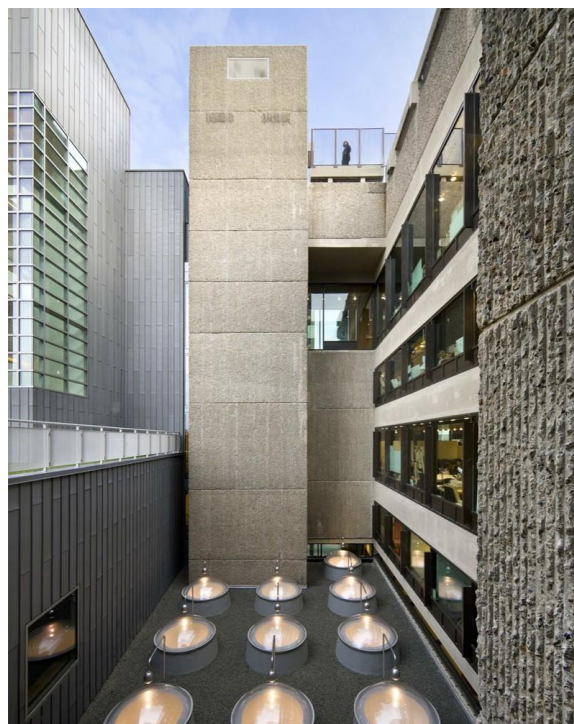


Figura 125: Biblioteca de recém-ampliado Edifício de Arte e Arquitetura da Universidade de Yale (2008), realizado por Gwathmey Siegel Kaufman Architects. Vista da cobertura. Fonte: Archdaily, 2011

As claraboias em semicone permitem uma distribuição uniforme e difusa da luz natural no interior do edifício, criando um ambiente bem iluminado sem pontos de luz excessivamente intensos ou sombras escuras. A luz difusa proveniente das claraboias cria ambientes agradáveis e confortáveis para os utilizadores, contribuindo para um espaço acolhedor e propício ao estudo, leitura ou outras atividades. Além dos benefícios funcionais, as claraboias em semicone são elementos esteticamente atraentes, integrando-se de forma harmónica com a arquitetura e contribuindo para a identidade e estilo do edifício. Ao otimizar a entrada de luz natural, as claraboias reduzem a necessidade de iluminação artificial durante o dia, resultando em economia de energia elétrica.



Figura 126: Centro Interpretativo. Corte A. Fonte: Autor, 2023

Na proposta do Centro Interpretativo na área do 1º andar os espaços de Biblioteca, escada de acesso público e área de foyer serão iluminados através das claraboias em forma de semicone (orientadas para norte) para atender as necessidades específicas dos referidos espaços, como otimizar a entrada de luz natural, criar uma estética distinta e integrar-se de forma harmoniosa com a arquitetura circundante.

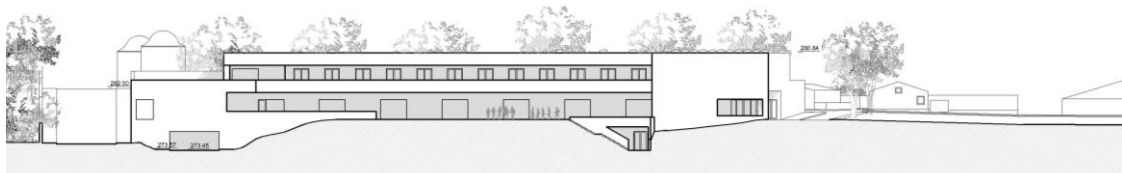


Figura 127: Centro Interpretativo. Alçado oeste. Fonte: Autor, 2023



Figura 128: Vista para o Centro Interpretativo do parque da Malagueira. Fonte: Autor, 2023

As varandas e a pala da laje da cobertura funcionam como elementos de controle solar, bloqueando a luz do sol que poderia incidir diretamente sobre as aberturas laterais que circundam o pátio central do Centro Interpretativo, evitando ofuscamento e o excesso de luz nos interiores, proporcionando uma iluminação mais confortável. Com a exceção de uma janela que se encontra no corredor de distribuição das salas de aula e orientada para oeste, criando um momento de paragem para a contemplação da paisagem do bairro.

Conclusões

Através do capítulo 1 apresentou-se uma reflexão sobre o arquiteto Álvaro Siza uma das figuras proeminentes na arquitetura contemporânea. Foram explorados vários aspetos, incluindo o contexto histórico, influências e movimentos artísticos que marcaram a época e contribuíram para a sua formação. Ao examinar o impacto e as motivações por trás de uma abordagem arquitetónica, é possível identificar os princípios orientadores, as referências culturais, históricas ou contextuais que influenciam as decisões. Essa compreensão mais profunda enriquece a apreciação da obra arquitetónica, permitindo uma análise crítica e uma interpretação mais completa dos espaços e volumes criados pelo Siza.

O estudo apresentado no capítulo 2, concentra-se na obra arquitetónica do Bairro da Malagueira, iniciando-se com uma análise do contexto histórico e social da época em que Évora enfrentava desafios urbanos comuns a muitas cidades em Portugal, devido à falta de habitação e à formação de bairros clandestinos com condições habitacionais não adequadas. Para enfrentar esta situação a Câmara Municipal de Évora aprovou a construção de quatro torres no Bairro da Cruz da Picada, o que gerou controvérsia devido à implementação de habitações multifamiliares, vistas como pouco adaptadas ao modo de vida tradicional da região do Alentejo. A nova tipologia dos edifícios também apresentava desafios de integração com o contexto urbano existente. Como solução, a Câmara Municipal convidou o arquiteto Álvaro Siza para elaborar o Projeto de Pormenor do Bairro da Malagueira, com o objetivo de estabelecer uma nova arquitetura em harmonia com o território.

Os debates realizados no CIAM tiveram um impacto significativo na definição da metodologia, que foi posteriormente integrada por Nuno Portas no processo do SAAL. O processo participativo desempenhou um papel fundamental no campo de atuação do arquiteto Álvaro Siza, no qual a definição do tipo de habitação passou por debates envolvendo membros de associações e cooperativas do bairro. Siza reconheceu que esses debates foram o motor por trás das experiências mais interessantes relacionadas à habitação. Como resultado, atualmente, é possível estudar o Bairro da Malagueira, onde praticamente toda a malha do projeto está concluída.

Esta experiência de criar uma urbanização que respeita a tradição vernacular permitiu estabelecer um diálogo entre a construção e a paisagem envolvente, bem como se adaptar ao modo de habitar específico de cada região.

A estratégia de traçamento dos eixos estruturantes, permitiu conectar o Centro Histórico e consolidar o novo bairro, promovendo a integração com os bairros clandestinos. Isto contribuiu para a coesão urbana e a melhoria da acessibilidade na área.

A definição do caráter da área central do bairro resultou em uma estratégia implementada no projeto, que buscava estabelecer uma forte relação entre a nova urbanização e o espaço verde, resultando na criação do Parque da Malagueira. Esta abordagem promoveu a integração da paisagem natural no ambiente construído e contribuiu para a qualidade de vida dos habitantes da Malagueira.

A estratégia de implementar uma conduta elevada, que ecoa o aqueduto da Água da Prata, desempenhou um papel fundamental no estabelecimento de uma nova escala para o Bairro da Malagueira. Além disso, a conduta serviu para delimitar o território e intensificar as transições entre as diferentes partes do bairro e os bairros preexistentes. O desenho da conduta, que percorre o eixo principal e se ramifica pelas vias secundárias, não apenas cumpre a sua função prática de fornecer água, eletricidade, rede de gás, telefone e televisão, mas também criou percursos pedonais protegidos do sol e formou pórticos ao redor da área comercial. Além disso, a conduta estabeleceu uma ligação simbólica entre a Malagueira e o Centro Histórico de Évora.

Todas as estratégias desenvolvidas por Álvaro Siza, baseadas na história, na interpretação de experiências semelhantes e no cuidadoso estudo da área de intervenção, foram abordadas com sucesso no projeto do Bairro da Malagueira. Isso resultou na criação de uma comunidade que, ao longo de 40 anos, continua viva e com diversas apropriações espaciais por parte dos moradores, que participaram ativamente na defesa e crítica dos diferentes critérios que compõem o modo de vida na Malagueira.

Além disso, o Bairro da Malagueira conta com edifícios públicos, cujo objetivo era promover a leitura da cidade e atender às necessidades dos moradores por meio de equipamentos distribuídos ao longo da conduta principal e em pontos estratégicos do bairro.

Uma especial atenção foi dedicada ao estudo do projeto da Sede encomendada pela Cooperativa Boa Vontade devido à sua inserção na área proposta para um projeto individual, que faz parte integrante do trabalho desta tese.

A abordagem criativa do estilo do cubismo na conceção do design do edifício resultou na produção de variantes notáveis, cada uma representando de forma única e simbólica a Sede. Observa-se que o programa do projeto foi ajustado em cada período de conceção, refletindo as mudanças no contexto ou nas prioridades da Cooperativa. Assim, um programa amplo para o edifício público, como revelado no projeto da Sede Social de 1983 (e em um projeto anterior

que antecipava essa data), foi reduzido no projeto de 2005, embora este último não tenha sido concretizado.

A inclusão do Bairro da Malagueira na Lista Indicativa do Patrimônio Mundial da UNESCO reconhece o seu valor patrimonial e a necessidade de preservação. A localização próxima da cidade de Évora, já classificada pela UNESCO, alarga a área classificada.

Ao ser incluído na Lista Indicativa de Portugal para o Património Mundial, como parte integrante do Conjunto de Obras Arquitetónicas de Álvaro Siza em Portugal, implica, conforme estabelecido pela legislação em vigor, que essa distinção seja acompanhada por uma classificação específica. De acordo com os critérios legais e de conservação do património, o Bairro da Malagueira deve ser designado como um Conjunto de Interesse Nacional, Monumento Nacional.

A obtenção da classificação nacional (e futuramente internacional, como Património Mundial) terá efeitos notáveis no reconhecimento do trabalho do arquiteto.

Uma designação como “Conjunto de Interesse Nacional” reconhece a relevância cultural, histórica e arquitetónica da Malagueira, não apenas a nível local, mas também nacional e internacional. Além de ser um símbolo do trabalho do renomado arquiteto Álvaro Siza, a Malagueira representa uma abordagem inovadora que influenciou não apenas o cenário arquitetónico, mas também a maneira como as comunidades são concebidas e interagem com o ambiente construído. A sua designação como Conjunto de Interesse Nacional celebra não somente a sua criação singular, mas também a capacidade de inspirar e informar futuras práticas arquitetónicas e de planeamento urbano.

A atribuição do estatuto de “Monumento Nacional” ao Bairro da Malagueira, representaria uma proteção legal substancialmente mais forte, abrangendo não apenas a preservação física do local, mas também a promoção do seu significado cultural e educacional.

A classificação pode estimular o turismo cultural e educacional na região, contribuindo para o desenvolvimento económico sustentável. Pode criar oportunidades de emprego, promover a valorização da herança local e impulsionar a economia por meio da atração de visitantes.

A gestão adequada dos recursos e a participação da comunidade local são cruciais para garantir que este conjunto arquitetónico perdure.

A área de intervenção de projeto do Centro Interpretativo apresenta uma série de elementos que, quando considerados em conjunto, revelam um potencial significativo para se tornar um lugar de grande importância e valor simbólico. Entre esses elementos, encontra-se o eixo de acesso que conecta o Bairro da Malagueira com o Centro Histórico de Évora, bem como os dois

moinhos que se encontram junto ao ponto de intercessão deste eixo (este-oeste) com eixo norte-sul. Estes moinhos, como elementos preexistentes, carregam consigo uma história, representando a tradição e a cultura mais antiga da região. O projeto propõe a criação de um Centro Interpretativo que, em conjunto com os elementos mencionados, funciona como uma “Porta Urbana” sinalizando a entrada este para o Bairro da Malagueira. Essa abordagem visa não apenas marcar a entrada geográfica no bairro, mas também criar uma experiência significativa que conecta os visitantes com o patrimônio da Malagueira. A partir deste equipamento, serão criados percursos interpretativos que permitirão aos visitantes compreender e apreciar a visão arquitetónica concebida por Álvaro Siza.

O Centro Interpretativo foi cuidadosamente planeado para mostrar respeito e dialogar com o estilo arquitetónico da Malagueira, mantendo a sua identidade e preservando a essência cultural do bairro. A integração com a paisagem urbana foi realizada através de elementos contemporâneos que se complementarão de forma equilibrada com a estética já existente.

A entrada do centro foi desenhada para ser acolhedora e convidativa, marcando o início da jornada dos visitantes pelo espaço. Foram incluídas áreas de exposição interativas e informativas sobre a arquitetura de Álvaro Siza, bem como, sobre a história e desenvolvimento do bairro da Malagueira. Além disso, foram criados espaços para a equipa de gestão, corpo administrativo e operacional, auditório, biblioteca, livraria, cafetaria e outras áreas multifuncionais para workshops, palestras e eventos educativos, promovendo a interação e participação ativa do público.

Foi dada uma importância à sustentabilidade do edifício, com implementação de soluções construtivas e de eficiência energética, como a captação de água da chuva, sistema construtivo em CLT, cobertura verde, painéis solares fotovoltaicos, e sistemas de iluminação natural (orientação, exposição, sombreamento, etc.).

A arquitetura do Centro Interpretativo foi concebida com a intenção de prestar homenagem e refletir fielmente o estilo distintivo do renomado arquiteto português Álvaro Siza.

Referências Bibliográficas

Livros

- Campanella, Christian. 2003. *Obras de conservação e restauro arquitetónico*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Carvalho, Jorge. 1990. *Évora: Administração Urbanística*. Editora: Câmara Municipal de Évora
- Cruz, V. (2011). *Álvaro Siza: Conversas com Valdemar Cruz*. Editorial Gustavo Gili, S.L.
- Jodidio, P. (2013). *Álvaro Siza*. Koln: Taschen.
- Lynch Kevin. 2014. *A Imagem da Cidade* (Reimpressão). Editora: Edições 70
- Rossi, Aldo. 1982. *A Arquitetura da Cidade*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL.
- Siza, A. (2018). *Imaginar a Evidencia*. Edições 70
- Siza, A. e Carlos C. M. (2009). *01textos*. Porto: Parceria A. M. Pereira.
- Távora, F. (2013). *Minha Casa*. Porto: Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva

Cartas

- Câmara Municipal de Lisboa (s.d.). *Agenda 21 da cultura, 2004*. Disponível em: https://www.lisboa.pt/fileadmin/cidade_temas/cultura/documentos/Agenda_21_da_Cultura.pdf
- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, (1991). *Relatório Brundtland - Nosso Futuro Comum*. Brasil, Editora da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://dokumen.tips/documents/relatorio-brundtland-nosso-futuro-comum-em-portugues.html?page=4>
- Comité do Património Mundial, (2005). *Textos fundamentais da Convenção do Património Mundial de 1972*. Documento disponível em: <https://mysl.nl/yFcN>
- Direção Geral do Património Cultural, (s.d.). *Carta europeia do património arquitetónico, Conselho da Europa, Estrasburgo, 1975*. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartaeuropeiapatrimonioarquitetonico1975.pdf>
- Direção Geral do Património Cultural, (s.d.). *Recomendação nº R (91) 13 sobre a Proteção do Património Arquitetónico do Século XX – Conselho da Europa*. Disponível em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/recomendacaosobrepatriarqusecXX1991.pdf>
- Sindicado dos Trabalhadores de Arqueologia. *Declaração de Namur “O Património Cultural no século XXI; uma estratégia comum para a Europa” de 2015*. Disponível em: <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=09000016802f8127>

Documentos e publicações

- Aguiar, José, Cabrita, António, Appleton, João, (1998). *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais, Volume I*. Lisboa, Portugal Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC).

- Camara Municipal de Évora, (2013). *Plano de Urbanização de Évora*. Disponível em: <http://arquivo2020.cm-evora.pt/pt/site-viver/Habitar/ordenamento-do-territorio/Planos%20Municipais/Paginas/Plano-de-Urbanizacao-de-Evora.aspx>
- Camara Municipal de Évora, (2015). *Avaliação Permanente do Espaço Público / GAPV*. Disponível em: https://www.cm-evora.pt/wp-content/uploads/2020/07/RELATORIO_03_Tipologias_Estados_Conservacao_Pavimentos_Centro_Historico.pdf
- Camara Municipal de Évora, (2022). *Plano de Mobilidade Urbana Sustentável de Évora: Fase II*. Disponível em: https://www.cm-evora.pt/wp-content/uploads/2022/07/PMUSE_FaseII.pdf
- Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central, (2020). *Município de Évora*. Disponível em: <https://www.cimac.pt/visitante/municipios-associados/municipio-de-evora/>
- Conselho Mundial de Viagens e Turismo, (2022). *Global Economic Impact 2022 – Global Trends*. Disponível em: <https://travelbi.turismodeportugal.pt/tendencias/wttc-global-economic-impact-2022-global-trends/>
- Diário da República, (2001). *Análise Jurídica - Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro*. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/analise-juridica/lei/107-2001-629790>
- Diário da República, (2009). *O procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime das zonas de proteção e do plano de pormenor de salvaguarda (Decreto-Lei n.º 309/2009)*. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/2009-75525223-75532992>
- Direção-Geral do Património Cultural, (2022). *Diploma de classificação do Bairro da Malagueira*. Disponível em: <https://files.dre.pt/2s/2022/02/029000000/0019200192.pdf>
- Laboratório Nacional de Engenharia Civil, (2010). *Regras para a concessão de uma aprovação técnica europeia (ETA) ou de um documento de homologação (DH) a sistemas compósitos de isolamento térmico pelo exterior (ETICS)*. Lisboa: LNEC. Disponível em: https://www.lnec.pt/fotos/editor2/QPE/relatorio_etics_dez_2010.pdf
- UNESCO: World Heritage, (2014). *Cité Frugès: Plan de Gestion*. Disponível em: <https://lecorbusier-worldheritage.org/wp-content/uploads/2019/10/plans-de-gestion-locaux-03.pdf>
- UNESCO: World Heritage, (2014). *La villa Savoye et la loge du jardinier: Plan de Gestion*. Disponível em: <https://lecorbusier-worldheritage.org/wp-content/uploads/2019/10/plans-de-gestion-locaux-06.pdf>
- UNESCO: World Heritage, (2014). *Maisons de la Weissenhof: Plan de Gestion*. Disponível em: <https://lecorbusier-worldheritage.org/wp-content/uploads/2019/10/plans-de-gestion-locaux-05.pdf>
- Universidade de Évora, (2023). *Malagueira: Património de Todos: Subsídios para a sua classificação*. Disponível em: <https://www.uevora.pt/investigar/projetos?id=3827>

Websites

- Archdaily, (2011). *Edifício Yale Art*. Disponível em: <https://www.archdaily.com/123171/yale-art-architecture-building-gwathmey-siegel-associates-architects>
- Archdaily, (2012). *Clássicos da Arquitetura: Capela de Ronchamp / Le Corbusier*. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-16931/classicos-da-arquitetura-capela-de-ronchamp-le-corbusier>

Archdaily, (2012). *Clássicos da Arquitetura: Casa Experimental Muuratsalo / Alvar Aalto*. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-50705/classicos-da-arquitetura-casa-experimental-muuratsalo-alvar-aalto>

Archdaily, (2015). *AD Classics: Viipuri Library / Alvar Aalto*. Disponível em: <https://www.archdaily.com/630420/ad-classics-viipuri-library-alvar-aalto>

Archdaily, (2016). *Clássicos da Arquitetura: Ville Radieuse / Le Corbusier*. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier>

Archdaily, (2018). *Os universalistas, 50 anos de arquitetura portuguesa (Parte 2)*. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/892456/os-universalistas-50-anos-de-arquitetura-portuguesa-parte-2>

Archinform, (2023). *Edifício Dimensione Fuoco*. Disponível em: <https://deu.archinform.net/projekte/8416.htm>

Architectural Digest India, (2018). *Iconic House: Villa Savoye by Le Corbusier*. Disponível em: <https://www.architecturaldigest.in/content/iconic-house-villa-savoye-le-corbusier/>

Archiweb, (s.d.). *Quatro casas familiares em Matosinhos*. Disponível em: <https://www.archiweb.cz/b/ctyri-rodinne-domy-v-matosinhos-quatro-casas-em-matosinhos>

Arquitetura Viva, (2023). *Biblioteca Universitária, Aveiro*. Disponível em: <https://arquiteturaviva.com/works/university-library-aveiro>

Camara Municipal de Évora, (2023). *Aqueduto da Água da Prata*. Disponível em: <https://www.cm-evora.pt/loais/aqueduto-da-agua-da-prata/>

Crítério Favorito, (s.d.). *Mármore Estremoz*. Disponível em: <https://www.criteriofavorito.com/pt/item/marmore-estremoz>

Drawing Matter, (2023). *Drawing Matter Archives*. Disponível em: <https://drawingmatter.org>

Ecoplac, (s.d.). *Carvalho Natural*. Disponível em: <http://ecoplac.com/produto-composto/563>

Entre ESC, (s.d.). *ART2 Lounge*. Disponível em: https://www.endsummercamp.org/index.php/ART2_Lounge

Espaço de Arquitetura, (2013). *Casa de Chá da Boa Nova, de Siza Vieira, Entra em Obras em Maio*. Disponível em: <https://espacodearquitetura.com/noticias/casa-de-cha-da-boa-nova-de-siza-entra-em-obras-em-maio/>

Espaço de Arquitetura, (2020). *Bairro da Bouça*. Disponível em: <https://espacodearquitetura.com/projetos/bairro-da-bouca/>

Hasta, (2018). *Frank Lloyd Wright and Broadacre City*. Disponível em: <https://www.hastastandrews.com/features/2018/3/14/frank-lloyd-wright-and-broadacre-city>

Husqvarna, (s.d.). *Conheça os tipos de relvado mais comuns e usados no mundo*. Disponível em: <https://lojahusqvarna.pt/blog/fichas/tipos-de-relvado/>

Imgranit, (s.d.). *Granito Cinzento*. Disponível em: <https://www.imgranit.com/granit-gris?lang=pt>

INE, (2021). *Instituto Nacional de Estatística, GeoCensos*. Disponível em: <https://geoc2021.ine.pt/?locale=pt-pt>

INE, (2023). *Instituto Nacional de Estatística*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main

Jardineiro, (2021). *Medronheiro – Arbutus unedo*. Disponível em: <https://www.jardineiro.net/plantas/medronheiro-arbutus-unedo.html>

Lusa (2023). *Oito projetos de Álvaro Siza candidatos a Património Mundial da UNESCO*. Artigo disponível em: <https://www.publico.pt/2023/04/11/culturaipsilon/noticia/oito-projectos-alvaro-siza-candidatos-patrimonio-mundial-unesco-2045728>

Malagueira.pt, (2020). *Malagueira.pt*. Disponível em: <https://www.facebook.com/malagueira.pt/>

Pordata, (2023). Base de dados estatísticos. Disponível em: <https://www.pordata.pt>

Portal de Leça da Palmeira, (2019). *Símbolos de Leça da Palmeira: Quinta da Conceição*. Disponível em: https://www.leca-palmeira.com/simbolos-de-leca-da-palmeira-quinta-da-conceicao/?doing_wp_cron=1698747464.4800429344177246093750

Publico, (2019). *O Livro de Fernando Távora está ainda a ser escrito*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/06/11/culturaipsilon/noticia/familia-espera-concretizacao-livro-fernando-tavora-1875929>

Revisitar Fernando Távora, (2016). *Fernando Távora e Álvaro Siza. Arquitetos de obra grave*. Disponível em: <https://revisitavora.wordpress.com/2016/01/18/fernando-tavora-e-alvaro-siza-arquitetos-de-obra-grave/>

The Architectural Review, (2015). *Revisiting Siza: An archaeology of the future*. Disponível em: <https://www.architectural-review.com/essays/revisiting-siza-an-archaeology-of-the-future>

Wikipédia da História da Arte, (s.d.). *Panteão*. Disponível em: <http://historiadaarte.pbworks.com/w/page/18413911/Pante%C3%A3o>

Artigos, Teses de Mestrado e de Doutoramento

Alves, Marta Cardoso, (2016). *Biblioteca Municipal De Arroios: Reconversão da antiga fábrica de papel na rua das Barracas*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/13477>

Bandeirinha, José António Oliveira, (2001). *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Dissertação de Doutoramento, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/1592>

Bertonatti, C.; Iriani, O. e L. Castelli, 2010. *Los centros de interpretación como herramientas de conservación y de desarrollo*. Artigo Científico, Boletín de Interpretación N° 23. Disponível em: <https://archive.org/details/BertonattiEtAl2010CentrosDeInterpretacionComoHerramientasDeConservacionBolDeInterpretacion23>

Bertonatti, C.; Iriani, O. e L. Castelli, (2010). *Los centros de interpretación como puntos de anclaje y manejo del flujo turístico*. Artigo Científico, Libro de actas del IV Congreso Internacional “Patrimonio Cultural y Cooperación al Desarrollo”. Disponível em: https://archive.org/details/BertonattiIrianiCastelli2010LosCentrosDeInterpretacinComoPuntosDeAnclajeTuristico_20180209/page/n3/mode/2up

Carmo, Vera, (2012). *A Organização dos Arquitetos Modernos (ODAM) e o Porto dos anos 50*. Artigo Científico: Intermedia Review 1. Génération de 50. Culture, Littérature, Cinéma. n°1, 1ère série, novembre 2012. Disponível em: <https://reviewingintermedia.files.wordpress.com/2012/12/a-organizacao-dos-arquitectos-modernos-pdf.pdf>

Coelho, Rodrigo, (2016). *O Projeto do Espaço Público nas Áreas de Expansão da Cidade Consolidada: O Caso do Bairro da Malagueira*. Artigo Científico, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/145337>

Conto, Vanessa De; Romano, Fabiane Vieira; Souto, Ana Elisa Moraes; (2021). *A trajetória de Álvaro Siza e suas primeiras práticas*. Artigo Científico: Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

- (EIGEDIN), v. 5, n. 1, 2 out. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/14019>
- Delgado, André Burgos e Pazos, Araceli Serantes, (2013). *Interpretação do patrimônio, turismo e gestão de áreas protegidas: algumas aproximações*. Artigo Científico. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/256740355_Interpretacao_do_patrimonio_turismo_e_gestao_de_a_reas_protegidas_algumas_aproximacoes
- Gomes, Mário José Afonso, (2013). *Fatores de apropriação e construção identitária em torno da casa: Estudo de Caso – Bairro da Malagueira / Siza Vieira*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/13663>
- International Council of Museums (ICOM), (2022). *Nova definição de Museu*. Para mais informações: <https://icom-portugal.org/2022/09/30/nova-definicao-de-museu-2/>
- Machado Carlos, (2013). “*Álvaro Siza and the Fragmented City*”. Artigo Científico, Atenas: ATINER'S Conference Paper Series, No: ARC2013-0752. Disponível em: <https://www.athensjournals.gr/architecture/2015-1-3-1-Machado.pdf>
- Moniz, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto, (2011). *O Ensino Moderno da Arquitetura: A Reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Dissertação de Doutoramento, Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/18438>
- Pazos, Araceli Serantes, (2011). *Os Centros de Interpretación en Galicia: un recurso para o desenvolvimento turístico sostible?*. Artigo Científico, Ambientalmente Sustentable Vol. 01 Núm. 011-012. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/RAS/article/view/ams.2011.01.011-012.814>
- Santos, João António Galhardo dos, (2017). *A Malagueira como nunca foi: Volume I*. Dissertação de Mestrado, Évora: Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/21372>
- Santos, João António Galhardo dos, (2017). *A Malagueira como nunca foi: Volume II*. Dissertação de Mestrado, Évora: Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/21372>
- Sardo, Anabela e Estêvão, João, (2009). *A Gestão Turística de Museus e Centros de Interpretação: O Caso do Centro de Interpretação da Serra da Estrela*. III Congresso Internacional de Turismo de Leiria e Oeste. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275582981_A_Gestao_Turistica_de_Museus_e_Centros_de_Interpretacao_O_Caso_do_Centro_de_Interpretacao_da_Serra_da_Estrela
- Sousa, Ludovico (2016). *Um retrato do Bairro da Malagueira*. Dissertação de Mestrado, Évora. Departamento de Arquitetura da Universidade da Évora. Disponível em: <http://rdpc.uevora.pt/handle/10174/21553?mode=full>
- Toffolo, Regina e Cardozo, Poliana Fabíula, (2013). *Interpretação Patrimonial como forma de valorização das edificações e o desenvolvimento turístico do Município De Lapa (Paraná, Brasil)*. Artigo Científico, Turismo e Sociedade; v. 6, n. 4. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/32952/22376>

Video

- RTP Arquivos. (1995). *Biblioteca da Universidade de Aveiro*. Em Ver Artes. Aveiro: RTP 2. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/biblioteca-da-universidade-de-aveiro/>

Planta da Estratégia Geral
Escala da planta
1:3000



0 30 150

Planta com Equipamentos não construídos /Proposta do Centro Interpretativo
Escala da planta
1:2000



Planta de Implantação
Escala da planta
1:500

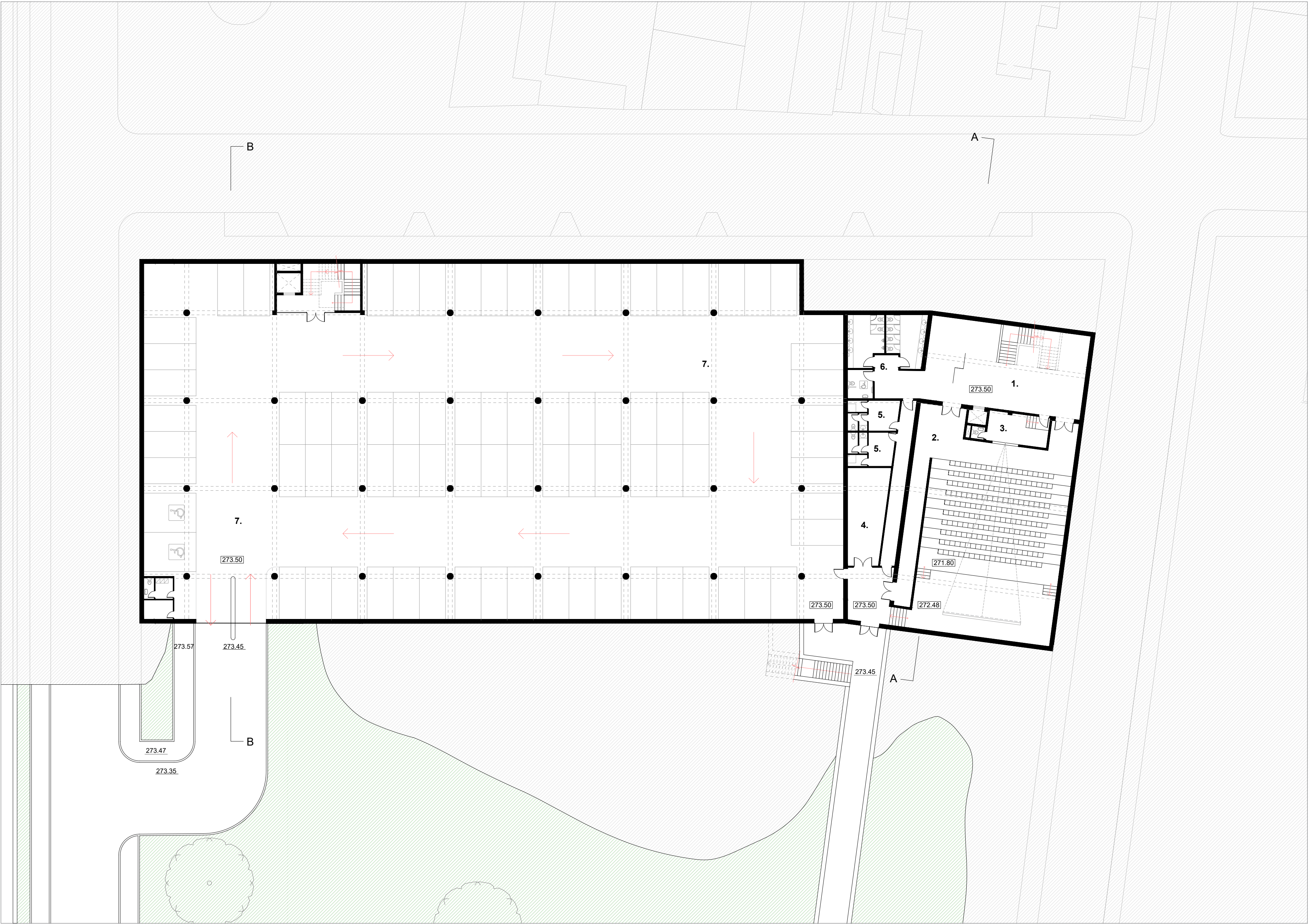


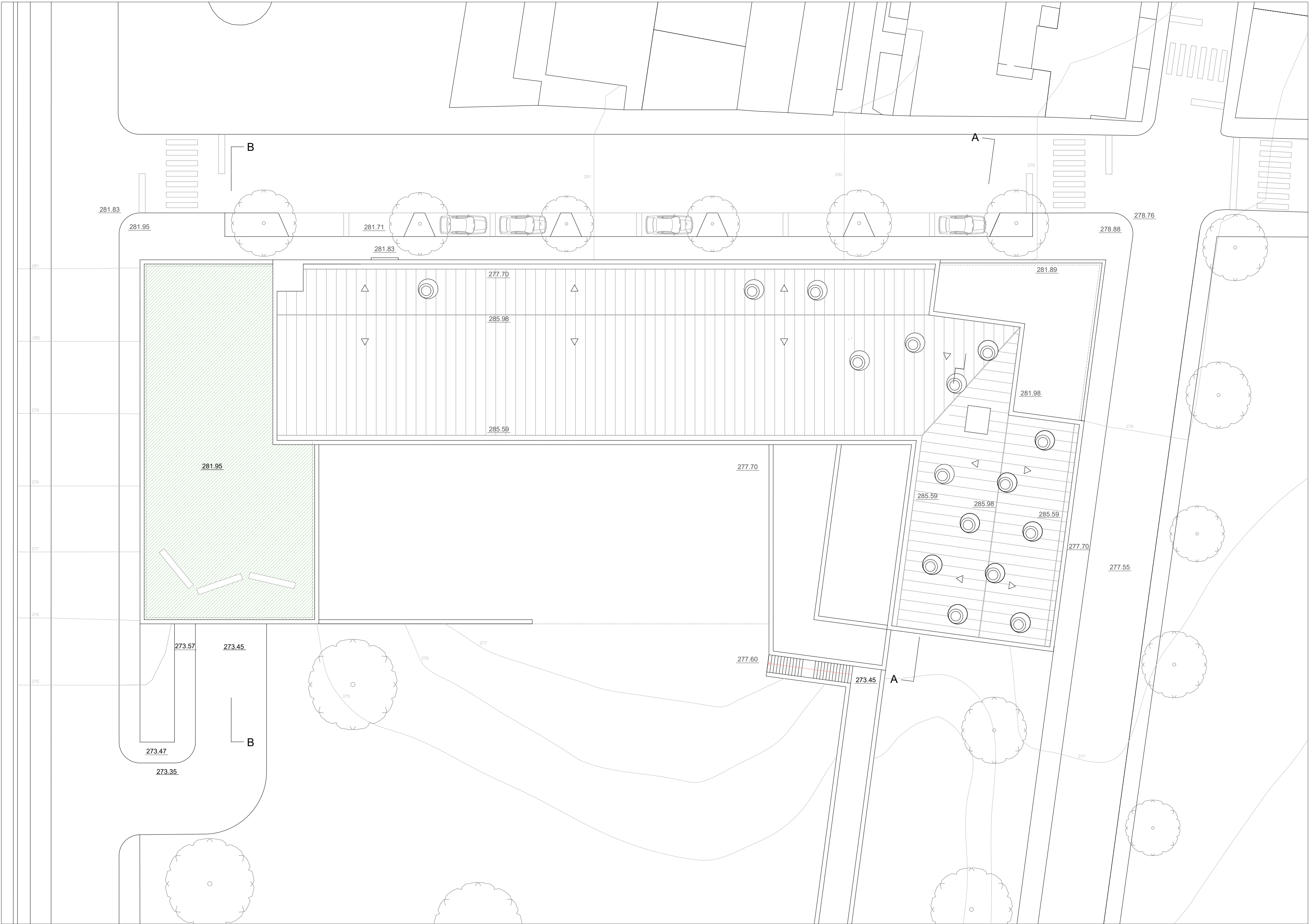
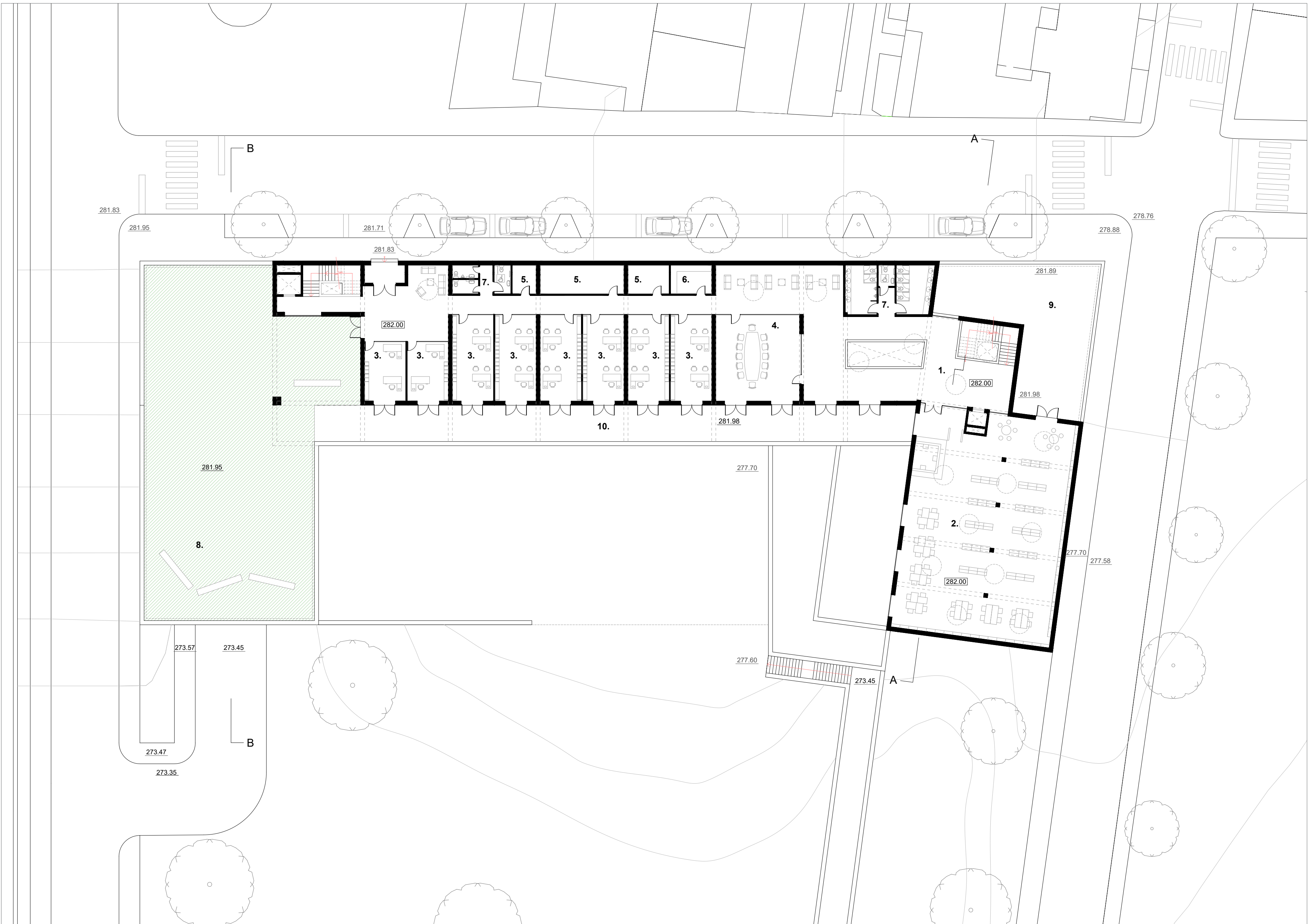
Equipamentos não
construídos
01 Aparthotel
02 Escola de Línguas; Clínica
Médica

RÉS-DO-CHÃO

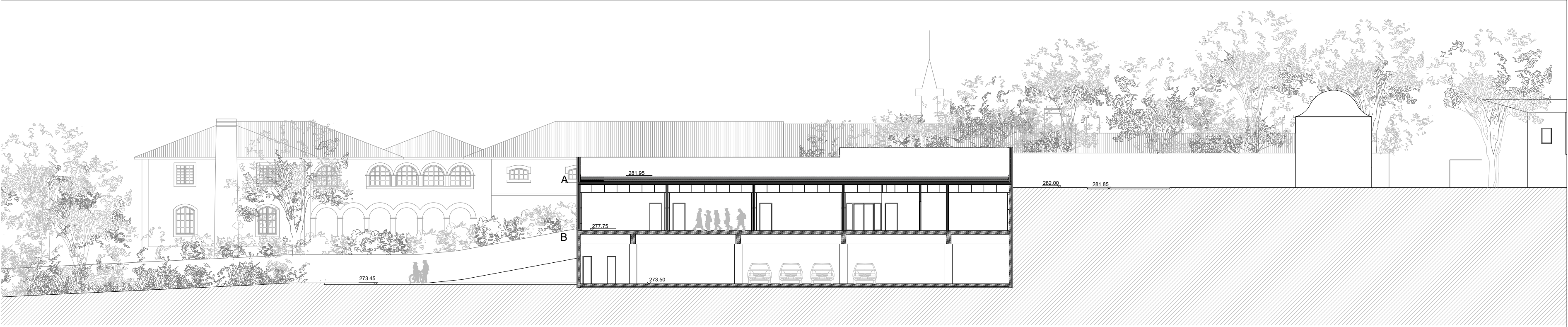
- LEGENDA
- 01 Átrio
 - 02 Recepção
 - 03 Bengaleiro
 - 04 Loja
 - 05 Área de Exposição
 - 06 Cafeteria
 - 07 Esplanada
 - 08 Sala 1 (desenho)
 - 09 Sala 2 (escultura e cerâmica)
 - 10 Sala 3 (multifusos)
 - 11 Galeria
 - 12 Arrumos
 - 13 Arrecadação
 - 14 Instalações sanitárias públicas
 - 15 Espelho de água
 - 16 Pátio

0 5 25





CORTES

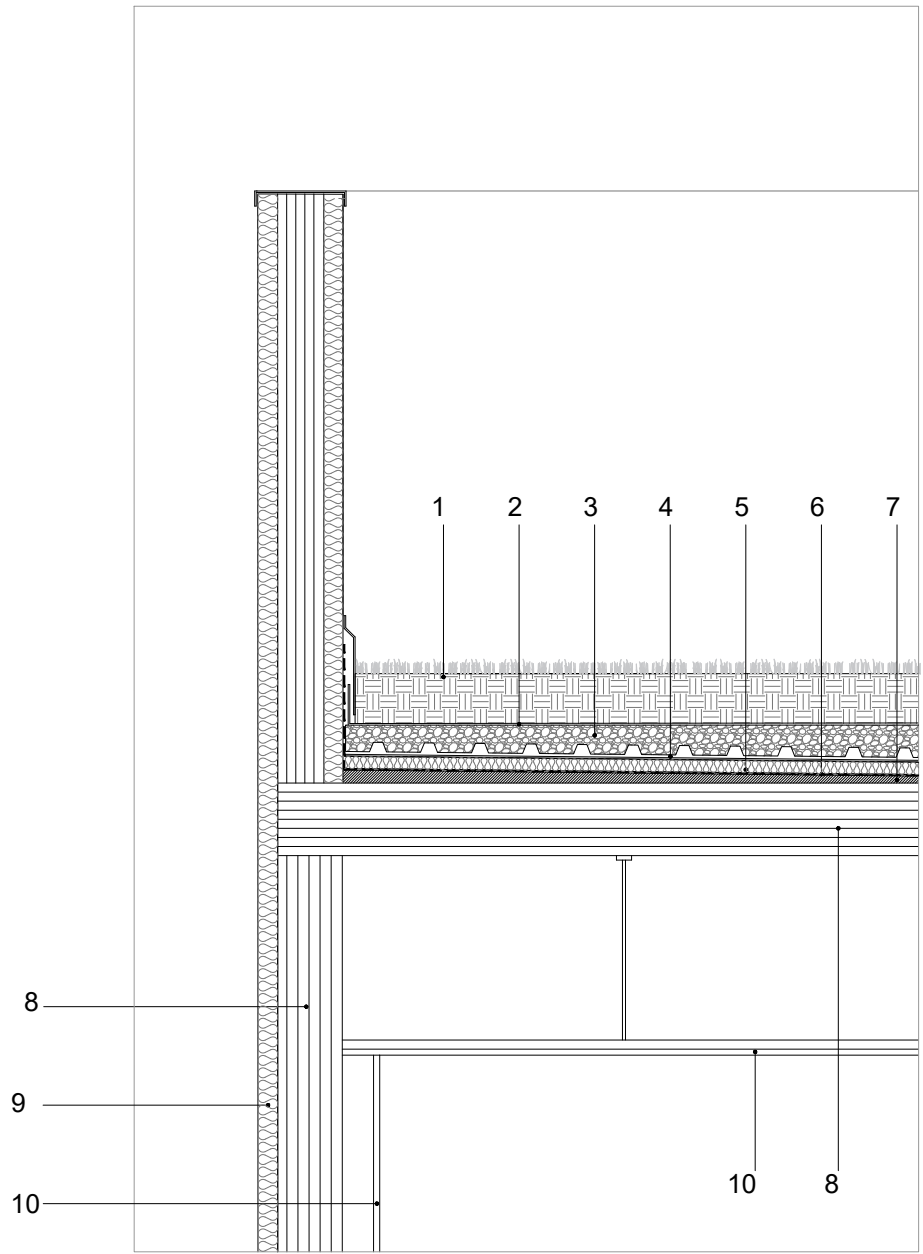


CORTE B-B

Escala
1:250

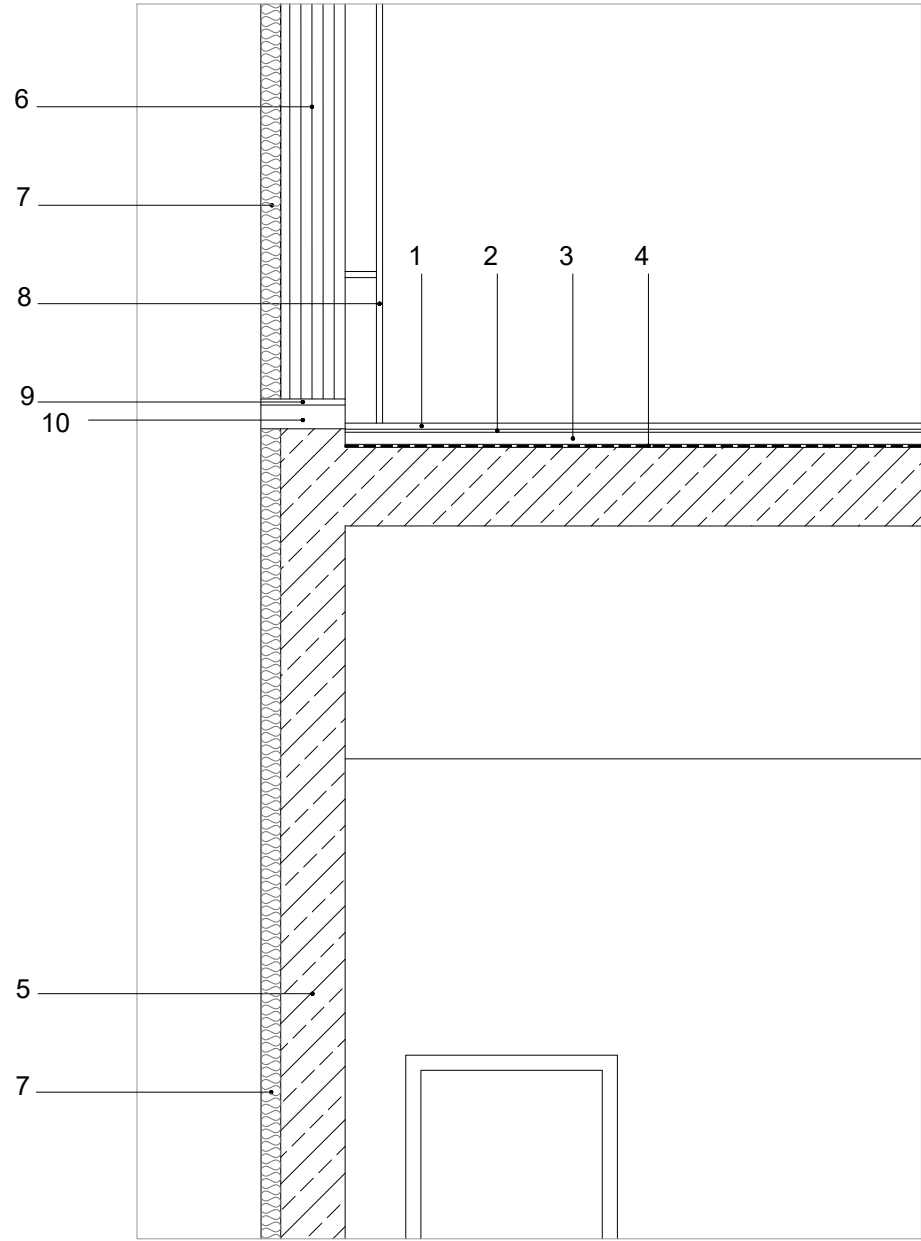


DETALHE A



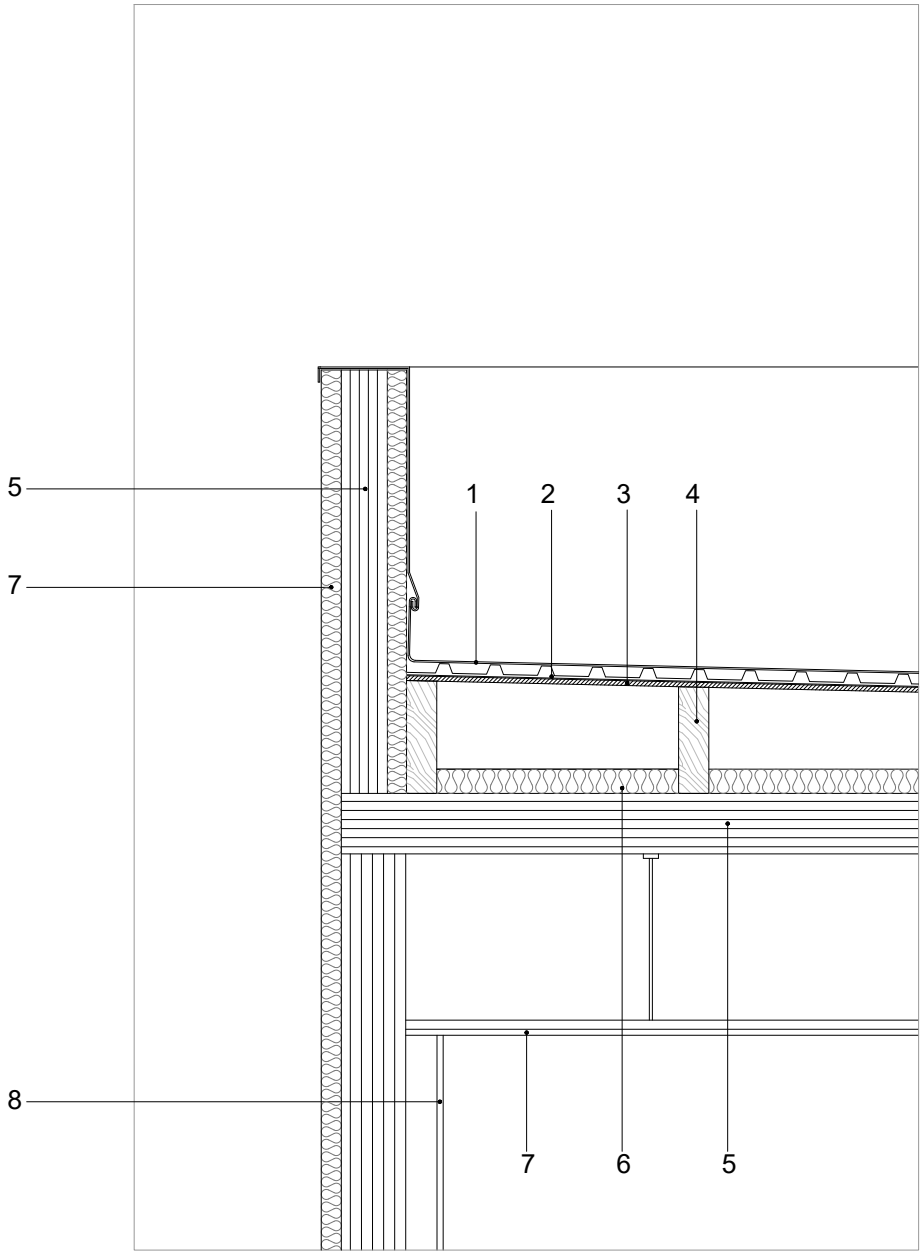
1. Solo
2. Manta geotextil, com protecção antraizes
3. Camada drenante tipo brita
4. Membrana drenante pitonada
5. Isolamento térmico
6. Impermeabilização
7. Camada de forma
8. CLT (Cross Laminated Timber, ou Madeira Laminada Cruzada)
9. ETICS (Sistema de Isolamento Térmico pelo Exterior)
10. Gesso cartonado

DETALHE B



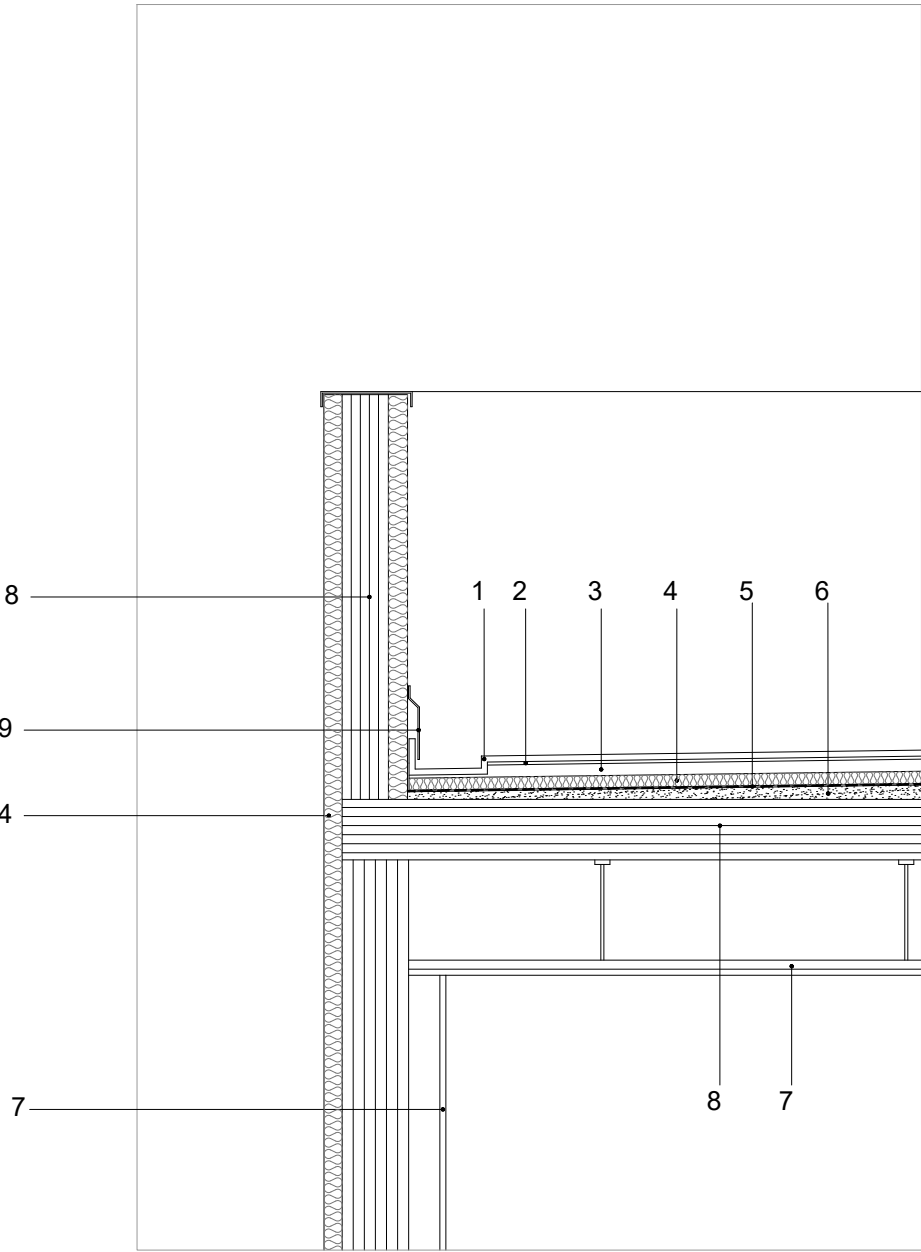
1. Pedra tipo mármore
2. Argamassa de assentamento
3. Betonilha
4. Manta acústica
5. Betão armado
6. CLT
7. ETICS
8. Gesso cartonado
9. Tela impermeabilizante
10. Placa de material resiliente

DETALHE C



1. Revestimento zinco - Junta agraçada
2. Membrana drenante pitonada
3. Placa OSB (Oriented Strand Board ou aglomerado de partículas de madeira longas e orientadas)
4. Barrote de madeira
5. CLT
6. Isolamento térmico
7. ETICS
8. Gesso cartonado

DETALHE D



1. Pedra tipo mármore
2. Argamassa de assentamento
3. Betonilha
4. Isolamento térmico
5. Impermeabilização
6. Camada de forma
7. Gesso cartonado
8. CLT
9. Zinco

DETALHE A, B, C e D

Escala
1:25



CORTE A-A

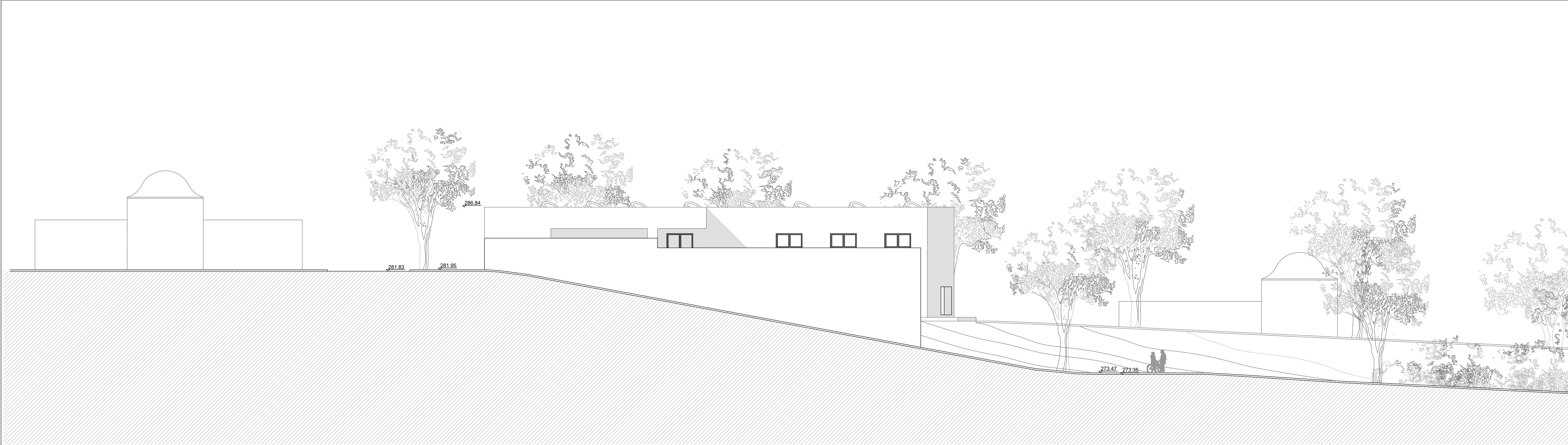
Escala
1:250



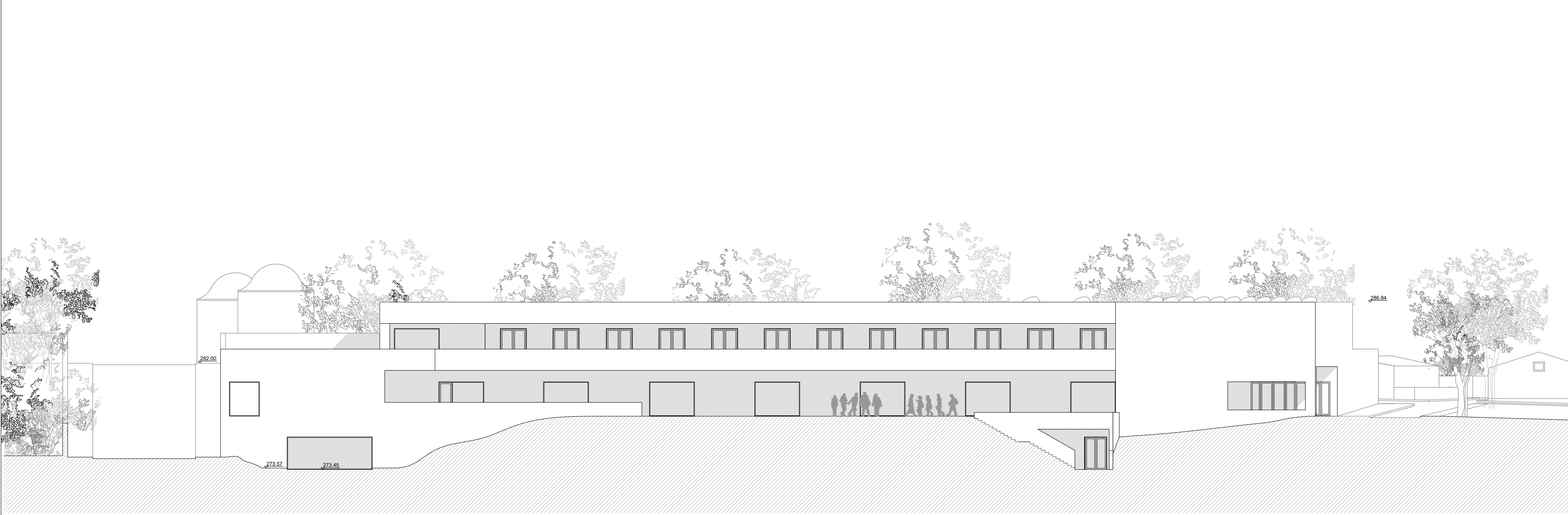
ALÇADOS

Escala
1:250

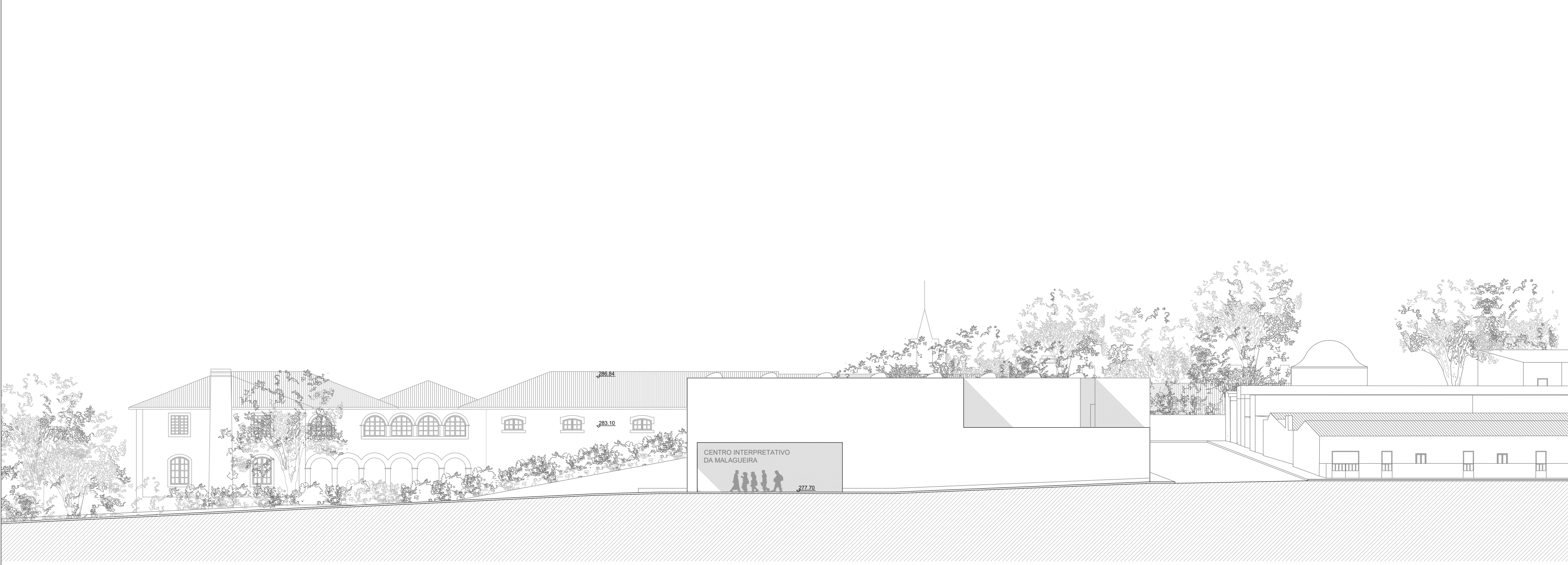
ALÇADO NORTE



ALÇADO OESTE



ALÇADO SUL



ALÇADO ESTE

